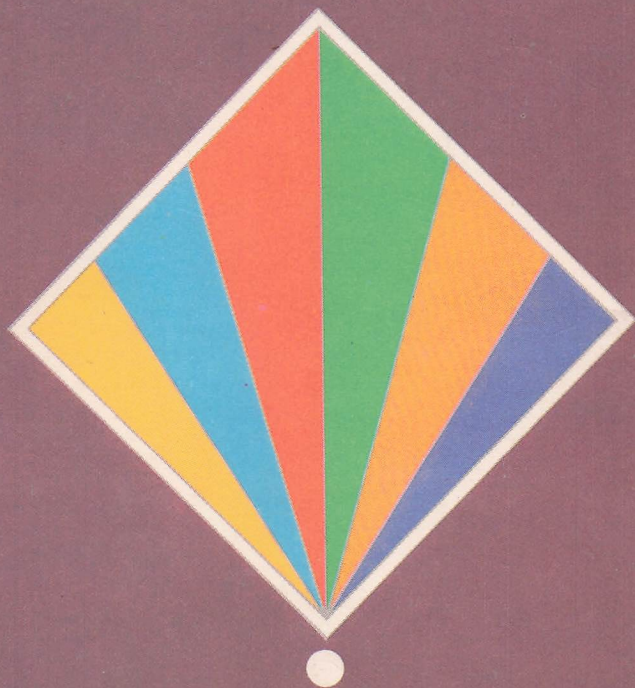


DOM BOSCO

uma visão histórica



Alberto Caviglia



Alberto Caviglia

DOM BOSCO

uma visão histórica

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
SÃO PAULO
1987

Título original
DON BOSCO — profilo storico
© Societá Editrice Internazionale (Torino)

Tradução e notas
Antônio da Silva Ferreira

Revisão
Pe. Antônio Lages

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

C375d Caviglia, Alberto, 1868-1943.
Dom Bosco : uma visão histórica / Alberto Caviglia ; [tradução e notas Antônio da Silva Ferreira]. — São Paulo : Editora Salesiana Dom Bosco, 1987.
(Coleção Pedagogia Viva)
1. João Bosco, Santo, 1815-1888 I. Título. II. Série: Pedagogia Viva.

87-1798

CDD-922.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 922.22

Editora Salesiana Dom Bosco
Cx. Postal 30.439 (Rua da Mooca, 766)
01051 — São Paulo — SP
Tel.: (011) 279-1211
Telex: (011) 32.431 ESPS BR

ÍNDICE

<i>Prefácio da segunda edição italiana</i>	5
<i>Ao leitor</i>	9
1. DOM BOSCO NA HISTÓRIA	11
O século de Dom Bosco	11
Contribuição de Dom Bosco para a vida da Igreja ...	14
Bondade e simplicidade	16
Ação na sociedade	18
Salvar a juventude	21
O sistema educativo de Dom Bosco	24
O homem de Deus	31
O empresário do bem	35
Um monumento a Dom Bosco	38
2. AS ORIGENS DE DOM BOSCO	40
Os anos da juventude	40
O sonho dos nove anos	45
As lutas da pobreza	48
3. O ACONTECER DE DOM BOSCO	51
Padre Cafasso e Dom Bosco	51
Libertar o jovem do mal	53
Viver em comunhão	57
O primeiro Oratório	58
O Oratório ambulante	63
A casa Pinardi	65
Com Mamãe Margarida	66
4. A PERSONALIDADE DE DOM BOSCO	71
Um físico excepcional	71
Operosidade	72
Autodomínio	73
Coração de bondade	75

Jovialidade serena	77
Vigor intelectual	78
Dom Bosco escritor	83
Personalidade espiritual	84
5. O ACONTECER DE SUA OBRA	90
Sonho e realidade	90
Os novos Oratórios	94
A sociedade salesiana	96
Dom Bosco e a política	100
O internato	104
O ensino profissionalizante	105
O salesiano coadjutor	110
O curso ginásial	112
Os colégios	113
Amor educativo	115
Educação artística	118
Inserimento no meio social	120
O Grégio	121
Interação Oratório-Sociedade	123
Dom Bosco escritor popular	124
Dom Bosco editor	128
6. OS GRANDES EMPREENDIMENTOS	132
O sonho da roda	132
A Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora	133
A Sociedade Salesiana	137
O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora	138
Aprovação da Sociedade Salesiana	140
Espontaneidade na unidade	142
Os Cooperadores Salesianos	144
Vocações adultas	147
As Missões no exterior — Os emigrantes	149
Expansão da Congregação na França	155
Importância da França para a obra de Dom Bosco	157
Dom Bosco administrador da caridade pública	158
Viagens de Dom Bosco	161
Em Roma	163
O triunfo de Paris	166
Em Barcelona	170
A igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma	170
Os últimos dias	173
A glorificação de Dom Bosco	176

A quem lê:

Este perfil histórico apresenta a figura de um santo da Igreja, Dom Bosco, mas não é uma vida de santo.

A luz do santo, ele vê o homem da história. Quer delinear-lo com os traços que, na vida que ele viveu, dão melhor a idéia de sua importância e de sua bondade. Deseja que da sua realidade concreta brote a persuasão, quase a sensação, de que no homem extraordinário da história há alguma coisa de transcendente, que só pode ser a santidade pessoal e o sinal da mão de Deus.

Dom Bosco é grande e é santo. É grande porque é santo. Não se lhe pode compreender a grandeza sem as razões de sua santidade. Porém a nossa maneira moderna de pensar prefere chegar à verdade e convencer-se dela partindo das provas da vida para chegar à santidade, em lugar de explicar aquela com dados superiores à natureza. Todavia o resultado alcançado é sempre o mesmo: do homem voltamos ao santo. Mas, ao menos para nós, ele nos parece então mais chegado e maior.

Nossa palavra não se dirige tanto à fé dos devotos, mas à mente e ao coração de quem vive num mundo diverso daquele no qual tiveram lugar as preocupações e para o qual surgiu a obra de Dom Bosco. Seu objetivo é levar a compreender como, quanto e por que ele foi grande.

Podem existir profanos em relação à religião. No campo do bom coração e da caridade não existem tais, ou pelo menos não deveriam existir. A esses, aos que têm o bem no coração e na vontade, dirige-se a modesta palavra de quem escreve.

Essa palavra alegra-se, desta vez, por sentir-se mais à vontade que em 1920, quando se apresentou em primeira edição. Naquele tempo, as condições da vida pública e social e aquelas — tão delicadas — do processo canônico para a beatificação obrigavam quem escrevia sobre Dom Bosco como que a dizer e não dizer ao mesmo tempo. Agora as circunstâncias mudaram em todos os sentidos. O Processo terminou numa das mais triunfais canonizações, e o clima espiritual, quero dizer, a disposição do ânimo para com as coisas referentes à religião, — pelo menos na Itália, — tornou-se mais serena e mais disposta, senão à adesão, pelo menos à objetividade e ao respeito.

Por todos esses motivos tinha-se resolvido aguardar um pouco antes de renovar o presente trabalho, que bem cedo se exaurira após a primeira edição. Não porque existisse algum motivo de hesitação, mas porque uma vez complementadas as coisas, se destacasse mais vivamente seu caráter próprio em meio às demais figuras da hagiografia.

Nesse meio tempo, interveio com suas afirmações solenes e profundas o Papa Pio XI, que já é considerado um grande Pontífice, e que engrandeceu Dom Bosco não só nas honras do Rito, mas também na admiração da Igreja e dos povos.

Floresceu ao redor do santo da educação e do apóstolo cristão uma nova literatura, variada e muito abundante, e às vezes até sólida e segura, que supera sem dúvida a que já existia em grande número naquele outro momento.

Algumas vezes, as augustas palavras do Vigário de Cristo vão ser transcritas aqui literalmente para confirmar um conceito que, modestamente, mostrara-se já completamente de acordo com o seu. À multiforme riqueza dos livros recorrerá quem desejar conhecer mais extensa e minuciosamente o tesouro dos fatos, ou quem procurar um enredo continuado e piedoso.

Como ofereci filialmente à sua alma Bem-aventurada os demais trabalhos que há anos venho conduzindo sobre os escritos do caríssimo pai que me acolheu e me guiou quando eu era menino, ousou apresentar também este, que quer mostrá-lo como nos apareceu e como existiu na realidade da história, qual homenagem, infelizmente tão pobre, à sua grandeza de santo.

Alberto Caviglia

Muito contribuiu a coleção PEDAGOGIA VIVA para a difusão do Sistema Educativo de Dom Bosco nos meios educacionais brasileiros. Três pequenos volumes dedicados expressamente ao estudo do educador piemontês, mais alguns capítulos e acenos esparsos em outras obras, criaram o clima propício para que se pense agora em publicar o estudo de Alberto Caviglia¹, Dom Bosco — uma visão histórica. Os mais de sessenta anos passados desde que veio à luz a primeira edição italiana do opúsculo, só serviram para consagrá-lo como obra fun-

¹ Alberto CAVIGLIA nasceu em Turim, em 1868. Entrou para o Oratório de Valdocco em 1881. Por três anos teve Dom Bosco como seu confessor. Salesiano em 1885. Sacerdote em 1892. Só em 1905 pôde iniciar estudos superiores em História. Ingressando na Universidade, teve a surpresa de ver um livro de sua autoria recomendado como leitura obrigatória aos alunos de prosódia e métrica latina. Estudou também Artes. Lecionou no Instituto Internacional Dom Bosco, no Seminário Metropolitano e na Academia Albertina, de Turim. Foi Membro efetivo da Comissão para a História Pátria da Itália. Publicou estudos em revistas européias. Fez conferências em diversos países da Europa. Por fim concentrou seus esforços na edição crítica dos *Escritos publicados e inéditos de Dom Bosco*, dos quais foram editados seis volumes. Faleceu durante a segunda guerra mundial, em Bagnolo, em 1943.

De seu espírito religioso e de seu amor a Dom Bosco falarão as mesmas páginas do presente livro.

damental e indispensável para o conhecimento mais aprofundado de Dom Bosco.

O que apresentamos aqui não é apenas uma tradução, mas uma nova edição do trabalho. Quanto ao conteúdo, respeitou-se o texto da primeira edição. As modificações introduzidas posteriormente pelo autor foram analisadas cuidadosamente e conservou-se o que pareceu pertinente ao leitor brasileiro. Além disso, abundantes notas foram acrescentadas ao longo do texto, principalmente para apresentar as pessoas de quem se trata. No tocante à linguagem, passados aqueles momentos de justa euforia provocados pela canonização de Dom Bosco, pareceu-nos ater-nos a um tom mais comedido e objetivo, sem no entanto nos esquecermos de que Alberto Caviglia não falava como nós falamos hoje. Reconhecemos que nem sempre conseguimos nosso objetivo. Introduzimos intertítulos ao longo de cada capítulo.

Dom Bosco — uma visão histórica não é um livro para quem inicia o estudo de Dom Bosco. Ele supõe no leitor a capacidade de ir além dos limites culturais de nosso tempo e espaço brasileiros para colocar-se numa perspectiva mais universal. Será necessário um esforço inicial para converter-se a essa perspectiva, mas o resultado vai compensar.

Um agradecimento sincero aos que trabalham na Biblioteca da Universidade Pontifícia Salesiana e na Biblioteca Central da Casa Geral Salesiana, de Roma, pela solicitude com que tornaram mais fácil a elaboração das notas. Agradecemos à tenacidade do Pe. Luiz Gonzaga Piccoli que, por assim dizer, forçou-nos a realizar esta edição. Valeu a pena deixarmo-nos vencer por ele.

Nossa Senhora de Dom Bosco torne a leitura destas páginas proveitosa a todos os que as tiverem em mãos e multiplique os frutos do Bem.

O Tradutor

1. DOM BOSCO NA HISTÓRIA

O século de Dom Bosco

Quer as grandes obras, quer as grandes figuras do Cristianismo, aparecem-nos assinaladas na história por esta dupla característica: se por um lado são filhas de seu tempo, refletem suas tendências espirituais e necessidades, por outro lado surgem para se opor — e, sabendo-o ou não, se opõem de fato, — aos males próprios da sua época, isto é, falando mais precisamente, às conseqüências degenerescentes das mesmas tendências e necessidades que deixam nelas a sua marca. Em suma, são todas a um só tempo filhas de sua época e remédio aos males, imediatos ou remotos, dela.

O espírito e a instituição franciscana, para citar um exemplo, respondendo à caminhada do ideal cristão que reflorescia na bela idade das cidades italianas, foi um chamado à simplicidade e pureza evangélica. Apoiou-se de preferência na pobreza e na austeridade da vida, que se manifestava no novo povo, e não na autoridade, que então se tornara princípio de dominação tirânica. Por outro lado, serviu de remédio e se opôs aos excessos daqueles que, em nome do Evangelho, se rebelavam à autoridade e ao magistério da Igreja de Roma e acabavam em seitas que subvertiam a religião e a ordem civil. A corrente que culminou nos Valdenses e a corrente franciscana nasciam de um mesmo movimento espiri-

tual que gerava o bem ou o mal, conforme se deixasse conduzir pela retidão e nobreza de espírito, ou por uma vã e torpe presunção pessoal.

Em tempos menos longínquos, no século XVI, a Companhia de Jesus teve como modelo o conceito da autoridade absoluta, fosse ela a humana, que inspirava a grande monarquia espanhola, fosse a espiritual, que se consolidou no Concílio de Trento. Surgiu assim como um organismo que se corroborava principalmente pela disciplina, contrapondo a obediência absoluta da vontade e do pensamento à desagregação do individualismo protestante.

O mesmo acontece com Dom Bosco. Nasceu justamente no ano em que se desfaz a construção política da revolução. E vai viver num século que aspira à redenção e à elevação das classes humildes e que busca na democracia a justa organização social. Um século que, chamando-se das luzes, quer a instrução, a ciência e o progresso de todos e de tudo; que se empenha com crescente fervor em favor da educação do povo no sentido moral, civil, político, social; que se dirige ao povo para as reivindicações nacionais e que adapta ao povo o espírito e as formas da nova literatura e da nova arte.

Cada homem é, mais ou menos, aquilo que o fazem ser seus primeiros trinta anos de vida. Pensem no que foi o século XIX nos trinta anos que vão de 1815 a 1845, nas correntes de idéias, nas tendências, e também — se quiserem —, nas aberrações. Foi então que amadureceram, entre movimentos populares e reações, os germes que desabrocharam e frutificaram nos sucessivos trinta anos. Ora, a vida mais ativa e mais verdadeiramente construtiva de Dom Bosco se desenvolve exatamente nesse tempo e mostra já em ato e desenvolvidos os germes que lhe provieram da idade em que formou a mente, o coração, o caráter, em suma, todo o seu ser. E quanto mais se conhecer em profundidade a história

do tempo em que Dom Bosco foi jovem (digo a verdadeira, que é história de vida e de idéias) e quanto mais intimamente se estudar a obra por ele realizada, tanto mais se há de reconhecer como verdadeiro que ele é filho do tempo em que viveu; que sua obra respondeu às necessidades do tempo.

Há, porém, ainda um outro lado da coisa a considerar. O fervor do progresso econômico degenerou no materialismo histórico e a exaltação do trabalho humano adulterou-se no industrialismo e na excitação do hedonismo do proletariado. O zelo pela educação e a instrução das classes populares vai levar ao excesso de burocratização escolar do Estado, que descuidou a formação moral ou a interpretou erroneamente, sujeitando-a aos interesses políticos. A providência oficial em favor das classes inferiores se esterilizou no aliviar os males que derivam da miséria, esquecendo-se da verdadeira pobreza do dia-a-dia de cada um. Como resposta, Dom Bosco uniu ao trabalho o princípio cristão da vida moral e do respeito à autoridade; na escola inseriu o princípio ético do cristianismo, que deriva da fé e é feito de amor que previne; na convivência das classes fez reviver a caridade para com os humildes; na nova vida da Igreja cuidou da formação cristã do laicato.

Não quero dizer que ele, fazendo o que fez, tivesse presentes todas essas fórmulas, que nos parecem posteriores ao seu tempo. Sem falar por enquanto de previsões, basta-nos constatar que ele tinha substancialmente a consciência e a intenção de agir de modo tal que a obra por ele desejada e realizada, ou a que ele iniciou, pusesse remédio ao mal e levasse a cabo o bem que tais fórmulas significam.

É bom fazer notar logo que sua obra não se exaure com o tempo no qual e para o qual surgiu. Portanto ela não se ateve aos fenômenos passageiros da história, mas a quanto o seu século transmitiu aos tempos que seguem. Por isso é duradoura e universal.

Sabemos que o século XIX mudou a face do mundo em todos os sentidos — sejam eles bons ou maus — e em todos os campos, sem excluir o campo da religião que, se não foi modificada em si mesma, veio no entanto a encontrar-se em condições tais que nunca se tinham verificado nos séculos anteriores.

Uma das características desse século foi sua atenção para os humildes e o povo. Podemos dizer que sobre eles e por eles foi fundada, qualquer que ela seja, a reconstrução política e social. Por um lado foi um bem. Abusar disso é que foi mal, e nós o pagamos na maneira e com as dores que todos conhecem. Dom Bosco endereçou tal tendência para o bem. Sentiu-a tanto mais profundamente e preparou um remédio tanto mais eficaz na medida em que escolheu entre os fracos os que eram mais fracos, isto é, as crianças; e entre os humildes escolheu os pobres e os abandonados, para arrancá-los à miséria do pão e do espírito e fazer deles novas gerações de trabalhadores do braço e da mente, possuídas do princípio sadio da convivência social cristã.

Contribuição de Dom Bosco para a vida da Igreja

Acenei ao fato religioso. É óbvio pensar que um santo canonizado não se ocupa do campo social por escopo puramente humano e que seus cuidados e intenções buscam uma esfera mais elevada. Dom Bosco foi por excelência um conquistador de almas. Conquistá-las para Deus foi seu único e supremo objetivo. *Dai-me almas e ficai com o resto* foi o lema de seu empreendimento. Tal fato é comum aos santos que se dão à vida ativa, mas nele se manifesta através de uma intensidade e amplidão de obras e de intentos toda sua. Mas justamente com ele, mais ainda, no cumprir o seu programa — que é também sua tarefa providencial, sua vocação pessoal e histórica —, ele trouxe à vida da Igreja outros valores, talvez inexauríveis. Vamos considerá-los

em seus efeitos e contribuições positivas, mais do que considerá-los uma reação contra deficiências e males que enfraqueciam a vida interna da Igreja.

* São eles: ter chamado a atenção para o cuidado da juventude, indicando para isso orientações e métodos; promover a conservação da fé no meio do povo com o impulso dado à propagação da imprensa; chamar o laicato à ação cristã em união com o apostolado hierárquico da Igreja; criar um organismo religioso de espírito moderno, tríplice nos seus ramos, — o eclesiástico, o laical e o feminino, — capaz de adaptação aos tempos e aos lugares, ativo e multiforme, com um programa de compenetração cristã da sociedade quase sem exclusões. Mais intimamente, é uma contribuição sua o impulso e o ardor da vida eucarística contra o congelamento jansenístico, uma espiritualidade cristã simples na prática e a realização do princípio já afirmado por S. Francisco de Sales: que a santificação consiste no cumprimento do próprio dever e que é através dele que se chega a ela.

Tal enumeração dos valores que por mérito de Dom Bosco se fizeram sentir na vida da Igreja é por esta reconhecida como histórica. Nos cinco discursos pronunciados por Pio XI sobre Dom Bosco em várias circunstâncias oficiais ou públicas, ele definiu o imenso valor *histórico* (para não dizer espiritual) da obra realizada por esse homem que a Igreja quis colocar entre seus santos.

Com esses contornos apresenta-se a figura do humilde padre piemontês na história do Cristianismo e da sociedade presente (não podem dissociar-se uma da outra se quisermos entendê-las plenamente). Configurada dessa maneira, aquela é figura de alguém verdadeiramente grande porque adivinha o seu tempo e lança nele sementes de futuro. Diversamente do que lança no mundo um verbo novo, uma palavra profética, existem os que — mais silenciosamente — abrem nele um caminho novo, que outros expressarão depois com a palavra.

Dom Bosco é destes últimos: tem origens no seu tempo e destaca-se dele para avançar, obtendo com a simplicidade dos meios a eficácia mais vasta.

Nem se pode omitir outro aspecto essencial de tal grandeza: Dom Bosco é um santo, e a Igreja o definiu como tal. A sociedade civil sente a obrigação de erigir-lhe monumentos e dar o seu nome a ruas e instituições. É porque ele foi daqueles santos que se impuseram ao culto agradecido do mundo civil, como campeões de uma virtude benéfica que não se fecha em si mesma, mas se expande através da caridade dos outros e lança a semente de infinitos outros gestos de bem, com a genialidade da inspiração que vivifica e com a sabedoria da organização que faz durar.

Pode-se examinar esse doce — e no entanto tão poderoso e extraordinário — gênio do bem com o olhar da fé, ou com o olhar do homem de coração, ou com o olhar frio do estudioso que busca só o fenômeno e permanece — enquanto se pode — insensível ao fascínio do belo e do bom. Não conseguiremos nunca separar essas duas idéias que nele se encarnam ou ocultar um dos dois aspectos: o homem do Cristianismo, ou seja, o santo, e o homem da ação poderosa e amplamente renovadora da educação e da caridade.

Bondade e simplicidade

O ter delineado dessa maneira um esboço, com linhas fortes e que ressaltam os traços com amplitude, não nos deve contudo levar a uma idéia que destoe da realidade.

◦ Dom Bosco é sobretudo uma figura de bondade. É esse um conceito tão verdadeiro e tão bonito (e a gente tem tanta carência disso!), que dificilmente se resiste à vontade de enquadrar nele toda a representação da vida e do trabalho desse homem. Não vou, porém, fazê-lo,

ou pelo menos não com a tangível evidência das palavras ou do rigor dedutivo. Será preferível deixar que ele se faça sentir parte por parte ou na sua substância. O leitor chegará a compreender isso por si quando pensar que, infelizmente, para a grande maioria dos homens as figuras boas parecem dotadas de menor grandeza; quando pensar que se sente menos a preciosidade de certas pedras de valor (quero dizer, a poderosa intensidade das obras) se não são lapidadas de maneira que brilhem em cada uma de suas facetas.

◦ Uma das singularidades e das características desse grande instaurador cristão é o contraste que existe entre a magnitude consciente da obra que se realiza por seu intermédio, a vontade de realizá-la — unida à segurança profética do êxito — e a simplicidade de seus gestos e de sua linguagem. Não existe nunca a posse nem o gesto teatral ou imperioso, nem a palavra grandiloquente ou camuflada de imagens fortes, nem mesmo quando contempla sorrindo o agigantar-se da própria obra. Em roda dele realizam-se coisas muito importantes como se fossem as tarefas quotidianas da pequenez do dia-a-dia. Economizam-se os soldos como se gastam; com o mesmo estilo conversa-se a respeito de uma medida a ser tomada em casa e de uma nova empresa que vai interessar uma outra parte do globo; trabalha-se para “salvar a juventude” e trabalha-se para corrigir ou para levar à santidade um juvenzinho que dá o que pensar ou que desperta grandes esperanças; escreve-se a soberanos ou ao Papa com digna modéstia, e a uma pobre viúva com a mais delicada circunspeção da caridade que não se quer fazer notar.

Em Dom Bosco manifesta-se o sobrenatural, e não só enquanto suscita grandes coisas do nada, mas também enquanto se assemelha aos taumaturgos e aos profetas. No entanto, ele é uma singularíssima imagem de perfeita simplicidade e de equilíbrio na vida quotidiana e no trabalho prático, conservando-se não sei se inferior

ou superior às coisas que dele procedem ou dele tomam forma. Essa é a marca quase infalível dos homens de Deus.

Até na sublime tarefa da santificação individual — própria ou alheia — ele se atém a maneiras simples e rotineiras. Não criou nenhuma forma especial de práticas de piedade; usa as que já existiam. É indiferente às fórmulas e, em certo sentido, até às formas. É realista, gosta do que é simples, vai à substância das coisas. A sua ascética, como a dos que o seguem, quase nem se pode chamar assim, tampouco conhece a linguagem toda especial da doutrina do espírito. Consiste sobretudo em trabalho assíduo e em santificação do trabalho e do dever por intermédio da caridade. É uma ascética que guarda todas as aparências de uma espiritualidade *do meio termo* e que apesar disso fez um certo número de santos e um grande número de heróis. Dir-se-ia que ele e os seus traduziram todas as coisas mais solenes para uma forma comum de se exprimir, antes, para uma expressão caseira. E ainda hoje, se existe alguma coisa que destoia no estilo da sua instituição é o tomar pose e o usar de retórica, da mesma forma que não lhe quadra bem o requinte senhoril: nela tudo se passa como entre as pessoas da classe média, e até de classe mais baixa. É como se tomássemos um ônibus convencional, mas do modelo mais recente: viaja-se tão bem como nos outros e chega-se ao mesmo lugar.

Ação na sociedade

Não sei se deriva disso, mas certamente com isso tem grande afinidade e se relaciona aquela que — em outros — seria chamada de esperteza ou política, e que não é senão uma forma mais elevada e mais aprimorada da caridade.

Explico-me. Quem quer que trabalhe para o bem — quer preservando, quer formando —, por força das coisas humanas está em luta contra o mal, digo, contra aquele mal concreto e personificado na sociedade ou nos indivíduos.

As novas condições sociais e a responsabilidade que nelas tinham as classes dirigentes traziam em si um mal congênito; a irreligiosidade e a imoralidade procuravam dominar na teoria e na prática; na Itália, infelizmente, o anticristianismo e o anticlericalismo quiseram associar-se aos nobres feitos do ressurgimento da nação; diversas teorias sociais desagregavam a estrutura social e, com o ódio, a rebelião, a dissolução da família, reduziam os povos à infelicidade e à miséria. O trabalho de Dom Bosco foi luta contra tudo isso.

Essa luta assumia forma inteiramente diferente da contestação combativa posta em prática por outros homens e em outros tempos, mesmo em favor da boa causa; contudo, nem por isso perde em vigor e em eficácia.

Ao que parece, ele se restringiu ao trabalho de infiltrar no organismo intoxicado e enfermo da sociedade moderna alguns elementos ou células sadios ou, se preferirem, de colocá-los no lugar de outros. Trabalho de clínico, diria, mais do que de cirurgião; profilaxia e reconstituição mais do que uma cirurgia. Explico-me. Escolhendo de preferência a categoria mais numerosa e que mais facilmente se deixa levar pelo influxo do mal, o que ele essencialmente queria era curar e corrigir muitas almas humanas, tornando-as boas e robustas na idade própria da formação moral.

Em tudo o mais, não desceu ao campo nem em pessoa, nem inserido num partido, para combater o mal que estivesse personificado em quem quer que fosse. Nem mesmo quando se valia do formidável instrumento da imprensa: foi propugnador ardoroso e efetivo da boa

imprensa, daquela que ensina e inculca a verdade e a moral, rejeitando os erros que as insidiam, mas evitou qualquer ação que mais ou menos diretamente o envolvesse na política de seu tempo (e não foi fácil para ele abster-se disso) e utilizou a polêmica unicamente para defender o credo católico hostilizado abertamente pela propaganda heterodoxa.

Contudo, em relação a tudo quanto as seitas que dominavam a vida pública iam insinuando ou realizando para sufocar a religião ou para abater o Papado, não se encontram nele nem atitudes briguentas, nem asperezas próprias de um adversário. Ele trabalha para o bem, para a religião e para a Igreja; não tem sequer necessidade de nomear as seitas e os partidos que a isso se opõem: ele é do partido do bem, é católico, e isso lhe basta.

Não que ele se una a quem é contrário à Igreja ou com eles seja conivente ou transija. Muito menos ainda, que se abstenha de se opor declaradamente aos intentos deles por medida de prudência, a fim de evitar aborrecimentos, aliás teve-os da mesma maneira, e não só de quem estava em campo contrário! Todavia é preciso entender que o seu é um trabalho diferente, definido em termos tais que exclui aquele tipo de ação. Antes, freqüentemente tem necessidade de manter-se em contato com aqueles que deve combater e necessita até da ajuda deles para fazer o bem que vai suplantiar o mal que eles fazem com maior ou menor consciência. Aproveita-se, então, do que neles existe de inconsciente, e do lado bom que (se não quisermos ser inteiramente pessimistas) existe em cada homem, até mesmo quando empenhado num partido que não parece ter lá muita coisa de bom. Para fazer o bem, o *seu* bem, ele tem necessidade de todos, não importa que eles sejam *guelfos* ou *gibelinos*¹.

¹ Favoráveis ou contrários ao poder temporal dos Papas.

Todos os paladinos da caridade foram desse jeito. Para Dom Bosco, quase que a única arma, e por sorte a mais eficaz de sua luta, como também o instrumento mais poderoso de bem que ele produziu foi a caridade.

Assim ele passa em meio aos partidos em luta e bem perto do campo inimigo. Não entra nele, nem tem ares de quem deseja expugná-lo. Também não é por ele atacado. Atrás dele vem a legião de seus meninos, de suas obras, de seus colaboradores, mostrando com franqueza e simplicidade os próprios princípios e indicando abertamente a meta à qual seu caminho conduz. E de todas as partes todos o respeitam e o admiram.

Entre as lendas romanas existe também a de Fáblio que, atravessa o terreno pelo inimigo, a fim de ir oferecer o sacrifício costumeiro de seu povo, e pode voltar incólume e venerado pelo adversário.

Esta é lenda que educa. A de Dom Bosco é história consolidada pela sabedoria e pela coragem de quem trabalha pelo reino de Deus.

Salvar a juventude

Uma luta silenciosa, mas tenaz como esta, não pode ser levada adiante de forma inconsciente e desordenada. Ela é ação ponderada e sistemática, tanto mais por ser trabalho de penetração e de afirmação.

Mas nisso não esperemos, absolutamente, encontrar algum posicionamento filosófico ou doutrinário.

Dom Bosco — desculpem-me o neologismo — não é um homem cerebral. É homem de coração. E, coisa que é rara a não ser nos santos, sabe unir a visão dos grandes empreendimentos e ao empreendimento das grandes intuições também a aptidão para o trabalho minucioso e obscuro da bondade simples e prática. Age da mesma maneira como age o coração humano

que, por maior que seja, demora-se em abraçar coisa por coisa e homem por homem, como se não tivesse diante de si uma tarefa grandiosa e remota e, como se costuma dizer, um programa arquitetado em vastas linhas.

Dom Bosco, e para mim este é um dos aspectos singulares de sua existência, tende justamente à sua vasta tarefa e ao cumprimento de um programa que se vai revelar orgânico e grandioso, mediante aquela maneira de agir que é própria do homem de coração e, para usar a palavra mais adequada, é o estilo da caridade.

Chamaram-no de pai dos órfãos, de Vicente de Paulo de seu século. E com justiça. Em torno dessa ação primordial e até mesmo central, pode-se dizer que se agrupa quase tudo o que ele operou; e tudo dela depende e com ela está relacionado. Quem toma a peito narrar-lhe a vida todinha, caso não se contente com o expor os fatos um depois do outro — deixando a quem lê o trabalho de elaborar por si mesmo o conceito e a figura do homem do qual procedem — mas, ao invés, queira reunir debaixo de um só ponto de vista aquilo que ele foi, para defini-lo integralmente, pode preparar-se para encontrar no conceito de caridade que educa e da paternidade benfazeja a síntese que procura e que, para dizer a verdade, nem é fácil de se construir nem se consegue apresentar com habilidade.

Se procurarmos emoldurar a linha biográfica de Dom Bosco dentro de títulos por antonomásia, ela se apresenta, à primeira vista, simples e com um único fio. Na realidade ela é, pelo contrário, bastante complexa e múltipla, ao menos durante a trintena de anos de maior atividade, que é a segunda de sua vida.

Também aqui aparece o contraste que torna tão alta e nobremente interessante a sua figura histórica. Então o educador e o pedagogo, o pai dos órfãos e o que congrega os meninos abandonados, o fundador de

congregações, o propagador do culto de Maria Auxiliadora, aquele que instituiu uniões laicais que se estendem pelo mundo inteiro, que soube suscitar a cooperação na caridade, que propôs missões longínquas, o escriptor popular de livros morais e de apologias religiosas, que sustentou validamente a imprensa honesta e católica, que criou tipografias cristãs e coleções de livros, o homem da piiedade religiosa e da caridade e o homem envolvido em atividades humanas ou de interesse público, trabalham e vão adiante juntos, num só tempo, não como se fossem pessoas diversas que nasceram destinadas só para aquilo, mas se fundem na única pessoa de um padre sem ares de importância, que nunca perde a serenidade do aspecto nem a modéstia de seu trato bem composto, que não se apresenta com grandes gestos espetaculares nem enriquece seu vocabulário ou seu estilo de falar com a retórica das grandes frases.

Pois bem, nessa espantosa multiplicidade em que parece residir a contradição de uma antítese, há, no entanto, lugar não só para a coordenação, mas ainda para a síntese. Assim como não diz tudo quem faz de Dom Bosco somente um grande educador ou um homem caridoso e benéfico, assim não o compreende em seu verdadeiro ser quem separa aqueles vários empreendimentos como se fossem procedentes de atitudes variadas e dissociadas de um espírito multiforme.

Dom Bosco viveu para uma idéia. Pode-se dizer que viveu a sua idéia. Prática e visivelmente, quer pela necessidade social, de construção e reconstrução cristã da sociedade nas classes populares, quer — como no caso das Missões — por ser a única via de acesso à evangelização dos povos infiéis, quer enfim por um impulso espontâneo de seu coração, ele buscou antes e mais que tudo a salvação moral da juventude, sobretudo da juventude mais pobre e abandonada. Está nisso a síntese ideal, o foco que recolhe todos os raios daquela sua

atividade que se estendeu prodigiosamente em tantas direções. Para isso pôs em movimento o mundo inteiro, na sua extensão e na diversidade de seus aspectos.

Pode-se dizer que apenas algum dos ramos, viçosos embora, e fecundos, a que se estendeu o zelo incansável dele está — até certo ponto — ao lado desse escopo primeiro e dominante e a ele não se subordina; refiro-me a uma parte (não ao todo) de seu trabalho de escritor e da difusão da boa imprensa, e ao apostolado direto entre o povo.

Estando assim as coisas, poderíamos perguntar se Dom Bosco usou a caridade para fazer o bem e combater o mal ou se, pelo contrário, não fez tamanho bem e não se jogou no combate para poder exercitar a caridade e salvar a juventude. É um problema elegante. Chegar às suas raízes não é certamente árduo para quem pense nas inexauríveis indústrias de que a caridade se serve e no dom verdadeiramente divino que ela possui em comum com a Providência de Deus, que existe para o mundo e dirige a existência deste para seus mesmos fins.

O sistema educativo de Dom Bosco

Temos agora aberto o caminho para dirigir nossa atenção para um fato que tem relação natural e muito estreita com esse admirável poder de fazer o bem; sem que necessariamente dele derive a forma que Dom Bosco lhe deu. Essa é criação, ou se quiserem, síntese criativa de seu gênio pessoal e de seu coração.

Com efeito, muitos, e talvez a maioria das pessoas, vêm nele o homem de bom coração que busca e encontra o menor carente e lhe dá casa, pão, trabalho e o prepara para a vida. Contemplam assim o fato exterior, por mais fundamental que seja, na sua obra. Tal fato poderia tornar-se menos necessário amanhã, desde que

mudassem as condições sociais, se é que se possa acreditar venha a deixar de existir um campo de ação para a caridade em favor do pobre.

Pois bem, ao lado desse fato, antes, unido a ele e de forma inseparável, quase como um instrumento de trabalho, está o outro fato, intrínseco, que é a originalidade mesma e a descoberta do coração e da mente desse verdadeiro gênio do bem. A despeito da mudança dos tempos, permanecerá como aquisição consolidada para o progresso humano.

• Falo do "sistema preventivo" na educação. — A palavra sistema é de Dom Bosco e, tomada assim em abstrato, torna-se cômoda e prática para indicar justamente uma maneira de se comportar com o juvenzinho que se educa. Não tem nada que ver com o sentido dado por aí a essa palavra: algo de doutrinário, preconcebido, assumido de propósito, contrário, em suma, à espontaneidade do coração. Não sei se o coração obedece a algum sistema. O que é certo é que as poucas normas, como Dom Bosco as formulou nas poucas páginas por ele deixadas sobre o sistema preventivo, são tais que sem o coração ou não se poderiam pôr em prática ou se tornariam completamente infrutíferas.

E também eu — creio — sem a caridade: aquela caridade autêntica que nasce do impulso religioso no homem. Pois é tanto o que se exige de sacrifício, de abnegação, de colocar-se no lugar de outrem e de colocar o outro em lugar de si próprio, quando se trata de atuar o sistema como é por Dom Bosco inculcado e, para sorte dos meninos, praticado nos Institutos de Dom Bosco, que não se pode conceber como fruto de um frio altruísmo a-religioso e desprovido daquela peculiar generosidade que nasce unicamente de uma fé superior.

Todavia, já que a caridade não virá nunca a faltar enquanto existir o Cristianismo, e já que o homem de

coração é em grande parte cristão — e é cristão enquanto homem de coração bom —, o sistema assim como foi concebido e definido pelo seu autor é uma verdadeira descoberta da América em campo pedagógico, e pode ser atuado em qualquer lugar e por qualquer pessoa. Antes, por aí, quem mais e quem menos, começaram já a colocá-lo em prática. E os efeitos, sempre bons, fizeram-se sentir ora mais, ora menos, na medida em que na prática se usaram aqueles argumentos sobre os quais Dom Bosco alicerçou toda a eficácia do trabalho interior: os que a religião inspira.

• Em cada menino Dom Bosco vê uma alma que deve ser salva. Não apenas no futuro, com a formação da fé cristã, mas também no presente, conservando-a na graça de Deus. O princípio essencial, constitutivo, gerador de sua visão e ação educativa consiste portanto no cultivo da graça de Deus na alma da criança, ou seja, em fazer com que essa alma viva sempre inalterada, vital, ativamente a graça de Deus. É, como se vê, uma concepção totalizante da educação ².

• É óbvio que tudo isso implica, num primeiro tempo, um trabalho de restituição ou de reconstrução, ao menos para muitos. Para todos vem depois um esforço de preservação e de conservação e, finalmente, de cultivo e de desenvolvimento, conforme as disposições de cada um. Semelhante trabalho, vê-se logo, não pode ser fruto de coação autoritária, mas de uma prática que induza a liberdade ao reconhecimento e ao consenso interior. Da coação (e da repressão que dela deriva) pode nascer uma disciplina, nunca uma moral, uma convicção, uma melhoria pessoal: “O sistema repressivo, é Dom Bosco quem o diz, pode impedir uma desordem, mas difícil-

² Mais adiante vou falar de como Dom Bosco considera o trabalho do mal, *do pecado*, na alma e com que meios, é claro que sobrenaturais, ele se esforçou por preservá-la dele.

mente tornará melhores os faltosos”³. Só a educação à espontaneidade dos atos morais pode formar aqueles hábitos volitivos nos quais propriamente consiste o caráter.

Não se acredite, porém, que na casa de Dom Bosco tudo vá acabar num tom ou num regime de pietismo compungido e falso. A forma espiritual salesiana, própria de Dom Bosco, é bem diferente, e consiste exatamente em dar vida ao sentido espiritual do quotidiano e do cumprimento do dever.

Se procurarmos as formas práticas inculcadas por ele para realizar o seu sistema — à luz de sua concepção espiritual como foi por nós agora definida, — veremos que elas se movem, a partir desta, segundo três direções convergentes: o amor, a vigilância, a persuasão. São preciosas palavras suas: “Este sistema se apóia todo na razão, na religião e no amor: por isso exclui qualquer castigo violento e procura manter longe os mesmos castigos leves”⁴.

Na tradição dos exemplos e das orientações do Santo Educador, o amor assume a forma de irmandade e de doce paternidade. A vigilância, que nasce da solicitude para impedir o mal, isto é, o pecado, é o controle exercitado pelo amor, a preservação suscitada pelo afeto. A persuasão inspira-se em motivos superiores, nas *coisas da alma*, e é conduzida chamando em causa, eu diria em modo socrático, a razão e o coração, também quando vai acabar em correção. Todo o governo do menino converge para este fim: “colocar os alunos na impossibilidade de cometer faltas”. É por isso que o sistema se chama *preventivo*.

³ G. BOSCO, *Il Sistema Preventivo nella educazione della gioventù. I — In che cosa consiste il Sistema Preventivo e perchè debbasi preferire.* III.

⁴ G. BOSCO, o.c.

Desço a explicações mais concretas, para que não se pense nele como numa ideologia amável, mas que não se traduziu ou que não se pode traduzir em prática.

• Vigia continuamente o menino mas com olhar cheio de amor, com o santo temor de que faça algo de mal, deixando-lhe porém amplo e livre movimento e respiro. Estuda-o em seu íntimo e compreende-o, para poder dirigir suas inclinações e prever suas quedas. Age sobre ele com a persuasão, mais ainda com o mostrar na prática do dever um significado e um valor ultraterreno e um serviço a Deus. Torna-lhe conhecido — e como ele facilmente se esquece — recorda-lhe freqüentemente o seu dever. Corrige-o cordialmente, como pai e irmão, em lugar de puni-lo fria e categoricamente por coisas nas quais, talvez por natural leviandade e mobilidade de espírito, ele nem pensava mais. Inspira-lhe de tal modo a confiança que ele não oculta seu ânimo diante do olhar autoritário do superior, mas abre-o ao sopro da liberdade e revela-o à simpatia da benevolência; a subtração dessa benevolência seja punição para ele. Põe em prática, afinal, o grande segredo de se fazer querer bem, para obter com o amor aquilo que talvez nem com a força se alcançaria ou que, em seu lugar, produziria falsidade e exacerbação. São os pilares dessa pedagogia do amor, como Dom Bosco a ensinou ao mundo e praticou ele mesmo com os meninos, e como ainda pode ser reconhecida em qualquer um de seus institutos, seja qual for seu escopo e onde quer que se encontre no mundo.

Foi, sim, a caridade que inspirou ao grande educador esse modo de conduzir ao bem as almas dos meninos recolhidos na rua, justamente porque necessitados de maior compaixão e benevolência, mas não é menos verdadeiro que o princípio animador de tal sistema deriva de razão mais elevada e mais profunda: isto é, de um lado, do zelo cristão pelas almas e, do outro, do profundo conhecimento da alma do menino, quem quer e qualquer que ele seja. O sistema educativo de Dom

Bosco foi feito, pois, para os meninos de todos os países e de qualquer condição e não para uma classe particular deles, como os abandonados, os que necessitam de correção, os nobres ou os rústicos. Possui toda a plasticidade e a liberdade de adaptação que são próprias dos grandes princípios e das grandes verdades.

Aquelas quinze páginas, que sua exposição ocupa, referem-se sim a um método, mas por sua natureza são a negação da metódica. O coração e a caridade devem poder mover-se livremente e dobrar-se e adaptar-se como o profeta que, para ressuscitar o menino, encolheu-se todo e se fez pequeno como ele⁵.

O sistema de Dom Bosco não contempla expressamente um método didático, uma seriação de estudos, como a *Conduite des Écoles de La Salle* ou a *Ratio studiorum* da Companhia de Jesus. Mas tem, e é natural, uma relação também com o modo de ensinar, qualquer que seja o programa de uma escola.

Essa pertinência se vê particularmente no Regulamento que ele deu a suas casas, feito mais de conselhos que de preceitos. A didática não pode deixar de ser benéficamente modificada por ele, quando se coloca como fundamento o interesse amoroso da caridade, a correspondência recíproca do menino, a abnegação do mestre e o princípio de querer tanto mais dedicar-se ao discípulo quanto menos este recebeu capacidades da natureza.

Nos Institutos de Dom Bosco, o aluno que segue as lições está ligado ao mestre por um afeto mais fraterno que filial. O mestre que está na cátedra foi poucos minutos antes, para o menino, o alegre companheiro de jogos ou de conversa ou se ajoelhou com ele ao pé do mesmo altar. Em suma, partilhou com ele a vida e a alegria, o que é o décimo primeiro mandamento nas casas

⁵ Cf. 1Rs 17,17-24 e 2Rs 4,18-37.

da instituição. Ao pensarmos nisso, percebemos que tipo de aura benéfica e restauradora sopra na classe; vemos também como o mecanismo do ensino se deixa permear por aquele respiro de liberdade e de abertura que tanta eficácia tem sobre o aprendizado. Dá para pensar na *Casa Gioiosa* de Vittorino da Feltre.

Sei bem que nem tudo é novo nesse sistema e que este ou aquele pormenor pode ser encontrado de cá ou de lá. Muito menos é novo o princípio da caridade — com todas as suas boas qualidades — no trato com o próximo ou com as crianças. Os escritos de Dupanloup são uma fonte de ótimos preceitos, e certas páginas suas dir-se-iam ditadas por Dom Bosco, o qual já começara desde muito tempo a fazer quanto elas registraram depois. E hoje nós as entendemos e colocamos em prática porque ele nos deu a chave delas. Mas Dom Bosco nunca pensou em criar tudo *ex novo*, muito menos no campo da educação. Nunca arquitetou uma bizarra construção pedagógica, como algumas que, infelizmente, encontramos ao longo da história dessa ciência. Dessa forma, a bondade e a grandeza da invenção não consiste na novidade dos pormenores, mas na descoberta da "síntese" que a todos reúne, concretiza e vivifica. Mas se não me engano, todas as grandes descobertas, como todas as grandes criações do gênio humano realizam-se assim.

Por isso, pois, Dom Bosco passará para a história como um dos maiores pedagogistas, como certamente foi o maior educador de seu século, e será alvo de agradecida admiração através dos séculos. Chamá-lo de Vicente de Paulo do século XIX é, como disse, um alto e justo título de glória, mas não é tudo. Também ele tem sua glória própria, em cujo âmbito não repete o nome de ninguém; ela talvez constitua no futuro seu título por antonomásia: o da descoberta de seu sistema educativo.

O homem de Deus

Passará igualmente para a História, e há de permanecer, o que em Dom Bosco distingue e acompanha o Santo. Talvez algumas categorias de pessoas não fizessem caso disso, ou quisessem deixá-lo de lado quando, como se diz, falamos dele historicamente. Mas não prestar atenção a essa classe de fatos é, no nosso caso, contar a história pela metade. Quem tem uma fé entenderá, de um modo ou de outro, um fator sobre-humano e imperscrutável que intervém todas as vezes que, partindo de pequenas causas, e insuficientes, verificam-se efeitos maravilhosos. Quem não tem essa fé, mas que é honesto, admita os fatos como são apresentados pela sinceridade histórica e renuncie ao desejo de explicá-los com critérios vulgares e ultrapassados. É melhor encontrar-se diante de algo verdadeiro, mas que não se pode explicar, do que rejeitar a história em nome de um preconceito.

Dom Bosco viveu num século nada propenso a admitir o sobrenatural e, sem mais, incrédulo em relação ao milagre. Ele mesmo (como direi?) foi um homem tão positivo, que trabalhou sempre com a cabeça e com todas as suas energias; e, enquanto pensava onde encontrar pão para o almoço de meio milheiro de meninos, não tinha tempo para assumir pose de contemplativo, de vidente ou sabe-se lá do quê.

No entanto, a vida dele desenvolve-se e caminha em meio a uma quantidade tão enorme de fatos sobrenaturais, de maravilhas e de milagres, que se equipara ao que contam dos santos mais taumaturgos do passado. Disse Pio XI, em 19 de março de 1929, que na vida de Dom Bosco o sobrenatural quase se tornara natural e o extraordinário passara quase a ser ordinário⁶.

Ninguém ousará colocar em dúvida o fato de que a Providência parecia ter-se colocado a seu serviço. Teve

⁶ Cf. OR, Roma, 20-21 de março de 1929, p. 1. col. 2-4.

também consigo o poder de Deus, que lhe concedeu dons extraordinários e por seu meio operou verdadeiros prodígios. Acontece sempre assim na história sublime do Cristianismo: o bom Deus busca o homem adequado para as grandes empresas, arma-o com os dotes naturais e o ajuda e acompanha com sua obra própria e sobrenatural.

Na maioria das vezes, nos santos o milagre (chamo-lo sem mais assim) existe como fator acessório, destinado mais a revelar a intimidade deles com Deus do que a realizar sua tarefa histórica. Em Dom Bosco a coisa foi totalmente diversa. O maravilhoso e o sobrenatural não são um algo a mais, paralelo à sua obra e à sua valência humana e pessoal. Compenetram-se com elas de tal modo que, além de não se poderem separar, não se conseguem explicar sem a interação que os une, pois muitas vezes é o seu segredo e mais freqüentemente lhe serve de meio.

É trabalho perdido querer circunscrever no âmbito da atividade, da capacidade, ou do gênio, se preferirem, o êxito do trabalho pessoal de Dom Bosco. Demasiadas vezes as coisas não se teriam realizado se não tivesse entrado o elemento sobrenatural e o milagre, entendidos como comumente os entende quem crê.

Para citar um exemplo, a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora custou um milhão e duzentas mil liras, quando o mestre-pedreiro não ganhava mais de três liras por dia, e Dom Bosco era apenas um padre benquisto por muitos e até popular em Turim, e venerado por poucos que dele se tinham aproximado, mas não era de modo algum o "Dom Bosco" por antonomásia, nem um símbolo. Esse templo, não obstante, foi construído de tijolos cimentados pelos milagres. Para achar trinta mil liras que faltavam para pagar a semana dos pedreiros, Dom Bosco não hesita em lançar-se pelas ruas de Turim em busca da Providência. E a encontra no portão de um edifício onde um doméstico o chama para junto

de um doente de paralisia. Este, acreditando na palavra do santo homem, desce do leito depois de três anos de imobilidade e vai ao banco retirar a quantia necessária. Retorna com as próprias pernas, a despeito de sua desconfiança e do médico que o dissuade de fazê-lo. Outra vez são dezoito mil liras que o padeiro exige antes de levar o pão. E elas chegam, da parte de quem, de onde, não há quem o saiba, naquele dia mesmo, exatamente no momento em que ele está protestando. Nisto a habilidade nos negócios, a sabedoria da organização não entram; entra sim um outro que se serve de Dom Bosco e com ele colabora. O primeiro dentre os cooperadores e o mais benemérito é o bom Deus, e a mais diligente das cooperadoras salesianas é Nossa Senhora Auxiliadora, com cuja invocação se realizam milagres que redundam em bem da obra de caridade.

Diga-se o mesmo da clarividência ou discernimento das consciências. Também essas manifestações de um poder não humano se compenetraram e se unem intimamente ao trabalho quotidiano dele, colocando-lhe nas mãos um prodigioso instrumento de trabalho educativo. Nós recordamos, como coisa bonita que é, o olhar tão penetrante daquele homem, olhar a que dificilmente se resistia. Era necessário afinal dizer abertamente o que se sentia pois que ele o lia na alma da gente. Lembramos aquele sorriso paterno de um grande coração. E o tom, e a maneira de falar, que usava tão-somente as notas mais doces do amor e conquistava os corações com umas poucas palavras. Acrescentemos quanto uma intuição finíssima e uma experiência amadurecida através da observação podem contribuir. Todos esses auxiliares da psicologia não serão suficientes para explicar como às vezes ele via claramente o fundo da consciência de seus juvenzinhos; como, na primeira vez que a ele se apresentavam, ele mesmo lhes dizia o que tinham feito, como e quando e o número de vezes e as demais circunstâncias, com maior exatidão que a esperada do próprio autor das proezas. E se é verdade que na alma

humana, até mesmo na de uma criança, há pontos obscuros e esconderijos voluntários onde se oculta e se aninha o micróbio moral e onde volta a produzir seus frutos, cada um vê que relação estreitíssima havia entre o dom sobrenatural concedido ao santo educador e sua ação educativa, baseada sobretudo no conhecimento do coração de seus juvenzinhos.

Não se pode prescindir ainda de outro fator que por um lado é humano, mas que sem mais não deixa de atingir as esferas superiores. É a fé, a confiança em Deus. Na sua liturgia a Igreja insculpiu o caráter íntimo de seu espírito aplicando-lhe o pensamento da Sagrada Escritura: *Quando desacreditava de toda esperança, sua fé foi tal que se tornou pai de muitos povos, como lhe tinha sido dito (Rm 4,18)*. Dom Bosco foi, talvez como nenhum outro, um homem de fé: de uma “confiança imensa, inexaurível, que atingia a grandeza de um contínuo milagre moral, na fidelidade de Deus. Basta confrontar os humildes inícios da sua obra com os esplendores que ela hoje nos oferece; basta refletir nas dificuldades superadas e ainda na magnificência e na elegância do triunfo mundialmente obtido quando ainda em vida, para compreender quanto pode a confiança em Deus, a confiança na fidelidade de Deus, quando uma alma sabe dizer verdadeiramente: *Sei em quem estou confiando (2Tm 1,12)*”. Palavras essas, como se advinha, do Papa Pio XI, ao qual “pareceu então (quando o conheceu em 1883) e em seguida que não era possível que ele fosse vencido, superado, justamente porque estava fundado firmemente, solidamente numa confiança plena, absoluta na fidelidade divina” (Discurso de 21 de abril de 1929)⁷.

Numa palavra, quem deseja compreender Dom Bosco e sua obra, individual e social, não pode, a não ser que queira aleijar-lhe a história, prescindir do lado

⁷ Cf. OR, Roma, 22-23 de abril de 1929, p. 1, col. 2-5.

sobrenatural e do milagre. Não se trata aqui de polemizar ou de fazer apologias, trata-se de objetividade e de sinceridade histórica.

O empresário do bem

E agora seja-me permitido juntar às grandes linhas que se delinearão antes, e às outras que lhes constituem o necessário esclarecimento histórico, o que em linguagem de artistas se chamaria o caráter. No nosso caso ele, que deve ser como a forma que se deu à matéria, que deve fundir-se com os traços e aparecer em todas as coisas, é dado pelo tom geral da vida e pela maneira com que se produziram as obras em seu conjunto e em seus pormenores.

Certamente o haver afirmado que Dom Bosco é figura da bondade e homem de coração, que ama a juventude e lhe corre paternamente ao encontro para salvá-la do perigo e da miséria, o ter evidenciado sem mais a simplicidade no agir em contraste com a grandeza dos feitos, exprime um caráter. Mas existe alguma outra nota que não se pode incluir nessas e que é, talvez, mais difícil de fazer sentir em cada momento, como se deveria.

Realmente, falando de coisas tão sérias e tão grandes, de concepções tão vastas e elevadas, de fatos que chegam até a ser prodigiosos e sobrenaturais, não é fácil fazer sentir aquela aura continuamente bonachona e jamais alterada, aquele sorriso perpétuo de alegria santa e cordial, com o qual se alegravam todas as coisas que estavam nele e ao redor dele e que, não menos que o amor carinhoso e a religiosidade, dava o tom à vida.

Para mim, digo-o francamente, é uma dificuldade quase insuperável e, creio, ainda não superada, retratar com as palavras uma emoção visual suscitada por uma pintura ou por uma paisagem. E demoro-me nisto aqui,

justamente porque desejaria que estivesse sempre diante dos olhos de quem lê ou pensa sobre Dom Bosco e que, seguindo-me na breve e concisa exposição, se mantivesse, por assim dizer, sempre com o dedo colocado no livro, nesta marca, para ter sempre presente a impressão dela.

Entendamo-nos bem. Dom Bosco não é um santo que faz milagres sem nem mesmo dar-se conta deles, como S. José de Cupertino ou S. Francisco de Paula. Nem um Cottolengo que, confiando na Providência, segue em cada caso o seu coração e cria uma obra única no mundo sem mesmo tê-la planejado. Nem é o Cura d'Ars, taumaturgo das almas, simples e sem cálculo prévio, cuja obra termina com ele. Dom Bosco tem a alegre simplicidade deles todos. Mas ao retomar, em pleno século XIX, os grandes empreendimentos da história cristã: a formação das almas, a fundação de uma ordem religiosa, a propagação de uma devoção, o apostolado da evangelização, o poder taumatúrgico da fé e da oração, a santificação do trabalho humano — no mundo civilizado — a atuação do amor que previne — em educação — a caridade operativa e cooperativa, ele sabe o que faz e o que quer, embora nunca o diga com as palavras altissonantes que o uso recentíssimo introduziu, e traduza tudo, como já notei, em bom dialeto piemontês.

Tanto é verdade, que foi sábio e ágil "organizador"; e se não o tivesse sido, não teria feito a décima parte do que sobrou de seu trabalho.

Transportou para o seu século tudo o que de melhor tinham as instituições do passado (visto que, no Cristianismo, aquilo que parece uma invenção não passa de forma nova do antigo e do superado), dando-lhe feição adequada aos novos tempos. Ou então, se preferirem, sofrendo a influência do mundo que lhe estava presente, ordenou-as de modo a torná-las vivas e vitais, capazes de se adaptar às correntes móveis da era das revoluções,

como creio que haverão de chamar a esta que se seguiu a 1789.

Ter aptidão para a organização é algo que nem todos os fundadores tiveram, nem mesmo os que deram início a obras até bonitas e santas. Entre Jerônimo Emiliano, por exemplo, e seu contemporâneo Inácio de Loyola há uma diferença muito grande. A santa empresa do primeiro, de catequizar as crianças e os pobres, esfumou-se em pouco tempo; e um Santo legislador como foi S. Carlos Borromeu teve que retomá-la de outra forma e com outro vigor. O Santo de Manresa criou de uma só vez a mole granítica da Companhia que é talvez — depois da Igreja — a instituição mais indestrutível de que a história tem notícia.

Da instituição de Dom Bosco, que está ainda cheia de juventude, não se pode, por agora, desejar senão que se mantenha. Mas é inegável que o grande Santo que lhe deu início, imprimiu nela tal espírito de liberdade na ordem, e deixou-lhe tal tradição de adaptabilidade e de flexibilidade que, se não intervier corrupção dos homens ou esquecimento do fundador, haverá de se manter viva e vital a despeito das tempestades que os tempos desencadearão.

É quase inútil recordar que para levar a cabo empreendimentos tão vastos, para corresponder a semelhante multiplicidade de tarefas, e mais ainda, para sustentá-las e dar-lhes uma ordem duradoura, requer-se têmpera de trabalhador mais que ordinária. Dom Bosco, em sua compostura serena, foi um dos trabalhadores mais industriais e incansáveis de seu tempo. Não exageramos ao dizer que esse homem não conheceu outro descanso senão o do túmulo. Para ele, como espero acentuar mais à frente, nem mesmo o sono serviu de repouso, povoado como era de sonhos de caridade e de cuidado por aqueles que ele chamava de seus filhos.

Gosto de recordá-lo assim, pois é também este um meio de confirmar o conceito de onde toma início esta desprezível exposição. Quero dizer que a operosidade do século a que pertence reflete-se nele. Por esse caráter, ele se aproxima muito claramente daquelas classes trabalhadoras a que deu preferência e em favor das quais gastou suas forças e nas quais está contida a reorganização de uma nova vida social. A lei e, mais que a lei, o amor ao trabalho como instrumento de conquista das almas e fator precípua da educação dos outros e de si, ele o deixou em testemunho aos seus junto com a elevação da alma na oração. E se estes conseguem tornar-se simpáticos a todos sem distinção num mundo tão pouco favorável ao espírito cristão, deve-se ao fato de terem eles seguido o que se continha em seu testamento; e o mundo respeita a oração porque vê que ela está associada ao trabalho. Na tradição de Dom Bosco, o trabalho é oração: quem trabalha já está rezando.

Um monumento a Dom Bosco

Certo que, se eu tivesse que desenhar um monumento para ele, lhe colocaria junto e ao redor não apenas os emblemas da caridade e da religião, mas — e não menos visivelmente — também os do trabalho.

É assim que foi esse homem em sua existência, e é assim que nós desejamos vê-lo colocado sobre o pedestal da história. Uma figura robusta; atitudes simples e francas; docemente inclinada para os humildes; com o olhar imerso numa visão vasta e radiosa; a fronte tornada serena por uma idéia sublime; e com o sorriso tranqüilo e confiante do homem seguro do que faz.

Falta a auréola do santo. Podemos deixá-la de lado? Não. Trate-se de um monumento ou de um ícone, não importa. Sempre é verdade que a figura histórica de Dom Bosco é a de um santo que foi grande diante do

mundo porque orientou inteiramente sua santidade, em pensamento e na ação, para estender aos humildes e aos fracos as conquistas suaves da caridade.

Questões para compreensão e aplicação do texto:

1. *Quais os dois aspectos que apresentam as obras e as grandes figuras do Cristianismo?*

2. *Quais as características do século de Dom Bosco?*

3. *Como Dom Bosco tentou corrigir os aspectos negativos de seu tempo?*

4. *Quais as contribuições positivas de Dom Bosco para a vida da Igreja?*

5. *É a simplicidade uma característica espiritual de Dom Bosco?*

6. *Qual o ideal que polariza em torno de si a vida de Dom Bosco?*

7. *Sistema educativo de Dom Bosco:*

7.1. *Em que entra o coração nesse sistema?*

7.2. *Qual o princípio essencial do sistema?*

7.3. *É o sistema de Dom Bosco prática da liberdade?*

7.4. *Quais as direções convergentes em que se move a prática do sistema?*

8. *Qual a importância da dimensão espiritual na obra educativa de Dom Bosco?*

9. *Tradição e modernidade na obra de Dom Bosco: de que modo ele continua a tradição dentro do mundo moderno?*

10. *Em resumo, qual a idéia que Caviglia faz de Dom Bosco?*

2. AS ORIGENS DE DOM BOSCO

Os anos da juventude

A vida de Dom João Bosco se estende por setenta e três anos, de 1815 a 1888. É longa, pois, e, além disso, incrivelmente ativa. Nela há admirável alternância (que em alguns casos eu chamaria de romanesca) e prodigiosa sucessão dos fatos que se conhecem. É uma vida passada em meio às irrequietas vicissitudes do mundo moderno e sob os olhos de uma turba ora menor, ora maior e transformada num povo, mas sempre multidão. Não se pode narrar em poucas páginas. Dezenove grossos volumes foram publicados de *Memórias Biográficas*⁸ sem conseguir esgotá-la inteiramente. Não é, portanto, minha intenção oferecer uma biografia ao leitor.

Mas por uma circunstância bem feliz, achamos que muitos desses fatos ou se assemelham — e uns são a repetição dos outros com variações —, ou então derivam uns dos outros como de uma semente e de uma primeira raiz e são apenas o desenvolvimento mais ou menos evidente e ramificação daquela primeira atividade. Torna-se então possível uma escolha do que é sugestiva-

⁸ Cf. *Memorie Biografiche di Don (del Beato... di San) Giovanni Bosco*, 19 vol. San Benigno Canavese — Turim 1898-1939 (de 1 a 9: G. B. LEMOYNE; 10: A. AMADEI; de 11 a 19: E. CERIA) + 1 vol. de índices (1948, E. FOGLIO). Citaremos sempre com MB.

mente típico ou é anterior a outros fatos como fonte deles.

Na realidade isso acontece também com outras vidas. Mas no nosso caso eu creio (e sei que acredito no que é verdadeiro) que talvez isso aconteça mais que em qualquer outra. Uma vez que também Dom Bosco evolui. Como homem dotado de fina observação e olhar pronto, de "inteligência luminosa, vívida, perspicaz, vigorosa"⁹, mais ainda, de um verdadeiro engenho criativo, sabe colher sugestões e impulsos para novas coisas e atitudes a partir de um fato, de uma circunstância que a outros passaria inobservada. Diríamos que, vivendo, aprende, e estudando continuamente, progride. Mas é também humano e desenvolve passo por passo os dons e as inclinações que tem dentro de si.

Peço, pois, ao leitor, permita não me ater a um estrito rigor cronológico, mas antes a uma ordem lógica ou de idéias, dado que, para homens dessa natureza, os fatos muitas vezes são idéias, e as idéias transformam-se em fatos.

Em primeiro lugar, não só no tempo mas na ordem de que falei, vem a juventude. Consideramos juventude em Dom Bosco a idade que vai até os vinte e cinco anos. Há de tudo nessa juventude e vocês encontram cá e acolá o Dom Bosco dos grandes fatos. Não falo de precocidade, a qual se encontra sempre em menor ou maior escala nos homens de grande valor. Refiro-me aos pró-dromos e germes de futuro.

Foi essa uma idade trabalhosa para ele. Nela sentiu duramente o quanto pesa a pobreza para uma criatura que tenha talento e aspirações não vulgares. Numa longa odisséia de vicissitudes humilhantes deveu desperdiçar seus mais belos anos desempenhando ora

⁹ Cf. PIO XI, in OR, Roma, 20-21 de novembro de 1933, p. 1, col. 2.

este, ora aquele ofício para ganhar o pão para si, ou andar esmolando mestres e livros. Só aos dezesseis anos pôde finalmente sentar-se estavelmente nos bancos da escola; e entrar no seminário com vinte anos, para encontrar-se depois, ao terminar os estudos, mais pobre que antes.

Porém, como dizia, aparecem naquele tempo os germes do futuro homem: o engenho forte e versátil, o zelo pelo apostolado, mais que tudo a bondade e o sonho de sua vida, que é a salvação da juventude.

Dom Bosco nascera aos 16 de agosto de 1815 nos Becchi, um agrupamento de casas do distrito de Murialdo, no município de Castelnuovo d'Asti, diocese de Turim. Pobre o lugar, mais pobre a casa. Mas entre aquelas colinas de suave declive e o verde daquela paisagem tão franciscanamente tranqüila, naquela aldeia, durante o século passado, floriram vigorosamente homens insignes e santos: Cafasso, Bertagna, Rossi, Cagliero¹⁰, para não falar senão dos mais conhecidos.

Existe talvez uma lei de correlação entre o renascer dos povos e o florescer dos santos, não menos do que com o prosperar das letras e das artes. Da mesma forma a decadência nacional é acompanhada pelo ressecar dessa primavera. Quantos santos teve a Itália na idade da Renascença, e como aquele sopro regenerador passou a outras terras quando ela decaiu! E o pequeno esquecido Piemonte, vindo a nova vida para si e para a Itália no século XIX, teve a sua floração de escritores, de

¹⁰ Falaremos adiante de Cafasso e Cagliero. Rossi, talvez seja o Pe. João Batista ROSSI, que foi vigário de Castelnuovo d'Asti.

D. João Batista BERTAGNA nasceu em Castelnuovo d'Asti em 1828. Doutor em Teologia em 1850. Padre em 1851, ingressou no Colégio Eclesiástico de Turim, onde lecionou. Professor do Seminário de Asti. Vigário-geral da diocese e, em 1881, Vigário Capitular. Em 1884 foi eleito bispo titular de Cafarnaum e auxiliar de Turim. Em 1901 foi elevado a arcebispo titular de Claudiópolis na Patagônia. Faleceu em Turim, em 1905.

pensadores, de artistas e também de santos: Cottolengo, Cafasso, Dom Bosco e outros semelhantes a eles ¹¹.

Dom Bosco teve um temperamento muito forte, índole boa, coração terno e sensível, mente aberta e prontíssima e uma memória que com o tempo se revelou extraordinária: era um rapaz verdadeiramente bem dotado. Mas o sentido prático das coisas, a atitude bonachona e ponderada de piemontês, a confiança no futuro, e um pouco o humor alegre — que fica tão bem até nos santos — tudo isso, creio eu, aprendeu-o de sua mãe, Margarida Occhiena. Mulher admirável, ela demonstrou em sua simplicidade de roceira um bom senso enorme e uma virtude muito grande. Sustentou com o sacrifício de si e de todas as suas coisas e com o afeto materno os primeiros passos do filho na penosa carreira da caridade.

Tendo ficado viúva aos vinte e sete anos, em 1817, teve que manter, sozinha, com seu trabalho, a velha sogra, o enteado António e dois filhos que tivera: José e o nosso João ¹². Pessoa sadia e robusta, dona-de-casa diligente e sábia, deu conta de tudo e infundiu em seus órfãos a piedade profunda, a fé indefectível, o amor ao trabalho e ao dever, a compreensão pelas necessidades do próximo, uma vez que, pobre como era, foi mulher de grande caridade.

E se quiséssemos mesmo buscar em João Bosco o que a hereditariedade lhe pode ter conferido, direi que seu pai Francisco e a avó Madalena foram santas pessoas, daquele tipo antigo que ainda se conserva em nossos campos e que talvez fosse menos raro naqueles tempos.

¹¹ Somam atualmente 63 os santos, Bem-aventurados e Servos de Deus que viveram no Piemonte no século passado.

¹² Francisco Bosco, pai de Dom Bosco, viveu de 1784 a 1817. A mãe dele, Margarida ZUCCA, de 1752 a 1826. O irmão António, de 1808 a 1849 e José, de 1813 a 1862.

O menino cresceu com simplicidade, em meio à pobreza, temperado para uma vida rude, feita de sobriedade e de fadiga.

Uma das primeiras dificuldades foi a escola. Nos Becchi não havia nem sinal dela e era necessário fazer uma longa caminhada até as aldeias mais próximas por trilhos em meio ao campo, até encontrar alguém que quisesse ensinar pelo menos os primeiros elementos. Assim corria até Capriglio, terra natal de sua mãe.

Mas já naqueles primeiros anos um instinto precoce o impelia para o apostolado no meio dos meninos de sua idade. Buscava-os e os entretinha com jogos que aprendia dos saltimbancos, expunha o catecismo e o sermão que escutara na igreja, contava exemplos edificantes aprendidos enquanto levava o gado a pastar; com pequenos expedientes ganhava o dinheiro para os passatempos que visavam transformar-se em meio de atrair aqueles entre os quais ele tinha que impedir o mal e ensinar o bem. Fazia preceder aos brinquedos uma curta oração e, nos intervalos, fazia sermõezinhos e contava fatos edificantes. Não eram sempre e só crianças que o escutavam. Vinham também, principalmente nos domingos e festas, aldeões adultos e boas mães que se enterneciam com suas palavras e com seu aspecto, que se transfigurava completamente, animado pela eloquência natural.

Pois que, além do mais, ele era um menino bonito: corado, de cabelos pretos e um pouco anelados, de belos traços e belo porte, com dois olhos vivacíssimos e profundos, que conservavam ainda poderoso encanto quando a velhice os ia embaciando. E aquela boca, então! E o sorriso, que exprime tantas coisas da alma, enfeitava cada palavra e transmitia a quem o escutava a serenidade e a alegria.

O sonho dos nove anos

Esses eram os sinais e os germes do futuro. Eram eles inconscientes?

Entre os nove e os dez anos teve um sonho, e ele mesmo o narra num manuscrito onde expôs suas primeiras memórias até 1855, por ordem de Pio IX¹³.

Encontrou-se na presença de uma multidão de meninos que brincavam, gritavam, brigavam, blasfemavam. Ouvindo as blasfêmias, lançou-se no meio deles, usando palavras e punhos para obrigá-los a se calar. Naquele momento apareceu-lhe um personagem augusto que o chamou pelo nome e o mandou colocar-se à frente daqueles meninos, acrescentando: Não é com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade que deverás fazê-los teus amigos. Começa, pois, imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e sobre a preciosidade da virtude. Ele hesitava, objetando que era um menino pobre e ignorante. Aqueles moleques, cessadas as brigas e a gritaria, tinham-se ajuntado ao redor do personagem misterioso. “— Quem sois vós, continuou João, que me mandais coisas impossíveis? — Justamente porque tais coisas te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e com a aquisição da ciência. — Onde, e com que meios poderei adquirir a ciência? — Eu te darei a Mestra sob cuja disciplina podes tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria torna-se estultície”. E se revelava a ele como o filho daquela que ele saudava três vezes por dia, como a mamãe lhe tinha ensinado.

E uma Senhora de majestoso aspecto e toda radiante lhe apareceu ao lado. — Olha! disse-lhe a Senhora. Os meninos tinham desaparecido e em seu lugar havia

¹³ Cf. G. BOSCO. *Memorie dell'Oratoria di S. Francesco di Sales*. Existe uma bela tradução brasileira, publicada pela Editora Salesiana Dom Bosco, de São Paulo.

uma turma de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais. “— Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar, continuou a Senhora. Torna-te humilde, forte e robusto e aquilo que neste momento vês suceder com esses animais, tu deverás fazê-lo com os meus filhos”. E voltando o olhar, o menino viu que aqueles animais se transformavam em cordeirinhos que, balando, saltitavam em torno dos dois personagens. E a Senhora, a ele que — confuso e chorando — pedia uma explicação, respondeu docemente: “— A seu tempo tudo compreenderás”.

Na manhã seguinte contou o sonho aos de casa. O irmão José lhe disse: “— Você vai tomar conta de cabras, ovelhas e outros animais. — Ou talvez vai ser chefe de bandidos, ajuntou secamente o irmão mais velho. — Não se deve acreditar nos sonhos! sentenciou a avó. Mas a boa Margarida, afetuosamente: — Quem sabe se um dia você não há de ser padre!”.

Nesse sonho está todo o futuro de Dom Bosco: a vocação, a inspiração, os meios e o método, o êxito final.

Quando tinha quinze anos, abriu-se com sua mãe: “— Se um dia eu conseguir ser padre, hei de consagrar toda a minha vida aos meninos. Vou atraí-los a mim, amá-los e ser por eles amado. Darei bons conselhos a eles e não medirei sacrifícios para salvar suas almas”.

Vinte anos depois, em 1844, num dos momentos mais decisivos de sua história, o sonho se renovava, ampliando-se. Também naquela ocasião viu uma multidão de animais de toda espécie, urrando ameaçadoramente. A Senhora apareceu em veste de pastorinha e lhe impôs que se colocasse à frente do estranho bando, e ela o precedia.

Pararam três vezes. Em cada parada uma parte das feras transformava-se em cordeiros. Finalmente chegaram a um prado. Os carneiros pastavam tranqüilamente junto com os outros animais. A pastorinha o levou um pouco mais além, e ele encontrou-se num vasto pátio

ladeado de pórticos e com uma igrejinha ao fundo. O número dos cordeiros já era bem superior ao das outras espécies de animais do bando; e surgiram uns pastorzinhos para tomar conta deles, mas bem cedo partiram. Então vários carneiros tomaram, eles mesmos, a forma de pastores e se espalharam na recolha de mais e mais cordeiros em outros redís.

O nosso bom padre João (era já sacerdote nessa época) queria ir embora, mas a Senhora o convidou a olhar para o sul... um campo com hortaliças. E olhando, eis que vê levantar-se nele com sua torre uma grande igreja, e o coro e a música, e o altar preparado para a missa, e o letreiro: *Esta é a minha casa, daqui partirá a minha glória!*¹⁴. E o sonho acabava com as palavras proféticas de um outro dia: “A seu tempo, tudo compreenderás...”

Na manhã seguinte, Dom Bosco encontrava seus moleques e os conduzia para a primeira das três paradas. Pouco depois a um outro lugar, e ainda a outro mais, até chegar a um prado. Foi justamente lá que surgiu, mas numa longa série de anos, primeiro uma casa, depois uma casa com pórtico, depois uma igreja pequena (que ainda lá está!), a seguir o majestoso templo de Nossa Senhora Auxiliadora mais para o Sul e, afinal, o vasto *Oratório* de Valdocco, de onde, como no sonho, nasceram como enxames as instituições salesianas e as missões estrangeiras.

Prefiro rabiscar-lhe eu mesmo a realização concreta para que se veja como o desenvolvimento imprevisível da obra daquele jovem e pobre padre, que ainda era aluno do Colégio Eclesiástico, está por inteiro e em concreto descrito nesse sonho. Ele o teve quando era bem provável que se estivesse às vésperas de um insucesso definitivo. Narrou-o — com a exatidão de uma profecia feita depois de tudo acontecido — um bom número de

¹⁴ *Hic domus mea, inde gloria mea!*

anos antes que se pudesse ver sua atuação, mas que digo, quando dela nem se tinha idéia ou expectativa alguma. Outros sonhos virão, um depois do outro, revelar ao homem de Deus o andamento futuro de sua obra, ou surgirão em sua fantasia quais parábolas educativas e santificadoras: aqueles, expressos em roupagem elevada; estas, às vezes de maneira humilde e popular.

Que dizer disso? Não podemos silenciar, pois são parte da história e até de sua mesma vida, a tal ponto que “o nome de Dom Bosco e a palavra sonho são correlatos” como diz bem Lemoyne¹⁵. Mas qualquer que seja o valor que se queira dar a esse fenômeno que se repetiu por quase sessenta anos, eu pergunto: existiu por acaso uma obra genial que não tenha sido um sonho que alguém tentou realizar? E existiu algum homem que se tenha entregue a um trabalho grande e por ele se tenha deixado absorver; existiu um homem que viveu a própria idéia e não tenha tido seu sono povoado de sonhos com ela?

Pode ser que agora tendo a Igreja confirmado a santidade por todos nós sentida como existente nesse grande homem, muitos desses sonhos venham a tomar outro nome e passem a ser visões, profecias e quem sabe lá o quê. Para nós basta a verdade do fato em que Dom Bosco acreditou e a realidade de sua concretização.

As lutas da pobreza

Assim, desde os nove anos ele conheceu, ele viu o seu destino. Ah! pobre menino, que caminho penoso, quantas desilusões amargas o esperavam! Começava a odisséia de seus estudos e de suas fadigas. De Capriglio a Murialdo, aos poucos, aos Moglia, a Castelnuovo, assistindo a aulas dadas, por amor de Deus, passando

¹⁵ Cf. MB 1, 254.

de um patrão para outro, sendo pastor de rebanhos, trabalhador do campo, criado, carpinteiro, garçom de bar, doceiro, dando aulas particulares. Vestia-se bem pobremente e comia o pão que os outros lhe davam. Passava o verão sob a canícula, o outono entre as tinas cheias de mosto, o inverno em meio aos animais do estábulo, as noites sobre um pouco de palha, e os breves momentos de repouso dos dias abafados à sombra das amoreiras, lendo a gramática ou estudando latim. No fim de tudo isso, chegou aos dezessete anos e encontrou-se em uma classe que hoje seria uma sétima série do primeiro grau!

Sim, finalmente, com um saco de farinha sobre os ombros e uma trouxa com pouca roupa e alguns livros, pôde entrar numa pensão de Chieri e frequentar regularmente a escola, passar no exame de retórica e ser aprovado no exame de admissão ao Seminário em 1835. Aos vinte anos!

Mas tinha aproveitado. Não só aprendera as matérias de estudo, nas quais sabia mais que o pedido pelo programa, sonhava (é histórico) de noite o tema que o professor ia passar de manhã e sabia de cor os clássicos. Em muitas coisas tivera a vida por mestra, ele que se atribulara, se esforçara, que trabalhara nos campos, na oficina, em humilhante sujeição aos outros; tinha encontrado, em meio às desolações da pobreza e à rudeza do irmão, corações generosos em todas as classes sociais e muito mais em meio à gente simples do povo. Tinha conhecido tantas e tantas almas de crianças, de adolescentes e de jovens, desde os moleques da rua até Luís Comollo e José Cafasso, que eram almas de santos.

Até aquele momento, podia-se dizer que sua vida fora um símbolo e um resumo da vida que se seguiria; um livro em cujas páginas leria a realidade de como vivem os humildes, e donde iria haurir o impulso para levar-lhes o remédio ou o conforto.

Por um momento hesitara entre o burel de Franciscano e a batina de padre diocesano. E sua mãe lhe dissera: “Fique sabendo que de você não quero nada, nada espero. Lembre-se bem: nasci na pobreza, na pobreza quero morrer! E digo mais: se você resolvesse ser padre secular, e por desgraça ficasse rico, saiba que nem mesmo iria visitá-lo!” O conselho do Pe. José Caffasso, a repetição do sonho de Murialdo e mais um outro sonho o levaram a entrar no Seminário de Chieri. Nele entrou em outubro de 1835 e dele saiu, padre, em junho de 1841.

Questões para compreensão e aplicação do texto:

11. *Quais as sementes de futuro que se notam na primeira fase da vida de Dom Bosco?*

12. *O sonho dos nove anos:*

12.1. *Qual a missão atribuída a Dom Bosco no sonho?*

12.2. *Como devia preparar-se para ela?*

12.3. *Que atitudes deveria ter no exercê-las?*

12.4. *Quem seria sua Mestra?*

12.5. *A quem o sonho atribui o chamado de Dom Bosco para trabalhar com os meninos?*

12.6. *Indique três reminiscências bíblicas no relato do sonho.*

3. O ACONTECER DE DOM BOSCO

Padre Cafasso e Dom Bosco

Na história de não poucos grandes homens e de diversos santos que exerceram uma vasta e profunda influência, ocorre um fato singular. Chamados para uma tarefa histórica e providencial, sentem em si um impulso e uma voz que os convoca. Superam muitos obstáculos no caminho que os leva a ela, e quando estão para assumi-la e determinar para sempre a própria posição na vida ou para começar sua obra principal, eis que ficam incertos, cheios de dúvida, hesitantes, como se tudo se escurecesse à volta deles. É o momento *crítico* da história de tantos artistas e homens de ação e até mesmo de santos que gozaram de ilustrações vindas do alto. Não cito exemplos, pois seriam supérfluos. Mas não aconteceu assim até com o Redentor, no recolhimento do Horto, suplicava ao Pai que afastasse dele um cálice tão amargo?

Voltando ao nosso caso, quando Dom Bosco saiu como padre do Seminário, ficou incerto sobre o tipo de ministério a que se dedicaria. Era a segunda vez que isso acontecia. Mas não é sem motivo que a Bíblia identifica a santidade com a sabedoria. Aqui um sábio pediu conselho a outro sábio, ao *homem dos bons conselhos*,

como era chamado o Pe. José Cafasso e humilde sacerdote do qual, justamente, realizou-se a beatificação ¹⁶.

Pois é! Se, como espero, meu leitor acredita na Providência, por certo há de reconhecer sua presença em ter feito Dom Bosco encontrar aquele homem de Deus em seu caminho. A gratidão e o respeito da instituição de Dom Bosco para com o Pe. Cafasso nunca estarão à altura de seus méritos; e a mesma história em que, como me parece ter já falado, resplandecerá o nome de Dom Bosco, nunca poderá desprezar a parte que ele teve no desenvolver-se de seu grande discípulo. A atividade do Pe. Cafasso parece ter limites mais estreitos, e em grande parte ficou no segredo, uma vez que teve por escopo formar uma a uma muitas almas de santos sacerdotes e orientá-los no caminho que a Providência lhes tinha reservado; trabalho que não se vê, e cujos frutos permanecem por muito tempo.

Mas quando se pensa e se recorda que, sem ele, talvez não tivéssemos tido o Dom Bosco da história, ou não o tivéssemos do jeito que foi (uma vez que aquele homem não nascera para ficar na obscuridade), não há palavras que bastem para mostrar-lhe o mérito e o valor.

◦ Porquanto o influxo de Pe. Cafasso que existe em Dom Bosco é muito maior do que se acredita e do que aparece. Dom Bosco padre é obra dele. A perseverança em seu propósito, a vitória sobre as hesitações, o estudo dos elementos nos quais surge e triunfa a idéia de dedicar-se à juventude abandonada assistindo-a nos dias de

¹⁶ S. José Cafasso foi canonizado por Pio XII em 1947. Nasceu em Castelnuovo d'Asti, hoje Castelnuovo Dom Bosco, em 1811, foi ordenado Padre em 1833. Ingressou no Colégio Eclesiástico de Turim, onde logo associou-se ao teólogo Luís Guala na direção do mesmo. Desde 1835 trabalhou entre os encarcerados nas diversas prisões de Turim. Ocupou-se também da catequese da juventude. Sobre tudo dedicou-se à formação do clero. Em 1848, sucedeu ao teólogo Guala na direção do Colégio Eclesiástico. Faleceu em 1860.

feita, é tudo do Pe. Cafasso. E eu me alegro, perdoe-me o leitor, com orgulho de turinense e de velho piemontês, de que num mesmo sentimento se tenham irmanado três santos turinenses — Cottolengo, Cafasso e Dom Bosco —, e haja tanto de indígena na obra deste último, pois que, provavelmente, em outra cidade e com outros homens, sua mente e sua virtude teriam êxito diverso.

Eu disse que o sacerdote, em Dom Bosco, é obra do Pe. Cafasso. Com efeito, naqueles primeiros momentos de hesitação, ele o persuadiu a entrar no florescente Colégio Eclesiástico de S. Francisco de Assis, que era uma verdadeira bênção para o clero de Turim. Como facilmente se pode ver, isso resolvia a premente questão econômica e oferecia oportunidade para reforçar os estudos religiosos enquanto, encaminhando os primeiros passos do novel sacerdote, deixava-lhe a liberdade, antes, lhe dava ocasião de estudar os elementos primeiros de seu ministério, freqüentando hospitais e prisões, centros de recuperação de moças e estabelecimentos de reclusão, oficinas e sótãos.

Dom Bosco morou lá três anos, estudando incansavelmente, trabalhando sem folga, irradiando, onde quer que se tenha apresentado, um eflúvio de bondade penetrante e duradoura. E Pe. Cafasso nunca o perdeu de vista. As apalpadelas no início, depois com consciência clara de quem é o homem e qual sua vocação, vai conduzindo-o quase que pela mão em suas experiências.

Libertar o jovem do mal

Sobretudo, e era este o objetivo que se prefixava o Colégio, Dom Bosco estudou o árduo problema da Confissão. Nesse ponto, mais que em qualquer outro, valeu-lhe a escola do Colégio Eclesiástico. Digo escola no sentido literal, como ainda existe em Turim, e no sentido mais amplo de tradição espiritual, à frente da qual

estão Pe. Guala, o fundador do Colégio, para a parte teórica, e Pe. Cafasso para a prática. É um sopro novo de vida que se infunde no delicado ministério das consciências. Partindo da intuição do que é mal, sobe-se até a construção do que é bem e ao renascimento do espírito.

Não se tratava só de reação às injunções da escola rigorista então dominante nos livros e no ensino oficial. Era, na prática, a vida, o gesto da caridade e da bondade de Deus em contato com a alma. O conceito do juiz que, rígido, espera o réu no tribunal e o julga com o Código na mão, dava lugar ao do pastor que sai em busca da ovelhinha e cura suas feridas e limpa suas manchas; ao do pai que espera, com o coração aos saltos, o próprio filho e que, quando ele chega, o abraça, chora com ele e o reintegra no bem e na honra.

Tal escola foi preciosa para Dom Bosco. Ele tornou-se o apóstolo da Confissão por convicção haurida dos estudos e do conhecimento dos homens, pela disciplina e pelo exemplo de Cafasso, e por uma fé inabalável que lhe foi sempre crescendo no espírito. Se na história íntima do espírito cristão deverá, um dia, ocupar um lugar quanto ele operou, esse lugar será o de ter feito reflorescer a prática freqüente desse indiscutível meio de regeneração.

Começou a exercer seu ministério com todas as categorias de pessoas, em qualquer hora, em qualquer lugar, de todos os modos. Não era possível resistir-lhe à palavra breve e calorosa, à penetrante intuição de seu intelecto, e sobretudo ao fascínio de sua bondade. Como também não parecia possível que um dia viesse a existir alguém que a ele se assemelhasse. Em meio a tantas e diversas solitudes, foi assim que empregou os anos de seu maior vigor: em libertar muitos corações do peso do mal.

Sobretudo fez desse ministério o fulcro e o centro de seu método educativo. O que se chama sistema de

Dom Bosco é substancialmente a educação da alma juvenil por meio da Confissão.

A alma do menino se coloca por inteiro em tudo o que faz. Sua prostração no mal perturba-lhe profundamente qualquer outro movimento do espírito. Conhecedor profundo da tremenda psicologia do mal, Dom Bosco fez consistir o primeiro, o principal, o supremo tratamento em extirpar das dobras mais profundas do hábito moral quanto existisse de pouco são e de infectado.

Deixo de citar as palavras que a tal respeito escreveram Coppée¹⁷ e Huysmans¹⁸, nem me ponho a recordar a teoria daquela escola psicoterápica que quase instituíra a confissão leiga para os casos obstinados de obsessão morbosa do espírito. Mesmo quando não se tratasse de coisas assim, o mundo laico viu, como Albertotti, a utilidade destes “verdadeiros e próprios colóquios feitos com cada indivíduo de acordo com o caráter próprio de cada um, onde ele (Dom Bosco) se indus-

¹⁷ Talvez o autor se refira a François COPPÉE, poeta e dramaturgo nascido em Paris, em 1842. Sem negar a fé em que fora educado, afastou-se temporariamente do Catolicismo. Ao voltar, a mesma fé desabrochou robusta e elevada. Foi o *poeta dos humildes*: cantou os sofrimentos, as lutas e mesmo as vitórias dos homens comuns, desconhecidos da sociedade, e o fez de forma acessível à grande maioria dos leitores. Das mesmas dores da enfermidade que o levaria ao túmulo, soube tirar motivo para escrever belíssimas páginas. Faleceu em Paris, em 1908.

¹⁸ Provavelmente Jorris Karl HUYSMANS, nascido em Paris e batizado com o nome de George. Aderiu ao naturalismo de Emile Zola até 1895, quando voltou à fé. Diante da vida foi sempre um espectador, freqüentemente irônico. Cabe-lhe o mérito de ter levado o romance a descrever os estados de alma religiosos dos meios católicos, com todas as suas imperfeições e com as suas inegáveis grandezas. Contribuiu poderosamente, com as belas orações que introduz em seus escritos, a ressuscitar entre os leigos o gosto pela literatura piedosa. Suportou com exemplar paciência sua última enfermidade. Faleceu em Paris, em 1907.

triava por conseguir dominá-lo e conduzi-lo pelo caminho da virtude”¹⁹. Certo é que Dom Bosco não via (e eu não sei se é possível enxergar a coisa de outro modo) outro meio mais eficaz e decisivo para corrigir certos hábitos inveterados e deploráveis que arruinam no jovem a beleza e a dignidade do comportamento.

Sobretudo era para ele pôr em ação um dos fatores mais imediatos de sua primeira e genuína concepção da educação: a restituição e a reconstrução da graça de Deus na alma. Por isso, encontrando-se entre os meninos, sua palavra mais comum, e quase sempre a primeira, era o convite para se confessarem. Como também o ensinamento mais caloroso que ele inculca em seus regulamentos e em todos os escritos concernentes à educação e à bondade dos jovens é o de levá-los a se confessarem e, claro, da melhor maneira possível.

Sem isso não se pode imaginar Dom Bosco, nem conceber a existência de sua instituição. A primeira vez que eu o vi foi há mais de cinqüenta anos, na sacristia da sua igreja, rodeado de ao menos uma centena de meninos. E ele segurava a cabeça de um deles afetuosamente encostando na sua, e o escutava.

Para isso ele possuía não só uma ciência profunda e intuição natural muito desenvolvida; tinha também um verdadeiro dom de Deus: lia no íntimo das consciências e via, eu disse via, com lucidez o que tinha acontecido na alma infantil daquele que ele abraçava com carinho. Aqui a clarividência, a introspecção, a telepatia e coisas semelhantes parece que não têm cabimento. Não

¹⁹ G. ALBERTOTTI. *Chi era Don Bosco. Biografia psico-patologica scritta dal suo medico*. Genova, Poligrafica San Giorgio 1929, p. 70.

Giovanni ALBERTOTTI nasceu em Nizza Monferrato, ao que parece, em 1824 e faleceu em Turim por volta de 1905. Doutor em Medicina. Assistente da cadeira de Patologia Mental na Universidade de Turim. Médico do Oratório de Valdocco, de 1871 até sua morte.

é sério supor que certas faculdades de quem se descontrola na função mediúnicamente ou que se deve excitar para tarefas semelhantes, estivessem continuamente em ação num homem tão sereno e normal, e que estava tão presente a si mesmo, como foi Dom Bosco.

Ele sabia não só o que acontecera, mas também o dia e a hora e quantas vezes e tudo o mais. Não parecia estar adivinhando; com amável simplicidade estava a fazer com que o pequeno penitente se recordasse de tudo. Embora convencidos de que nada lhe estava oculto nem se lhe podia ocultar, os juvenzinhos mesmo assim queriam confessar-se com ele e não com outros; e diante de sua amabilidade, abriam-lhe a alma toda. Digo isso porque ele desejava então, no que dizia respeito a si mesmo, e o transmitiu aos seus como um preceito, que juntamente com o convite freqüente se deixasse toda a liberdade de ação e de escolha e que se evitasse qualquer pressão. Aquela espécie de desordem que ainda hoje se percebe nas casas de Dom Bosco quando os meninos se vão confessar é a melhor confirmação disso.

Viver em comunhão

Que, com naturalidade, nascesse de tais princípios a prática freqüente do outro Sacramento, o mais divino de todos, é ainda isso o resultado e o mérito da escola de teologia de Turim da qual ele provinha e que ele começou a pôr em prática dando-lhe a mais larga e santa interpretação e, graças à expansão de sua obra, a mais vasta difusão.

Aqui temos que olhar com os olhos da fé. Para Dom Bosco o contato imediato da alma purificada do mal com o Deus vivo e verdadeiro no sacramento do altar constituía-se sem mais em força para o bem, vigor para a perseverança, elevação a mais sublime e alegria a mais pura da alma. Assim, para quem deixara escrito

a respeito de si mesmo bastava alguém ser jovem para ser por ele amado, não era possível privar de tamanho bem e de tão profunda alegria aqueles que ele amava e não encorajá-los a que com freqüência buscassem esse bem e essa alegria.

Também por esse motivo ele deixou, como já disse, marca incancelável na história do espírito cristão, após-tolo que foi da comunhão freqüente e da comunhão das crianças.

Ser-me-á perdoada facilmente, espero, tal digressão, cujo intento foi mostrar as fontes primeiras e o acontecer do espírito sacerdotal em Dom Bosco, o qual foi grande, sim, e foi santo, mas hauriu muito do clima ambiental. Os grandes homens e os gênios não criam tudo: é, por certo, verdadeiramente glória deles a síntese criativa com que dão impulso a coisas novas e semeiam germes de futuro. Vale, por acaso, menos o nosso Dante se não inventou nem a língua nem a poesia, nem — sabe lá — quantos elementos de seu divino poema?

O primeiro Oratório

Junto com esse há um outro acontecer de Dom Bosco, e talvez seja o que mais sobressai para nós.

Desde os primeiros dias da chegada do novel sacerdote a Turim, chamou-lhe a atenção o desagradável espetáculo de tantos meninos abandonados pelas ruas, particularmente nos dias festivos. Na ociosidade, viciando-se, corrompendo-se em atos e palavras, aprendendo a fazer o mal, não tinham ninguém que se ocupasse deles a não ser os guardas que, de vez em quando, levavam algum deles para a casa de correção.

Depois, em suas tristes peregrinações por cárceres, casas de detenção, hospitais, pelos tugúrios dos quarteirões mais pobres, ele teve que ver tantos jovens re-

duzidos a um estado tão deplorável porque ninguém se interessara por lhes ensinar os deveres do cristão, que, afinal, são apenas os de viver com honestidade e decoro. Ninguém que cuidara de conduzi-los a Deus, de afastá-los e preservá-los dos escândalos e dos contatos pouco sadios; por isso tinham aprendido o vício que os arrastava à prisão ou os condenava a definharem precocemente e fazia deles perigo e desonra para a sociedade.

Turim começava a crescer (estamos nos tempos de Carlos Alberto) e eram muitos os pedreiros e operários que, ainda rapazolas, chegavam de fora. Não tendo em si nenhuma maldade, graças à própria ingenuidade ficavam ainda mais expostos às influências dos maus, tanto mais que ninguém ligava para isso ²⁰.

E enquanto o espírito observava e estudava, o coração gemia. Desde criança, Dom Bosco tinha feito tanto para ocupar os meninos de sua aldeia em dia de domingo! A vocação tornava-se mais clara e o instinto, ou para falar com maior acerto, a mão de Deus o conduzia. Eram aqueles os meninos briguentos e desbocados do primeiro sonho, as feras que uivavam ameaçadoramente. Quando haveria de vê-los transformados em cordeiros e ele à sua frente?

Para dizer a verdade, desde as primeiras semanas que ele chegou ao Colégio Eclesiástico, estando no adro da igreja ou na sacristia, viam-no rodeado de meninos

²⁰ CARLOS ALBERTO de Savoia nasceu em Turim, em 1798, e faleceu no Porto, Portugal, em 1849. Reinou de 1831 a 1849, quando abdicou em favor de Vitório Emanuel II, após duas guerras contra a Áustria. Deu início à reforma do Estado. Fez de Gênova importante porto para a Europa Central. Codificou as leis. Concedeu o Estatuto Albertino, que transformou o Reino de Sardenha numa monarquia constitucional. Protegeu Dom Bosco nos inícios do Oratório.

Em seu tempo, Turim começou a crescer como cidade, atraindo gente do interior, que muitas vezes ficava sem emprego ou que se sujeitava a qualquer tipo de trabalho para poder sobreviver.

que o seguiam e que ele catequizava e atraía a si com a bondade²¹. Mas não podia fazer mais por falta de local. Entretanto, amadurecia nele a idéia de reuniões e oratórios festivos em prol de jovens operários. Falou disso com o Arcebispo Frasoni e dele recebeu pleno consentimento e grande encorajamento. Estando, pois, a pensar quando e como daria começo ao trabalho, um fato veio tirá-lo da incerteza.

Na manhã do dia 8 de dezembro daquele ano de 1841, festa da Imaculada Conceição, Dom Bosco descera à sacristia de S. Francisco de Assis e se preparava para a missa. Ninguém se apresentou para ajudá-la. Mas lá num canto estava um rapazinho com seus catorze anos, meio desengonçado e com o ar atônito de caipira que chega na cidade. O sacristão, com palavras bruscas, chama-lhe a atenção e quer que ajude à missa. O rapazola responde que não sabe. “Se você não sabe ajudar à missa, grita-lhe o sacristão, que vem fazer aqui na sacristia? Vá-se embora!”

E porque o rapaz, aturdido, não se move, ele, enfurecido, investe sobre ele com pontapés, pancadas e injúrias e o expulsa dali.

À vista dessa cena confrangedora, Dom Bosco passa um pito no sacristão e, declarando-lhe que maltratara um amigo seu, lhe impõe que o traga de volta. O menino vem. O jovem padre o acolhe benignamente e depois da missa quer falar de novo com ele.

— Meu bom amigo, como se chama?

— Bartolomeu Garelli.

²¹ Pe. Cafasso mantinha em S. Francisco de Assis um catecismo dominical para os meninos e se fazia ajudar por alunos do Colégio Eclesiástico. Dom Bosco ajudou-o nessa obra, de forma estável, e quando o Pe. Cafasso não pôde mais continuar, assumiu inteiramente sua responsabilidade. Ao que tudo indica, com Bartolomeu Garelli vai ter início algo diferente desse catecismo dominical.

- De que lugar você é?
- Sou de Asti.
- Em que é que você trabalha?
- Sou pedreiro.
- E seus pais?
- Morreram.
- Quantos anos você tem?
- Dezesseis.
- Sabe ler e escrever?
- Não sei nada, não!
- Sabe cantar?
- Não.
- Sabe assobiar?

O menino se pôs a rir. Dom Bosco ganhara-lhe a confiança. E continuou a interrogá-lo se já tinha feito a primeira eucaristia, se tinha se confessado, se sabia as orações; mas o pobre rapaz já se esquecera de tudo isso. Falou-lhe do catecismo da paróquia. Ele lhe fez compreender que tinha vergonha de se misturar com os mais pequenos, pois não sabia uma palavra daquilo tudo.

Propôs-lhe então aulas de catecismo à parte. O menino aceitou.

- Vamos começar agora mesmo?
- Sim, agora mesmo e com muito gosto!

E Dom Bosco, após uma curta e fervorosa oração, começou.

Naquele instante em que, para iniciar, ensinava àquele rapazinho ignorante de vez o sinal do cristão, nascia a obra salesiana. Bartolomeu era o primogênito das crianças do mundo inteiro que, como filhos espirituais, iriam reunir-se em nome de Dom Bosco para

aprender sob a disciplina do amor e da caridade o caminho da virtude e da honra.

No domingo seguinte, Garelli levou a Dom Bosco outros seis rapazinhos de sua condição, e assim, pouco a pouco, o número foi aumentando. Nos dias de festa a pracinha da igreja parecia um formigueiro, com uma turba de pobres filhos do povo, em sua maioria vindos de outros lugares da Itália, para os quais era um momento de alegria aquele em que aparecia o jovem padre. Ele tomava conta deles, empregando-os junto de bons patrões e indo visitá-los no lugar de trabalho. Era o apostolado religioso e social que se haveria de completar mais tarde e concretizar-se nas inúmeras oficinas de toda espécie que Dom Bosco instituiu para formar, sob a égide da religião, o operário trabalhador e honesto.

Por três anos, até 1844, aquilo que ele chamou com o nome característico de Oratório permaneceu em S. Francisco de Assis²², protegido pelo Pe. Guala e pelo Pe. Cafasso. O primeiro núcleo transformara-se numa multidão de quase duzentos meninos. Surgia a necessidade de um local mais amplo e em condições mais favoráveis para entreter com os brinquedos e com outras atividades todos aqueles meninos, uma vez que a pracinha pública e a mesma igreja se demonstravam cada vez menos indicadas para tal escopo. Entretanto o jovem padre acabava seus estudos e de vários lados surgiam-lhe propostas vantajosas de emprego.

²² Enquanto em Milão havia Oratórios que contavam já com mais de um século de existência, em Turim tal instituição era inexistente até por volta de 1840, quando o Pe. João COCCHI fundou o *Oratório do Anjo da Guarda*, no bairro de Vanchiglia. Em 1849 conduziu seus jovens para que se alistassem no exército piemontês, por ocasião da desastrosa batalha de Novara. Seu Oratório foi então fechado; pouco depois se reabria sob a direção de Dom Bosco.

Pe. Cafasso foi então, para Dom Bosco, a voz de Deus e a mão da Providência divina. Mais uma vez lhe esclareceu as dúvidas e hesitações. Quis que se transferisse para o pequeno hospital anexo ao Refúgio que a Marquessa Barolo²³ fundara em Valdocco, onde, coadjuvando o valoroso e bondoso teólogo Borel²⁴, o qual se transformou num dos mais preciosos amigos e colaboradores seus, ele conseguiria alguma ajuda e, entretanto, algum espaço para seus meninos. Renovou-se então, como já falei, o profético sonho.

O oratório ambulante

Ficou lá quase um ano. Escolheu como patrono da capelinha tão pobre — mas inteiramente sua — de que dispunha, S. Francisco de Sales, que se tornou patrono e titular também de suas obras, chamadas justamente SALESIANAS. Com o Pe. Borel iniciou uma escola vespertina para pobres operários, ensinando-lhes a ler, escrever e fazer contas.

Mas aqueles trezentos e mais meninos que aos domingos punham em rebuliço os corredores e os quartos não eram bem o que a senhora Marquesa podia desejar

²³ Julieta COLBERT casara-se com o Marquês Tancredi Faletti di BAROLO. Enviuvando, dedicou-se à assistência das classes menos favorecidas e das encarceradas. Em Valdocco fundou o Refúgio (hoje Instituto Barolo) que é um educandário. Entre as instituições por ela fundadas, encontra-se o Ospedaletto di S. Filomena, para meninas doentes.

²⁴ O teólogo João BOREL é natural de Turim. Ainda seminarista, foi inscrito no clero palatino. Doutorou-se em Teologia. Uma vez padre, foi nomeado capelão do rei e da capela real, mas logo renunciou ao honroso cargo. O arcebispo designou-o então diretor espiritual do Refúgio e das instituições anexas. Foi de grande ajuda a Dom Bosco nos inícios do Oratório. Distinguiu-se também pelo amor aos pobres, pela assistência prestada aos enfermos de seu bairro e pelo atendimento dado aos presos de Turim. Faleceu em 1873.

nesse lugar. Foi convidado a se mudar. Começou então, como tinha sonhado, o caminho da cruz: uma verdadeira caça a uma morada estável. “Os repolhos, disse então o Pe. Borel, devem ser transplantados, senão não crescem”²⁵.

Em S. Pedro *in Vinculis*, a criada do capelão ficou uma cobra, a tal ponto que induziu o seu reverendo patrão a mandar embora o Oratório. Foi-lhe permitido ocupar uma igrejinha abandonada de S. Martinho, perto dos Moinhos, na vizinhança do pinturesco mercado de Porta Pallazzo. Mas os moradores do lugar, aterrorizados diante daquela turba de moleques que pareciam da pior espécie e no entanto se comportavam como filhos dóceis daquele padre, conseguiram que as autoridades os afastassem dali. Peregrinou ora de cá, ora de lá, por vários bairros e nos arredores da cidade. Alugou uns quartos de um certo Pe. Moretta e teve que deixá-los. Finalmente o Oratório acampou num prado em Valdocco.

Vida romântica e, no entanto, historicamente cristã. Não tinha Jesus pregado e agido sem morada fixa, e as multidões não o haviam seguido em campo aberto? Assim Dom Bosco. Pregava, admoestava, confessava, assentado na borda do campo, os quatrocentos jovens que todo domingo se recolhiam sob seu olhar e o seguiam aonde quer que ele fosse.

Também aquela poesia efêmera acabou. Cortou-lhe as asas o dono do prado. O pisoteio daquela nova espécie de rebanho lhe arruinava até as raízes do capim.

* Dom Bosco chorou. Ao seu redor, tudo estava ficando escuro. Estava-se armando uma perseguição surda, movida por mesquinhez e ciúme. Muitos amigos se retiravam. As autoridades se lhe mostravam hostis. Chegaram até a uma tentativa de interná-lo no manicômio.

²⁵ Cf. MB 2, 306.

E agora, que haveria de dizer a seus meninos? Aonde os levaria no domingo seguinte?

Lá, a céu aberto, Dom Bosco chorou. Em torno dele choravam os seus meninos.

A casa Pinardi

A essa altura entrou no prado um bom homem que lhe ofereceu um local ali perto, um telheiro ou coisa semelhante. Foi ver. Era o telheiro da casa Pinardi, baixo e sem reboque, que ele alugou por 320 libras anuais, com um terreninho ao lado. O contrato é de 1.º de abril de 1846.

Lá, em meio à várzea despovoada de Valdocco, não longe do Rio Dora, naquele barracão que foi adaptado para ser capela, entrou como em triunfo no domingo seguinte; era Domingo de Páscoa no Oratório de S. Francisco de Sales! E não saiu mais dali. Hoje, domina na frente a cúpula da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, a senhora do sonho.

Poucos meses depois ele alugava também uma parte da casa e, gradualmente, teve-a inteirinha para si, libertando-se de uma vizinhança pouco edificante e conseguindo espaço suficiente para a escola noturna e dominical.

Tinha-a instituído aprendendo, embora com muitas reservas, de Ferrante Aporti²⁶. Este, que dera início em

²⁶ Pe. Ferrante APORTI nasceu em S. Martino dell'Argine, Mântua, em 1791. Introduziu na Itália os asilos infantis, que logo se espalharam por quase todos os Estados italianos. Em 1844 foi chamado a Turim, onde ministrou aulas de Método na Universidade. Foi nessa ocasião que Dom Bosco o conheceu. Manteve sempre relações corteses com Dom Bosco, cujo trabalho educativo acompanhou com interesse e simpatia. Faleceu em Turim, em 1858.

Turim às Escolas Normais, aconselhava os bispos e o clero a fazerem o mesmo e a aproveitarem, enquanto era tempo, quanto de bom e de útil apresentavam as novas instituições, sem estar aí perdendo tempo em ver de que lado tinha nascido a primeira idéia delas.

Em novembro daquele mesmo ano, Dom Bosco pôde trazer para aquela casucha sua santa mãe; ele mesmo veio então morar nela.

Com Mamãe Margarida

A boa senhora, venerada por todos os que a conheciam, estimada por todos os pobres da redondeza, aos quais, com os poucos meios de que dispunha, sabia socorrer e confortar, tinha compreendido seu filho e, voluntária e fortemente, afrontou o sacrificio que enxergava com clareza.

O afeto profundo e inconsciente à própria terra e às suas coisas é quase metade da vida para essas almas simples, e se transforma na mais pungente das saudades quando elas lhes vêm a faltar. Mas aqui havia de ser vencido para poder caminhar ao encontro de uma existência cheia, por certo, de privações e de sofrimento, não confortada pelo sorriso de ilusão alguma e muito mais difícil de suportar porque era preciso viver entre gente desconhecida.

O filho não tinha nada. Para seguir a voz de Deus e de seus meninos renunciara até ao emprego e à hospedagem de que antes desfrutava. Não lhe sobravam senão as roupas, o coração e a confiança em Deus. Aquele era verdadeiramente o momento e a figura que ela, em seu coração e em seu pensamento, tinha imaginado para o filho: padre e pobre, mas livre de si mesmo e todo para Deus. Digo também livre de fazer de si o que lhe parecesse bem, porquanto aquela alma forte não o teria tolerado em casa de senhores. E lho tinha dito.

Com lágrimas nos olhos aquela santa mãe tomou seu vestido de noiva, suas poucas jóias, seus pobres pertences e a pé, como em peregrinação para o calvário do sacrifício e da caridade, mudou-se com o filho para Turim naquele dia 3 de novembro.

Na entrada da cidade deram com o teólogo Vola²⁷, um amigo de Dom Bosco. Este o fez parar e travou um diálogo com ele. Para encontrar algo de semelhante é necessário remontar às ingênuas vidas dos Santos Padres, escritas em 1300.

— De onde é que vocês vêm, tão cansados e empoeirados?

— Da aldeia natal.

— E por que vieram a pé?

— Porque nos falta... “isto”!

— E como é que vão viver na cidade, se vocês não têm nada?

— Verdadeiramente, não pensei nisso; mas estamos nas mãos de Deus.

— Mas pelo menos você pensou nalguma coisa para almoçar?

— É uma coisa na qual ainda preciso pensar. Mas fique tranqüilo. A Providência vai dar um jeito.

— Está bem! Olhe, diz o amigo, eu estou sem dinheiro, mas por agora fique com isto... E lhe colocou nas mãos seu relógio.

²⁷ O teólogo João Inácio VOLA nasceu em Turim em 1797. Estudou em escolas públicas até os treze anos de idade, quando suspendeu seus estudos para trabalhar. Voltou a estudar aos dezanove anos. Doutorou-se em Teologia. Em 1825 era padre. Distinguiu-se pelo amor à virtude e aos estudos. Confessor do Retiro do Rosário, pregador, foi por fim nomeado diretor espiritual do Mosteiro de Nossa Senhora do Bom Pastor. Faleceu em Turim, em 1858.

— Está vendo? disse Dom Bosco a sua mãe. Eis aí uma bela prova de que a Providência vai pensar na gente. Vamos com fé!

E, confiantes, subiram até aqueles humildes quartos, enfeitados pela miséria e a nudez das paredes.

Para mim esse fato e tais palavras são — quem o pode negar? — o mais belo hino à Providência de Deus e à fortaleza da mulher cristã.

Pouco tempo depois, uma noite, em meio a uma chuva torrencial, bateu à porta um rapazinho. Era da Valésia, órfão, perdido. Pedia acolhida e comida. Dom Bosco olhou para a mãe. Margarida tinha lágrimas nos olhos.

Prepararam-lhe algo de comer. Arranjaram-lhe um colchão. E aquela santa mulher fez-lhe vir à mente as orações aprendidas nos joelhos da própria mãe e já esquecidas. Disse palavras boas e o fez dormir...

Poucos anos após, de meninos como este, lá, naquele canto perdido e mal afamado, em redor de Dom Bosco, havia setecentos. A Providência!

Permita-me o leitor que aqui eu descanse a pena e dê uma olhadela a isso que desejaria fosse uma apresentação do acontecer de Dom Bosco.

Nós o vimos, criança e menino, junto de sua mãe, herdando e aprendendo daquela filha do povo, inteiramente cristã, as virtudes primeiras do povo sadio e da santidade simples de qualquer fiel. Ele demonstrou-se tenaz e confiante em Deus nas primeiras e angustiantes desilusões e aventuras de sua vocação, que se foi revelando até concretizar-se nos fatos primeiros e inconscientes de sua juventude. Seguimo-lo em seus estudos profundos e vastos, em suas primeiras experiências, nas primeiras e difícilimas provas. Ao seu redor, junto dele, está um pequeno grupo de almas santas que o sustentam, dão-lhe segurança, e todas lhe indicam seu cami-

nho. Sobre ele velam a Providência de Deus e a Senhora de suas glórias.

Agora, em 1846, o encontramos livre, com a independência do pobre, mas temperado para tudo enfrentar. Consciente de tudo, com o caminho traçado ante seus olhos, tem o olhar fixo na visão do futuro radioso. Conhecido da cidade inteira, que se ia tornando sua, popularmente querido por todos os trabalhadores humildes da oficina, da praça, do mercado, é grandemente amado por todos os meninos que só a ele confiam seu coração; é esperado e suspirado por qualquer alma sofredora que tem necessidade da palavra derradeira que a introduza junto de Deus. Vemo-lo começar assim, com simplicidade mas não sem saber o que está acontecendo: *aquela grande obra*.

Junto dele continua sua mãe, daqui por diante *Mamãe Margarida*, que se separa de suas jóias, que descostura o vestido de noiva e faz sua a alegria dos filhos de predileção de seu filho. Ela lhes costura os remendos, lhes cerze os rasgões da roupa; e para ele repete ainda aquelas expressões bonacheironas da sabedoria popular, que formaram e continuarão a formar no homem de Deus o estilo da bondade.

Dom Bosco, em 1846, já está presente por inteiro, enquanto em seu redor ainda nada aparece.

Resta-nos explicar... não, que humanamente nem tudo se pode explicar. Cabe-nos descrever o acontecer de sua obra.

Questões para compreensão e aplicação do texto:

13. *Indique três pontos da ação educativa de Dom Bosco em que se manifesta a influência do Pe. Cafasso.*

14. *Confissão sacramental e sistema educativo de Dom Bosco:*

14.1. *Concepção da confissão sacramental como ensinava o Pe. Cafasso.*

14.2. *Globalidade da alma do menino e efeito da confissão sacramental.*

14.3. *Graça de Deus e confissão sacramental, na concepção educativa de Dom Bosco*

15. *Qual o valor pedagógico da comunhão sacramental no sistema educativo de Dom Bosco?*

16. *8 de dezembro de 1841:*

16.1. *Diálogo com Bartolomeu Garelli: mostre como Dom Bosco passa dos interesses do menino para os interesses da sua formação cristã.*

16.2. *Que diferença há entre os catecismos de S. Francisco de Assis, ministrados pelo Pe. Cafasso, e o Oratório de Dom Bosco?*

16.3. *Tradicionalmente, Dom Bosco e seus filhos apontam o dia 8 de dezembro de 1841 como data do nascimento da obra salesiana. Apresente duas razões do texto, que dêem apoio a tal afirmação.*

17. *A casa Pinardi não serviu só para Oratório. Logo começou também a escola noturna e dominical. Respondia ela a qual exigência do ambiente social de Turim?*

18. *Qual a importância de Mamãe Margarida nos inícios da obra de Dom Bosco?*

4. A PERSONALIDADE DE DOM BOSCO

Um físico excepcional

A partir desse momento, o nosso Homem se identifica e se torna uma coisa só com a sua obra, de modo que é quase impossível falar do que ele é, se não se mostra também o que ele faz. Ele mesmo fala assim, nomeando-se em terceira pessoa: “Vejo, dizia aos seus naquela noite de 2 de fevereiro de 1876, que a vida de Dom Bosco está completamente misturada com a vida da Congregação, por isso falemos dela”²⁸. Falou de como o sobrenatural interviera na história de sua obra, história sua, aliás. Depois continuou: “E por isso acho bom que a esta altura nos esqueçamos do homem... É necessário, porém, que as obras de Deus se manifestem. Nós, por exemplo, poderíamos ter escrito todas as coisas por que passamos antes mesmo que acontecessem, e descrevê-las em seus pormenores e com precisão. Para minha norma e conforto até havia escrito diversas coisas”.

É oportuno, então, pararmos um pouco para contemplar o próprio Dom Bosco, nas aptidões e valores: com eles e por eles se desenrola a história de quanto leva o nome dele. Assim o fez o Papa Pio XI. Em seu discurso de 19 de novembro de 1933, apresentou antes

²⁸ MB 12, 69.

a síntese da pessoa como causa (note-se bem!) da síntese objetiva das obras do santo. Em seu grande amor a Dom Bosco, ele se preocupou tanto com realizar um exame carinhoso do ser pessoal do seu e nosso herói, e chegou a defini-lo de maneira tal que, sem nos afastarmos muito do real, não é quase possível bosquejar um retrato dele se as linhas não forem justamente tomadas dos conceitos e palavras expressos pelo Papa nas diversas ocasiões. São palavras abençoadas essas que vêm do chefe visível da Igreja. Mas elas estão apoiadas igualmente em seu alto valor de erudito, o que acrescenta, em todo o caso, segurança e elegância às afirmações.

Para dizer a verdade, em uma pessoa tão singular como esta, em que o elemento humano e natural está permeado pela obra do espírito em medida extraordinária, não é sempre fácil separar um elemento do outro. Até o cientista mais imparcial é obrigado quase a cada momento a levar em consideração fatores e quantidades que não podem situar-se unicamente na psicofisiologia.

Mas é uma magnífica criatura também na ordem natural. Antes de tudo, nele se temperam excepcional robustez e uma força física, ágil e pronta — que, não obstante doenças gravíssimas, sustentam-no até quase os seus últimos anos num trabalho colossal e nunca abandonado — com uma resistência orgânica que tem algo de “milagroso”.

Operosidade

Seu dia de trabalho rouba à noite mais tempo do que seria conveniente. Tanto que não se sabe “em que maneira e quando concedia a si mesmo aquele mínimo de repouso e de sossego, de absoluta necessidade para si como para todos”. É um dia cheio de atividade inexplicável que, não obstante, “faz bem todas as coisas”²⁹.

²⁹ Cf. *Mc* 7,37.

Aplica-se ao governo de suas obras da mesma forma com que confessa por horas e horas seus *filhos*. Prega em casa e fora ou então escreve (*ditar* seria mera palavra retórica) “como se não tivesse outra coisa para fazer senão acumular páginas e páginas, opúsculos e inúmeras cartas: outros tantos benefícios espirituais”. Todavia “dir-se-ia que ele não tinha outra ocupação e não dispunha de tempo a não ser para falar com todos, escutá-los, responder a eles; e ainda mais, dir-se-ia que tinha muito tempo de sobra, porquanto com frequência ele julgava seu dever descer familiarmente entre os seus meninos para contentar especialmente os mais necessitados dentre aqueles pequenos, e para se pôr a contar histórias e a brincar com eles, como se nenhuma outra tarefa ou ocupação requeresse sua presença preciosa”.

Numerosos episódios lépidos nos falam também de agilidade quase acrobática, de destreza de prestidigitador, de velocidade, de uma força muscular que aos setenta anos quebrava o dinamômetro.

Autodomínio

Mas tal operosidade e resistência não dependiam somente da “constituição feliz e da vida dura que a pobreza cedo lhe fez conhecer”. Encontram-se nelas uma vontade de ferro e uma disciplina sobre si mesmo que vai de uma penitência equilibrada, verdadeira e voluntária, ao domínio dos sentidos e à mais ilibada pureza. Pois, falando humanamente, ele recebera da natureza, junto com as idiossincrasias do temperamento energético e fogo, uma “excepcional delicadeza de sensibilidade moral, diz o seu médico, na percepção de fatos e coisas que em outros não teriam suscitado a menor emoção: sensibilidade extrema, própria dos gênios mais sublimes”³⁰. Assim como esta poderia tê-lo tornado me-

³⁰ G. ALBERTOTTI. *Chi era Don Bosco...*, p. 81.

nos simpático (e talvez infeliz como Torquato Tasso)³¹, não fosse a decisiva repressão de si mesmo (e por motivo da qual, como ele mesmo diz, *o sangue lhe ferveu nas veias* desde a juventude), do mesmo modo foi associada a uma repugnância característica, a um desgosto instintivo por qualquer coisa contrária a um recato individual e social muito delicado e sempre vigilante. Nisso nós vislumbramos a origem (embora humana, é sempre uma coisa bela) de todo aquele sistema de preservação e daquela aura de pureza com a qual ornou o clima espiritual em que desejou vivessem os seus, jovens e adultos.

Seus dotes físicos estiveram a serviço de uma vontade “gigante, indômita e indomável, que não foi subjugada nem pela quantidade de trabalho e das obras “nem pelo surgir de obstáculos e de dificuldades. Claro que a consciência de seu destino (como diriam os profanos) teve não pequena parte no sustentá-lo. Porém sustentar não é criar. E na realidade, como haveremos de ver, não impedia que sentisse a dureza das resistências e devesse industrializar-se para superá-las. “Torna-te humilde, forte e robusto”: foi-lhe dito no “*sonho* dos nove anos. E ele *tornou-se forte*, e quis as coisas a seu modo. Assim foram e dessa forma agiram todos os homens que deixaram marca de si neste mundo.

É esta uma das gemas mais preciosas da herança e da tradição que a serviço da operosidade ele quis legar aos seus em pé de igualdade: olhar para a frente, para o futuro, e ter força de vontade. E até agora não houve falência.

³¹ Autor da *Gerusalemme liberata*, Torquato TASSO nasceu em Sorrento, em 1544, e faleceu em Roma, em 1595.

Coração de bondade

Energia de vontade levaria a pensar de preferência em regidez, dureza, em ausência de sentimento. Pareceria inconciliável com a ternura de coração. Dom Bosco, no entanto, é o homem da bondade. Tem um coração bondoso. Não só um coração grande que pensa no gênero humano, mas também um coração como o de Jesus, que se comove por causa da turba que não tem pão, entenece-se diante de cada sofrimento, de cada choro e se inclina maternalmente para abraçar (é S. Marcos que o diz) as crianças³². Não o coração dos filantropos, que é um monumento de mármore e de bronze, porém a bondade paterna, a ternura e a solicitude materna “pelos pequenos, pelos que são pobres entre os pequenos, pelos mais pobres e os mais pequeninos”.

Nós que o conhecemos, eu que devo a ele o que sou (e não é sem emoção que o recordo!), podemos dizer que, se aquele homem cometeu, por assim dizer, um erro, foi o de escutar sempre mais o coração que a razão e não se ter nunca demorado a escolher entre esta e aquele. Num daqueles anos de minha lembrança, devíamos muitos milhares de liras aos fornecedores de farinha. Ele, no entanto, aceitou, pessoalmente, mais alunos que de costume, até encher deles os sótãos. Os erros do Cottolengo!

E assim como Jesus não sabia resistir diante de uma mãe, fosse a sua ou a daquele adolescente morto, Dom Bosco para atender a uma mãe e a um menino, teria feito, digamo-lo em bom português, até mesmo um despropósito. Isso era nele também uma virtude hereditária, e seja dada glória a sua mãe; mas tornou-se igualmente uma herança. Um grande filho seu, missioná-

³² Cf. *Mc* 10,16.

rio, Fagnano³³, dizia um dia: Arranquem-me o coração, e deixarei de contrair dívidas! E Pio XI esculpia o traço mais simpático da alma de Dom Bosco com a imagem bíblica: “Deus lhe deu um coração tão grande como a vastidão das areias do mar”³⁴.

O mundo está cheio de homens que devem afirmar: “Se sou alguma coisa, devo-o a Dom Bosco”. Assim também não existe (em breve deveremos, ou melhor, deverão dizer: não existiu) quem, tendo-o conhecido, possa esquecê-lo. Seu bom coração manifestava-se não apenas na caridade, mas também nas maneiras. O *amator animarum* era um conquistador de almas que tinha por arma a bondade. Quero dizer, aquela bondade quotidiana, humilde, cordial, amável, às vezes paterna, às vezes materna ou fraterna. Não a bondade que se digna inclinar, mas aquela que vive com e para aquele de quem se aproxima; que coloca os outros em lugar de si mesmo e desce da caridade do pão à caridade do agrado, da boa palavra, do sorriso, da suportação. Em meio a seu colossal trabalho “ele tinha sempre reservado um pouco da própria pessoa, da mente, do coração, para quem chegou por último, qualquer que fosse a hora em que tivesse chegado e após qualquer trabalho”. Amava, eis tudo, e nós o percebíamos. A *amorevolezza*, da qual

³³ Mons. José FAGNANO nasceu em Rocchetta Tánaro, Asti, em 1844. Estudou no seminário de Asti. Como voluntário do serviço de saúde, tomou parte na guerra de independência da Itália. Depois foi para o Oratório de Turim. Salesiano em 1864. Padre em 68. Em 1875 partiu para a América com a primeira expedição missionária.

Trabalhou na Argentina. Nomeado prefeito apostólico da Patagônia meridional e da Terra do Fogo, chegou a Punta Arenas em 1887. Fundou as missões de S. Rafael, na ilha Dawson, e da Candelária, na Terra do Fogo. Distinguiu-se na defesa das tribos indígenas. Criou também o observatório meteorológico de Punta Arenas.

Faleceu em Santiago do Chile, em 1916.

³⁴ Cf. *1Rs* 5,9.

fez um dos três fundamentos de seu sistema educativo, outra coisa não é senão *querer bem* aos meninos.

Bondade como essa não se define. Quando muito se descreve, como fez S. Paulo no capítulo treze da Carta aos Coríntios, lapidando-a como um brilhante.

Jovialidade serena

Era sobretudo uma bondade serena, a alegria de ser bom. Sei que me repito em algumas coisas e aliás, ainda devo voltar ao assunto. Mas aqui insisto nisso, por acreditar que, para levar ao gozo da serenidade e do júbilo, não existe nada melhor que o calor do coração. Dom Bosco era um santo de bom humor, e falar com ele alegrava deveras a alma. Alegria e serenidade eram para ele um fator moral de primeira ordem e uma forma da sua pedagogia; tanto assim que recomendava estar atentos aos taciturnos e aos carrancudos. Por isso é que eu disse que na sua casa a alegria é o décimo primeiro mandamento.

Quem entra numa de suas casas não pode deixar de ver logo que está no reino da jovialidade e que a nota dominante é a alegria. Não só porque vê todo o mundo, meninos e mestres, fazendo barulho juntos, com liberdade, mas porque as mesmas pessoas dos Salesianos se apresentam alegres e serenas. O tipo jucundo do italiano e o tipo bonachão do piemontês aparecem por toda a parte, como existiram nele.

Até na igreja. Existe, sim, o recolhimento bem composto do fiel que sabe que está rezando. Encontra-se também a atitude devota. Mas quem compreende as coisas vê sem mais que não há nem sinal da piedade sombria ou compassada ou carrancuda de outras orientações espirituais que já passaram. Ele mesmo rezava com uma compostura tão simples e natural, diria tão comum, que fazia pensar num padre bom que tem cons-

ciência do que faz, mas não num santo a rezar. Nada da devoção barroca ou teatral dos pintores.

E nas suas casas (são mil e quatrocentas!) não se realiza nunca uma função litúrgica, não se começam nem mesmo as orações (que ele preferia fossem rezadas fora da igreja!), sem cantar alguma coisa. Queria cantos populares e também música litúrgica: fazia cantar até no recreio e em qualquer outra ocasião. Desde menino que o brinquedo e a alegria se haviam transformado para ele num apostolado.

Note-se bem! Noventa por cento de suas falas aos Irmãos são exortações ao trabalho, à temperança, à pobreza, que até constituem o seu testamento espiritual. Austeridade de vida, pois, que pareceria em oposição à alegria. Mas a austeridade está nos costumes, na vontade de se sacrificar, no desapego, não no tom que se dá à vida. Trabalha-se, tolera-se, faz-se sacrifício com alegria, porque em tudo entra o coração. A alma é de tal modo temperada para os altos ideais, de tal modo é predisposta a ser superior a tudo o que é necessário, que permite ao espírito movimentar-se com a máxima desenvoltura. Revivem Francisco de Assis e Felipe Neri.

Assim era Dom Bosco, e assim passou pela sua obra, deixando nela a sua marca.

Vigor intelectual

Com tudo isso e acima de tudo isso se levanta e se libra o engenho. Seríamos, por acaso, injustos para com o santo se disséssemos que humanamente teria sido igualmente grande se, de preferência a outros caminhos, tivesse seguido as indicações e as inclinações da genialidade?

É essa a idéia que o Papa Pio XI expressa, com palavras cada vez mais incisivas. Pelo conhecimento pessoal que dele teve e pelo estudo que fez dessa “pos-

sante figura”, ele formou-se o conceito “de uma daquelas almas que teria deixado grande marca de si em qualquer caminho que tomasse, tão maravilhosamente aparelhado estava para a vida, com a força e o vigor da mente, com a luminosa, vasta e penetrante inteligência, com o não comum, antes, raríssimo vigor do pensamento, daquele tipo de pensar (coisa essa bem pouco conhecida e da qual pouco se fala) que mais propriamente se diz tal: o do homem que realmente teria podido tornar-se um douto, um pensador”.

Estamos, pois, na presença de alguém que “mesmo que se tivesse limitado ao caminho dos estudos e da ciência, certamente teria deixado após si algum profundo sulco, como de fato nesse mesmo campo algum sinal de si ele deixou”. Poderíamos, quase, pensar em Leonardo, que revelou sua genialidade na pintura, e demonstrou sua inteligência em tantas coisas, nas quais se teria demonstrado igualmente sumo, caso se tivesse dedicado exclusivamente a elas.

De fato Dom Bosco confidenciou ao futuro Papa (isso foi em 1883) “que a princípio sentiu a inclinação — e quase a sedução — pelos altos estudos, pelos livros, pelas grandes campanhas ideais. De tal inclinação sobrevivem os sinais e quase os membros espalhados, que demonstram como deveria ter chegado à concepção de uma grande obra científica: permanecem em seus volumes, em seus opúsculos, na grande propaganda da imprensa”. E deixo de chamar a atenção para outros indícios onde se manifesta a instintiva simpatia do “homem de estudo e de pensamento” pela obra intelectual do magnífico divulgador popular da cultura cristã.

De nossa parte, pouco há que acrescentar. Quem examina o elenco das obras publicadas não pode deixar de ficar atônito diante de tamanha abundância e variedade: são mais de cem volumes, de todo porte, dos mais variados argumentos. Colocando-os ao lado do trabalho de cada dia e de cada hora, algo nos parece inexplicável.

“Parecia que tinha bem outras coisas para fazer” (e de fato tinha!), e no entanto “parecia que não devesse fazer senão isso”.

É necessário, assim, concluir que possuía versatilidade singular, uma capacidade de passar de um trabalho ao outro com absoluta independência de espírito, prontidão e ductilidade verdadeiramente maravilhosas. Quase se pensa num desdobramento de personalidade. Mas não teria bastado.

Não é tudo. Há anos que eu vivo com ele à mesa de trabalho para publicar novamente em forma genuína e situar exatamente em seu contexto histórico e conceitual, um por um, os seus escritos editados e inéditos³⁵. Pois bem, posso também afirmar aqui, com consciência de um estudioso que não ignora os métodos da crítica, que seus trabalhos revelam uma erudição que não se suspeitava e uma diligência — de escrupulo incalculável — de pesquisa e de trabalho. Quem pensaria, por exemplo, que a *História da Itália*, tão simples e tão à mão, tão caracteristicamente sua quanto a conceitos e estilo, é tecida, quase como se fosse um mosaico, com as contribuições de mais de oitenta obras, incluindo Muratori?³⁶

Indica, por certo, mais ainda, fruto espontâneo daquele dom precioso que ele teve em comum com os grandes talentos da literatura e da ciência: a *vontade*

³⁵ DON BOSCO. *Opere e scritti editi e inediti*, a cura di Don Alberto Caviglia. Turim, SEI 1929-1964, 6 vol.

Até 1934, tinham sido publicados os dois primeiros volumes.

³⁶ Pe. Ludovico Antonio MURATORI nasceu em Vignola, Módena, em 1672. Estudou com os Jesuítas. Doutorou-se em leis. Padre em 1695. Influenciado pelo Pe. Benedito Bacchini, OSB, dedicou-se à pesquisa. Trabalhou em Milão e em Módena. Foi o pai da historiografia italiana, cujas bases lançou com a obra *Rerum Italicarum Scriptores*, em vinte e oito volumes. No ministério sacerdotal, colaborou com missões populares, promoveu retiros para o clero, deu assistência a encarcerados e enfermos. Faleceu em Módena, em 1750.

de conhecer, que nele se manteve viva até os últimos dias e o fez santamente incontentável, como aqueles que realmente sabem alguma coisa. Se Dom Bosco teve alguma paixão além da de salvar as almas, foi certamente a paixão pelos livros. Pode afirmá-lo quem encontrou em sua casa os que ele recolheu e usou. Tal paixão não retardou de um momento sequer a sua canonização. E ele tampouco se arrependeu dela, pois até fez o possível para transmiti-la aos seus.

Quando unimos o que resulta de sua prática de estudioso e de escritor com quanto sabemos dos pormenores de sua vida quotidiana, não só se nos afiguram dignos de estudo os dotes e as características desse engenho — sobretudo porque não é tão freqüente vê-los reunidos em uma só pessoa —, mas mostram-se tais que praticamente se refletem em suas ações.

No entanto, é o engenho de um homem positivo, um engenho que busca o concreto e o real e foge de tudo que é mera palavra. O sentido da realidade aparece tanto em seu falar quanto em seu agir. Até no escutar o outro, suas interrogações visavam sempre esclarecer e concretizar as coisas. E ao dar-lhes resposta, ficavam embaraçados não só os seus meninos, mas em alguns casos pouco claros, também os Ministros.

Sim. O Homem é inspirado e conduzido por Deus. Obedece-lhe e põe nele toda a sua confiança. Contudo é também um espírito prático e realista, que corre atrás de fantasias e mede seus passos, embora com o metro de Deus.

Dessa forma, como acontecia com Manzoni³⁷, ao qual se assemelha em mais de um ponto quanto à men-

³⁷ Alexandre MANZONI nasceu em Milão em 1785 e aí faleceu em 1873. Por motivo de problemas na família, passou a adolescência de colégio em colégio. Morou algum tempo em Paris, onde se esposou. Em 1810 converteu-se a uma vida verdadeiramente cristã. Voltando à Itália, colaborou com o jornal

talidade realista, a beleza literária lhe agrada, mas quer que ela tenha as coisas por substrato. Escreve simples e claro, com ordem e dignidade, com objetividade, sempre querendo dizer alguma coisa e levar concretamente à compreensão de quanto diz³⁸.

Outrossim, como foi dito, dispõe de um engenho forte, autêntico e fora do comum. Memória verdadeiramente portentosa também quanto a coisas longínquas e a minudências, e além disso pronta e fácil. A percepção imediata e transparente, própria de quem sabe ver claramente. Capacidade de associação e de síntese. Juntas, colocam-no em condições de produzir e de traduzir concretamente o que lhe assoma ao pensamento.

Este, uma vez concebido, lhe está por sua vez sempre presente e sem alterações. Se era interrompido enquanto ditava ou escrevia, Dom Bosco voltava ao trabalho como se nada tivesse acontecido, retomando o fio do discurso sem ter que reler. Ainda nos últimos meses de sua vida, no outono de 1887, quando para os médicos não passava de um organismo arruinado condenado à dissolução próxima, confessava a seu médico (oh, pobre psicofisiologia!) que “não encontraria dificuldade nem faria esforço algum, caso lhe dessem ocasião para isso, de ditar naquele momento e contemporaneamente o suceder-se de argumentos disparatados que lhe pudessem ser sugeridos em torno a quanto em seu passado tivesse tido de fazer, ler ou escrever!”³⁹.

Daí se vê, contrariamente a quanto deveria e costuma acontecer, e fora de qualquer categoria psiquiátrica, que o estado de saúde de Dom Bosco, já comprometido

Conciliatore, de Milão. Várias e importantes são suas obras. A principal foi publicada em 1825: o romance *Promessi Sposi*. Manzoni ocupa um amplo e importante lugar na formação da consciência nacional italiana.

³⁸ Por exemplo, nunca narra um fato, sem determiná-lo topograficamente.

³⁹ G. ALBERTOTTI. *Chi era Don Bosco...*, p. 97, nota 16.

pelas três graves crises de 1846, 1853 e 1871 (esta, aliás, gravíssima), e reduzido a míseras condições após 1880, “não teve nenhuma influência, disse o médico, nem na concepção nem na progressiva evolução” de sua obra, nem na sua vida intelectual⁴⁰. A alma esteve sempre e em tudo acima da matéria; as doenças prostraram o corpo, não a energia e a lucidez do espírito.

Dom Bosco escritor

Acrescento, aqui também com a consciência de quem o conhece até nos pequenos fragmentos de seus rascunhos, que seus livros não dão uma idéia adequada de quanto soube e de quanto teria podido fazer. Por quê? Porque, com uma inclinação e disposição tão acentuada, com aquele “primeiro chamado” a que acenam as magníficas palavras do Papa, não se entregou aos estudos? E por que, acrescentamos, não deixa transparecer tudo o que sabe e o que vale?

A esta segunda pergunta respondo com o fato de que ele, para seus fins de divulgação popular e juvenil, formou e cultivou em si mesmo a vontade de ser *fácil de entender* e o empenho da comunicação familiar, ou popular que seja. Buscou a máxima facilidade no falar ao povo e aos jovens, o caráter popular, no melhor sentido, mas também no sentido mais completo da palavra.

É uma verdadeira mortificação e nada fácil, mas desejada. É verdade que o talento, quando existe, mesmo mortificado, aparece de alguma maneira; e os seus escritos no-lo dizem. Aqui se demonstra justamente pelo êxito alcançado em seus esforços para ser fácil. O estilo de Dom Bosco nem se toca nem se imita. Quem quer que haja tentado fazê-lo, ou teve que desistir, como fez

⁴⁰ G. ALBERTOTTI. *Chi era Don Bosco...*, p. 91, nota 1.

o célebre Amadeo Peyron⁴¹ quando pretendeu corrigi-lo, ou tornou-se deselegante e banal. A *História da Itália* é neste ponto uma obra-prima.

A outra pergunta responde aquela que alhures chamei de *supervocação*. Ele estava bem consciente dela e o disse ao Augusto estudioso em suas confidências: “Eu tinha um vasto plano de estudos e também um vasto plano de historiografia eclesiástica. *Mas depois, vi que Nosso Senhor me chamava para um outro caminho*”. “E assim, continua a recordar-se o confidente, pensou em entregar-se à vida de caridade, ao trabalho de caridade”⁴². É a premissa (a prótase, dizem os gramáticos) de todos os *seria, teria podido*, com que se descreve a capacidade de seu engenho. É também o ato de submissão que ele faz da vocação natural para os altos estudos — juntamente com qualquer outra ambição, por santa que seja — à vocação superior para a qual sabe ter sido mais expressamente suscitado pela Providência: o apostolado das almas no exercício da caridade educativa e redentora entre os humildes e os pobres da juventude e do povo.

Personalidade espiritual

Isso naturalmente nos leva e quase nos orienta para outro campo de luz, no qual se delineia a fisionomia espiritual do Santo. Quero dizer, nos encaminha para aquilo que em seu ser pertence mais propriamente ou se refere ao mundo da fé. Há uma personalidade nisto também. Sem querer invadir o campo da hagiografia, é necessário tê-la em conta e fazer-nos dela uma idéia,

⁴¹ Amadeo PEYRON, orientalista e filólogo clássico, nascido em Turim, em 1785 e aí falecido em 1870. Cultivou também a história, a pedagogia, a matemática.

⁴² PIO XI, Discurso ao Seminário Romano de 17 de junho de 1932, in OR, Roma, 19 de junho de 1932, p. 2, col. 3.

se quisermos compreender, mesmo só historicamente, o homem que age como Santo. É dessa maneira que o Papa Pio XI fala de Dom Bosco. Depois de ter-lhe ilustrado a extraordinária personalidade mediante a reevocação de sua obra múltipla e prodigiosa, costuma demorar-se diante de uma pergunta: De onde vem tudo isso? Qual é o seu segredo? E o encontra justamente naqueles elementos espirituais, naqueles fatores internos, que ao mesmo tempo são raiz e razão, impulso e vida da ação maravilhosa.

Conceda-me o leitor que eu seja, pelo menos uma vez, um pouco esquemático. As *características* da sua personalidade espiritual e, por assim dizer, os centros de onde se irradia o admirável complexo das suas mais elevadas e perfeitas atuações da santidade e que fazem sentir-lhe o palpitar e as vibrações na vida e nas obras, são essencialmente: o amor pelas almas; o *dai-me almas, ficai com o resto*, que é o mote de seu empreendimento; a confiança em Deus e em sua fidelidade; o permanente, assíduo pensar em Deus, que se chama união com Deus.

São esses os aspectos sobre os quais, com maior complacência e mais freqüentemente, retorna a palavra do Pontífice para ilustrar a figura de seu santo e “a vigorosa preparação à efetiva vida de pensamento é de ação”. Quem quer que seja o leitor, bem vê que os acenos aos fatores espirituais não prejudicam o realismo da história, antes, a completam e explicam.

De fato, derivou em cheio do amor às almas toda a sua imensa e portentosa atividade e sua nunca exaurida vontade de trabalhar. Como já foi dito, dele proveio a doação específica de si à salvação da juventude, coordenando com ela a obra de caridade, em favor daqueles a quem a falta de pão e as necessidades da vida expunham a maior perigo; e, depois disso, a propaganda da imprensa e o ardor missionário.

A confiança em Deus — da qual falei mais acima (e precisamente citando-a como um traço característico

de seu espírito, refletido na ação) e trouxe como explicação palavra mais elevada que a minha — nos explica, juntamente com a grandeza de seu coração, a vastidão sem fim de seus desígnios, com os quais *sonhou*, quis e quase conseguiu, ainda em vida, abraçar em extensão e variedade o mundo todo.

Mas se é possível uma gênese em matéria de virtude, explica-nos também aquela paciência inalterável, inexaurível, que fez das vicissitudes de sua vida — pessoalmente “dura, mortificada, frágil, que parecia fruto de um longo jejuar” — “verdadeiramente um martírio propriamente dito, grande e contínuo”⁴³.

É a confiança em Deus, a segurança que ele dá que gera a fortaleza cristã. Quem se lembra daquele homem ainda vivo não esqueceu ainda seus olhos erguidos para o céu nos momentos em que mais forte se fazia sentir a aspereza do esforço, do contraste, da dor. Mantinha-os como que voltados a fixar alguém com quem dialogasse, seguro de que Deus não faltaria à palavra dada.

O ato de voltar-se para o céu não lhe era, no entanto, nem costumeiro, nem necessário. Sua comunicação com Deus era continuada e incessante. Esta é uma das mais estupendas maravilhas daquela alma: “a característica soberana de sua vida”. Descobriram-na estudando-o no processo de canonização. Quero dizer que, embora “ocupado num contínuo vaivém de negócios, em meio a uma multidão de pedidos e de consultas”, ou ainda na *vida do pátio*, em meio ao formigar e ao barulho de seus meninos, tinha “o espírito sempre alhures, sempre voltado para o alto, onde a serenidade reinava sempre imperturbável, onde a calma sempre imperava soberana, de tal modo que realmente nele se verificava o

⁴³ PIO XI, Discurso por ocasião da leitura do Decreto de *Tuto* para a Canonização de Dom Bosco, in OR, Roma, 4-5 de dezembro de 1933, p. 1, col. 6.

grande princípio da vida cristã: quem trabalha, reza!"⁴⁴. Dir-se-ia que seu pensamento estava longe, e verdadeiramente era assim: estava longe, com Deus, em espírito de união: mas depois, e-lo que respondia a todos: e tinha a palavra exata para tudo e para si mesmo, despertando mesmo maravilha: com efeito, antes suscitava surpresa e depois real maravilha".

E vem a conseqüência prática. É justamente nisso que está "o segredo de todo aquele milagre de trabalho, de extraordinária expansão, de imenso esforço e sucesso grandioso" que existe em sua obra. "A chave verdadeira de todo este magnífico mistério está naquela sua aspiração perene, ou melhor, contínua oração a Deus: porquanto foi incessante a sua oração, sua íntima, contínua conversa com Deus: uma vez que ele identificava precisamente o trabalho com a oração".

Dom Bosco não era um místico nem um contemplativo; e não ficava distraído em êxtases, nem tinha necessidade de atitudes e de exterioridades sensíveis para estar com Deus. Nem mesmo, como alguns poderiam imaginar, ficava murmurando orações. Sua alma não dividida, não fora da realidade mas consciente de Deus, fazia tudo por Deus.

É uma psicologia que a ciência profana não compreende e nem o pode, uma vez que não se ocupa do espírito. Mas não é menos verdadeira quanto aos fatos. Nem menos possível, em alguma medida, para toda pessoa que viva a vida interior e, como se costuma dizer, na presença de Deus. Acontece com essas criaturas o que se dá com a criancinha: sabe que a mamãe está *lá do outro lado*, e fica sossegada como se a tivesse a seu lado.

⁴⁴ PIO XI, Discurso por ocasião da aprovação dos milagres para a Canonização de Dom Bosco, in OR, Roma, 20-21 de novembro de 1933, p. 1, col. 45.

Certamente foi da calma dominadora e soberana das esferas serenas em que vivia seu espírito que Dom Bosco hauriu esta que foi “uma das suas mais impressionantes características”. Embora na lufa-lufa de suas ocupações, cuja variedade não conseguimos descrever, ele conservava uma suma calma, um controle do tempo que lhe permitia ouvir todos os que recorriam a ele, com tal tranqüilidade que parecia não tivesse outra coisa para fazer. Ao futuro Sumo Pontífice foi dado admirar na vida de Dom Bosco essa que não foi a última das perfeições. Ela se imprimiu tão fortemente em sua alma altamente intuitiva e em sua memória que, depois, nunca deixou de recordá-la e de exaltá-la quando falava de seu amadíssimo santo.

Se por alguma analogia pudesse ser considerada virtude ou dom simplesmente humano do domínio de si mesmo, contudo dada a forma e a medida que se verifica nele, não pode, senão recorrendo a uma fonte superior, nem ser possuída, nem ser explicada. Um estóico nunca chegará a ser um santo, mesmo porque lhe falta o amor e a bondade.

Além disso, essa é a síntese que seu nome personifica na simpatia do mundo. Por isso não tento fazer outra diversa, nem retomo a pena para traçar-lhe, de uma só vez, a figura.

A pessoa dele, de *Dom Bosco* sem outros nomes, vai-nos aparecer viva e presente na história — que é sua e que é ele mesmo —, com suas próprias motivações e com o sinal de uma alma completa, na qual o espírito é movido por aquele.

“Amor que move o sol e as demais estrelas”⁴⁵.

⁴⁵ DANTE. *La divina commedia*.

Questões para compreensão e aplicação do texto:

19. *Indicadores que descrevem a constituição física de Dom Bosco.*

20. *Operosidade de Dom Bosco: de onde nasce?*

21. *Pureza:*

21.1. *Qual a diferença entre castidade e pureza?*

21.2. *Qual a relação entre dignidade pessoal e pureza em Dom Bosco?*

21.3. *Como, em Dom Bosco, a pureza era fonte de criatividade?*

22. *Energia de vontade: que significa a frase: “E ele se tornou forte e quis as coisas a seu modo”?*

23. *Descreva as atitudes de bondade que se manifestavam em Dom Bosco.*

24. *Como distinguir a verdadeira alegria educativa da simples expansão rumorosa?*

25. *Apresente duas características da piedade em Dom Bosco.*

26. *Como se concilia vida alegre com austeridade de vida?*

27. *Apresente três indicadores do valor intelectual de Dom Bosco.*

28. *Selecione três aspectos de Dom Bosco como escritor, que lhe pareçam os mais importantes.*

29. *Que características espirituais o autor aponta como próprias de Dom Bosco?*

30. *Qual a relação entre trabalho e oração em Dom Bosco?*

Sonho e realidade

Como já vimos, não se pode separar a obra de Dom Bosco da sua pessoa: ele é a sua obra.

Também agora que ele não existe mais, quem procura as instituições salesianas, diga-se isto com todo o respeito pelas pessoas tão dignas que delas fazem parte, buscam a *Dom Bosco* e não outra coisa nem outrem.

Gostaria que o leitor não visse nestas páginas intuito de fazer propaganda e, como se diria com pouca elegância, de lançar um *comercial* da empresa salesiana. Fique, ao invés, persuadido de que — seja embora em parte bem modesta (e tão pobrememente!) — apresentarei um trabalho de história. Surja da história o estupor, a comoção estética e sentimental, a benquerença em suma a este nome e aos feitos que lhe estão unidos. Está na natureza das coisas que a mais árida e crítica das histórias, de alguém que é verdadeiramente grande, no fim das contas só pode fazer brotar a admiração.

Contudo, antes de começar, não posso esconder uma dificuldade. Ela provém do sincronismo, da simultaneidade com que se desenvolvem os vários ramos em que a obra se divide, a qual vemos que surge, por assim dizer, do nada. Quero dizer: intervêm nela — e pouco

a pouco para ela concorrem — elementos diversos e variados, cada um dos quais se torna uma instituição e tem sua história.

Não estamos aqui no caso da genealogia das abadias beneditinas. Mais que isso! Retratamos a formação de uma família em que todas as vidas têm sua existência própria e pessoal, mas todas se orientam para uma mesma vida.

Conceda-me, pois, o leitor que eu ande um pouco à vontade por este campo onde floresceram o belo e o bem. Talvez isso seja até mais histórico, porque o nosso bom Dom Bosco, também ele, fez assim. Chegam até a dizer que ele não teve um plano orgânico.

Essa não! No sentido que dão a essa palavra os poucos e modestos iniciadores de tantos empreendimentos contemporâneos, certamente Dom Bosco não o tinha. Ele não era dessas pessoas que um dia formam uma comissão e publicam um anúncio no jornal, inundam a praça de circulares e, finalmente, quando chegam os capitais, constroem uma organização moderna, racional, limpinha, com uma jerarquia inteira de empregados, um comitê de vigilância ou de garantia, e nem falemos do resto. E o melhor resultado alcançado é aquele que, com certa amável ironia, Bonghi ⁴⁶ descrevia à duquesa Ravaschieri numa conhecidíssima carta.

Dom Bosco não inventa nada, e muito menos a simplicidade das verdadeiras obras de Deus. Ele age na medida em que se lhe apresenta a ocasião e desta nasce a

⁴⁶ Rogério BONGHI nasceu em Nápoles em 1826 e faleceu em Torre del Greco em 1895. Dedicou-se a estudos filosóficos e filológicos. Fundou em Turim o jornal *La Stampa*. De 74 a 76 foi Ministro da Instrução Pública. Defendeu a liberdade de ensino. Introduziu nas Universidades italianas a obrigação da defesa de tese de láurea para o Doutorado. Deixou numerosas obras e traduções.

inspiração. Depois coloca em ordem, consolida e faz crescer. Então sim, então chama, chama e convoca colaboradores e pede auxílios, organizando a maneira mesma de pedir, na proporção de quanto se fez e se está fazendo. Numa palavra, antes faz o que pode e do modo que pode, depois tira disso o plano para fazer outras coisas, e então se põe a pedir.

O verdadeiro plano orgânico de Dom Bosco foi o sonho de sua vida. Mais, os sonhos — que foram muitos e se tornaram sempre mais claros e mais concretos — parece que lhe traçam o caminho por onde prossegue. De olhos fitos no seu fim nobre e altíssimo, deixa-se levar vez por vez pelas inspirações que as circunstâncias lhe despertam na mente e no coração.

Conscientemente, porém, e como homem inteligente que era. Parecia-lhe nos sonhos que as coisas ainda por vir já tinham acontecido. Mostravam-lhe uma casa, uma igreja, uma cidade, uma região que ele mal conhecia; faziam desfilar sob seus olhos um grupo de jovens padres e multidões de meninos, de tribos selvagens ou de homens de cor. Ou ainda simbolicamente lhe revelavam o íntimo de seus juvenzinhos, ou sem mais a figura de certa pessoa ou, telepaticamente, algum incidente desagradável.

Porém nunca lhe disseram nem como deveria fazer para chegar àqueles objetivos, nem onde nem quando haveria de encontrar os meios para realizá-los, nem de que maneira haveria de vencer os obstáculos. Sabia que devia chegar lá, e talvez soubesse apenas que haveria de lá chegar, ele mesmo ou algum dos seus, nada mais. O resto, e não era nem pouco nem fácil, teve que fazê-lo por si mesmo e, pelo menos por quanto aparece, sem uma intenção específica e concreta de realizar quanto os sonhos lhe tinham mostrado. Seguindo uma certa maneira de agir toda sua, que era abandonar-se atenta

e inteligentemente nas mãos da Providência e, — para usar uma palavra pouco digna — aproveitando a ocasião que neste caso era a pressão da caridade e das exigências do bem, achava-se depois ou na evidente necessidade de realizar tudo quanto havia contemplado nos sonhos, ou tinha a doce surpresa de descobrir que tudo o que vinha cumprindo realizava exatamente aquilo que tanto tempo antes havia sonhado. E falou disso.

Com essa fé e dessa maneira ele trabalhava e construía, sorridente, tenaz, paciente e genial.

Esse é o acontecer da obra de Dom Bosco.

Que à previsão do futuro (qualquer que seja o nome que se lhe dê, é histórico o fato de terem existido tais previsões) se tenham acrescentado também fatos humanamente sem explicação que acompanharam e ajudaram sua realização, é coisa da qual não há dúvidas.

O número maior de tais fatos aparece sob o nome de *graças da sua* Nossa Senhora, concedidas a quem quisesse ajudar Dom Bosco a “ir adiante” e a enfrentar as sempre crescentes necessidades da obra que nascia e se robustecia. De modo que, como falei da igreja de Maria Auxiliadora, repito aqui para qualquer outro empreendimento: os milagres são o cimento que dá liga ao edifício construído por Dom Bosco.

Como homem moderno e não de todo jejuno de estudos, históricos ou quejandos, dos quais nasce a necessidade espiritual do real, não posso ignorar a desconfiança que qualquer outra pessoa da minha têmpera possa nutrir para com a palavra que pronunciei.

Todavia creio, e espero tê-lo demonstrado, que a quantidade dos fatos sobrenaturais nada tira (uso, prestem atenção o indicativo!) ao valor intrínseco do homem por meio do qual aconteceram. Estou também convencido que nenhuma pessoa de intenções honestas haverá nunca de supor que, não digo no produzir-se dos

fatos, mas no recebê-los e no transmiti-los, se possa encontrar, seja como for, ou credulidade supersticiosa ou, o que seria pior, divulgação interesseira.

E passo adiante.

Os novos Oratórios

A vida independente que, como foi dito, começou a levar então com assistência da própria mãe, deu também a Dom Bosco maior comodidade para atender aos seus *filhos*, como ele os chamava com uma expressão provinciana que logo se tornou uma metáfora querida. Aumentou assim o número dos que freqüentavam o Oratório, tanto mais que, pouco a pouco, ele alargava o espaço ocupado na casa Pinardi.

Em 1847 sentiu necessidade de estabelecer um outro centro de propaganda e de benéfica resistência, no lado oposto de Turim ⁴⁷. E no dia 8 de dezembro, com coisas muito humildes, deu início ao Oratório de S. Luís na avenida Vitória Emanuel, entregando sucessivamente sua direção a sacerdotes amigos seus, até que teve padres próprios. A escolha desse lugar, além de razões topográficas, derivava também da necessidade de opor uma barreira à propaganda Valdense, que se foi tornando mais intensa quando eles obtiveram de Carlos Alberto o decreto de emancipação. Aquela instituição existe ainda, e floresceu posteriormente num dos mais belos templos de Turim, o de S. João Evangelista, a segunda igreja pública erigida por Dom Bosco em sua vida. A ela anexou um instituto para vocações eclesiásticas adultas, de onde provieram muitos e dignos sacerdotes e não poucos dos mais ardorosos missionários,

⁴⁷ Cf. MB 3, 281-287.

como o Pe. Únia, o herói dos leprosos ⁴⁸ e o Pe. Bálzola, civilizador do Mato Grosso ⁴⁹.

Foi sempre assim na história das obras do nosso Dom Bosco. As instituições mais robustas e mais fecundas de bem são as que, a exemplo da primeira, tiveram os mais humildes inícios. Dom Bosco costumava enviar seus filhos com apenas o dinheiro da viagem, uma recomendação para alguns conhecidos e a patente de operários de Nosso Senhor. Quanto ao mais, confiava em Deus.

Mais tarde, em 1849, abriu-se um outro Oratório em Vanchiglia, que existiu com o nome do Anjo da Guarda até o começo da nova paróquia aí construída pela Marquesa Barolo.

Ao mesmo tempo cresceram os jovens internos. Em 1849, naqueles poucos cômodos partilhavam o repouso e o pão já trinta meninos abandonados: um pequeno colégio. E Dom Bosco tomou a peito dois problemas

⁴⁸ Pe. Miguel ÚNIA nasceu em Roccaforte, Cúneo, em 1849. Salesiano em 1880. Padre em 82. Em 1890 partiu junto com os primeiros salesianos que iam para a Colômbia fundar uma escola profissional em Bogotá. Com autorização do Pe. Rua e do arcebispo de Bogotá, foi depois para Agua de Dios, onde havia um bom grupo de leprosos com suas famílias. Começou logo o serviço de assistência religiosa e material. Recebendo mais dois salesianos, organizou a vida civil e religiosa da cidade. Construiu o asilo infantil e um hospital, reformou a igreja, fez o aqueduto, introduziu o trabalho e a música instrumental e vocal. Doente de hidropisia, voltou a Turim, onde faleceu em 1895.

⁴⁹ Pe. João BÁLZOLA nasceu em Villa Miróglia, província de Alessandria, em 1860. Aos vinte e quatro anos começou seu aspirantado em Turim. Salesiano em 1888. Padre em 1892. Veio a seguir para a América como secretário do bispo D. Luís Lasagna. Em 1895 foi nomeado diretor da colônia indígena Teresa Cristina, no Mato Grosso. Em 1902 partia para o Rio das Mortes, para dar início à missão entre os Bororos orientais. Em 1914, seguia para o Rio Negro, Amazonas, a fim de iniciar a missão entre os Tucanos. Colaborou eficientemente com Mons. Lourenço Giordano e com D. Pedro Massa. Faleceu em Barcelos, Amazonas, em 1927.

para resolver: o do local e o do futuro da sua instituição, ambos já entrevistados nos seus remotos sonhos.

A sociedade salesiana

Ao segundo deles, deu como resposta a solicitude da qual nasceu aquela que hoje é a Congregação salesiana. Ele a chamou de Pia Sociedade de S. Francisco de Sales; seus primeiros ajudantes tinham tomado o nome de *Salesianos* em janeiro de 1854⁵⁰.

Estudou e fez que estudassem o regime dos institutos católicos que então gozavam de maior estima⁵¹, aconselhou-se com D. Frasoni e com outros e, no ano de 1849, começou dando o hábito clerical a quatro de seus mais fiéis discípulos⁵². Como tinha visto um dia num sonho, alguns cordeiros de seu rebanho transformavam-se em pastores. Assim realmente começara a fazer em seu Oratório, escolhendo os maiores e melhores para conduzir e assistir os grupos dos menores.

A criação da sua sociedade foi uma caminhada longa e não isenta de graves dificuldades, oposições e descon-

⁵⁰ Conta o Pe. Rua: “Na noite de 26 de janeiro de 1854, reunimo-nos no quarto de Dom Bosco: ele, Dom Bosco, Rocchiatti, Artiglia, Cagliero e Rua; e nos foi proposto fazer com a ajuda de Nosso Senhor e de S. Francisco de Sales uma prova de exercício prático da caridade para com o próximo, para chegar depois a uma promessa, e daí, se for possível e conveniente, a fazer disso um voto a Deus Nosso Senhor. Dessa noite em diante tomaram o nome de *salesianos* os que se propuseram ou ainda se propuserem fazer tal exercício” (MB 5,9).

⁵¹ Cf. Francesco MOTTO. *Constitutiones Societatis S. Francisci Salesii. Fonti letterarie dei capitoli Scopo, Forma, Voto di obediência, porvertà e castità*, in RSS, Roma, LAS, 2 (1983) n. 3, pp. 341-384.

⁵² Eram: José BUZZETTI, que se fez Salesiano Coadjutor; Felice REVÍGLIO e Tiago BELLIA que foram sacerdotes diocesanos e afeiçoados Ex-alunos; Carlos GASTINI que muito ajudou Dom Bosco como construtor e foi um dos fundadores da Associação dos Ex-alunos.

fianças. Mas uma vez tida uma idéia, Dom Bosco não a abandonava mais. Estudava como realizá-la e trabalhava para isso. Os primeiros logo o abandonaram: havia trabalho demais, e o pão difícil de ganhar. Todavia já em 1851 formava um outro, e, no ano seguinte, vestia a batina Miguel Rua ⁵³, aquele que haveria de ser seu sucessor e cujo renome seria quase tão grande quanto o de seu pai espiritual. Pouco depois deu o hábito a Cagliero ⁵⁴, que mais tarde viria a ser Cardeal da Santa Madre Igreja e sempre salesiano.

⁵³ O Beato Miguel Rua é o primeiro sucessor de Dom Bosco. Nasceu em Turim em 1837. Desde menino seus caminhos cruzaram-se com os do Santo Fundador, a quem foi de válido auxílio desde os inícios do Oratório. É dos salesianos da primeira hora. Padre em 1860, ocupou vários cargos até 1884, quando Leão XIII o nomeou vigário de Dom Bosco. Na qualidade de Reitor-Mor, governou a congregação salesiana de 1888 a 1910, ano de sua morte. Foi o consolidador da obra de Dom Bosco, que deixou florescente. Paulo VI beatificou-o em 1972.

⁵⁴ O Cardeal D. João CAGLIERO nasceu em Castelnuovo d'Asti, hoje Castelnuovo Dom Bosco, em 1838. Entrou no Oratório em 51. Frequentou Filosofia e Teologia no Seminário de Turim, como aluno externo. Estudou harmonia com o Professor Cerruti, dedicando-se a compor música sacra e recreativa. Fez os votos religiosos em 1862 e ordenou-se sacerdote no mesmo ano. Em 73 doutorou-se em Teologia.

Desde 62 diretor espiritual do Oratório, a partir de 74 foi também diretor espiritual do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). Em 75 chefiava a primeira expedição missionária, indo para Buenos Aires. Cuidou eficazmente da implantação da obra salesiana também no Uruguai. Em 77 voltava à Itália.

Eleito bispo titular de Mágida, na Panfília, em 1883, a Santa Sé lhe confiou o recém-criado Vicariato Apostólico da Patagônia Setentrional e Central. Grandes foram os frutos de seu apostolado. Fundou também a obra salesiana no Chile, em 1887.

Voltando à Itália, assiste à morte de Dom Bosco, em 1888.

Em 90 realiza uma visita ao Brasil. Em 98 consegue o reatamento das relações diplomáticas entre a Argentina e a Santa Sé.

Foi representante da Santa Sé na América Central de 1907 até 1914. Em 1915 Bento XV o faz cardeal. Em 1920 é bispo de Frascati. Levou a efeito o saneamento das finanças da diocese

Quando sua pequena sociedade existia já de fato, pensou em dar-lhe existência de direito. Nisso teve encorajamento e conselho da parte de Urbano Rattazzi⁵⁵. O ministro piemontês, que foi enérgico adversário do clero até passar da medida em certas coisas, teve por Dom Bosco estima e afeto reverencial. Foi ele quem, em 1857, indicou-lhe os artigos segundo os quais uma congregação de religiosos com votos podia constituir-se e viver à sombra da moderna legislação civil⁵⁶. E já em 1863, depois de ter tratado com Pio IX e a Cúria em Roma, pôde constituir a sua Sociedade e reunir um Capítulo. As *Regras* ou *Constituições* foram aprovadas em Roma mais tarde, quando a Congregação já existia legalmente aprovada e reconhecida desde 1869. Presentemente, mesmo depois dos acontecimentos da guerra mundial de 1914—18, ela possui mais de dez mil mem-

e distribuiu terras da mitra aos que já as cultivavam, enfrentando obstáculos e incompreensões sem conta. Em 1923 realizou em Frascati um Congresso Eucarístico interdiocesano.

Faleceu em Roma, em 1926. Desde 1964 seus restos mortais repousam na catedral de Viedma, na Argentina.

⁵⁵ Urbano RATTAZZI nasceu em Alessandria em 1808 e faleceu em Frosinone em 1873. Ministro de Graça e Justiça e Ministro do Interior em diversos Governos do Reino da Sardenha, opôs-se decididamente à política conservadora desenvolvida pelo clero subalpino e chegou até a fazer aprovar lei que suprimia as ordens e congregações religiosas. Por duas vezes foi Presidente do Conselho de Ministros, tomando parte ativa na Questão Romana e em todo o contexto das relações entre Estado e Igreja no nascente Reino da Itália. No entanto admirava Dom Bosco e até lhe confiou a educação de um sobrinho seu, que estava com problemas em família.

⁵⁶ Em MB 5, 695-699 o biógrafo de Dom Bosco trata desse assunto. A p. 699, porém, redimensiona devidamente a influência atribuída a Rattazzi na fundação da Congregação salesiana. Tem-se a impressão que Dom Bosco, mais do que buscar um caminho que ele já conhecia, estava não apenas buscando o apoio de Rattazzi, mas também verificando se na prática as próprias idéias dariam certo.

brosp espalhados pelas cinco partes do globo, e seu incremento é contínuo⁵⁷.

Poder-se-ia perguntar, e mais de uma vez isso foi feito, porque, por exemplo, Dom Bosco não quis erigir seu instituto numa entidade moral ou, como se dizia, numa Obra Pia. Houve até quem lhe sugerisse tal coisa. Não concordou. Por natureza, aborrecia uma forma de constituição que, embora no momento parecesse aos olhos dos profanos assegurar e tutelar a vida da obra, ao mesmo tempo a teria feito enrijecer e cristalizar-se, tirando-lhe qualquer possibilidade de livre expansão. Principalmente opunham-se a isso a confiança que ele possuía de que ela era algo de providencial e o sentimento — muito bem definido em seu íntimo — de que ela não devia viver confinada assim dentro do que conseguira até aquele momento. Deveria, sim, crescer, progredir e dilatar-se, não em força do condicionamento das leis humanas, mas mediante a intervenção da Providência de Deus. E não quis.

O outro problema era o do espaço. Dom Bosco o resolveu, primeiro alugando a casa Pinardi inteira e depois, comprando-a em 1851. Um pequeno prodígio psicológico⁵⁸ fez baixar as pretensões daquele esperto senhor, de oitenta para trinta mil libras. Mas era necessário um outro prodígio para encontrá-las. Inesperadamente, a terça parte lhe veio de uma dama de Turim. O restante lhe foi oferecido como empréstimo por An-

⁵⁷ Segundo o *Elenco Salesiani di Don Bosco* — 1986, em 31 de dezembro de 1985 os salesianos de Dom Bosco eram 17.238, distribuídos por 1.513 casas.

⁵⁸ Dom Bosco assegurou a Pinardi que a casa fora avaliada em 26 ou 28 mil libras. Prometeu pagar 30 mil à vista, em dinheiro, e ainda presentear a Senhora Pinardi com um broche de grande valor. Cf. MB 4, 241.

tónio Rosmini⁵⁹. Falo do filósofo de Rovereto, que sempre foi amigo de Dom Bosco e por ele estimado.

Dom Bosco e a política

Quem conhece a história daqueles tempos e dos anos sucessivos, até completar-se o *Risorgimento* italiano, compreende que não estou acenando a coisa sem importância. Creio que surja espontânea a pergunta de como Dom Bosco se comportava em meio àquele movimento político que levou a Itália à independência e à unidade.

Pois é! A política de Dóm Bosco foi muito simples e consistiu em não fazer nenhuma política. Prudente e reservado, ficou à margem dos acontecimentos. Ao mesmo tempo conheceu grande parte dos homens do *Risorgimento* e com eles tratou. Consultou Rosmini em Stresa, não por aquilo que nele existia de político, mas para aprender quanto interessava à sua instituição, que tomou como modelo o Instituto Rosminiano no que diz respeito à situação legal da propriedade pessoal. Pelo caminho tinha visitado Manzoni. Tornou-se amigo de Tommaseo⁶⁰, que se tornara seu admirador. Em Turim

⁵⁹ Pe. António ROSMINI SERBATI nasceu em Rovereto, Trento, em 1797. Faleceu em Stresa, Novara, em 1855. Coursou Teologia em Pádua. Padre em 1821. Fundou o Instituto da Caridade em 28 e as Irmãs da Providência em 1833. Pio VIII e Gregório XVI recomendaram-lhe que se dedicasse a escrever e publicar livros. Enquanto continuavam vivas as polémicas sobre suas posições filosóficas, hoje apreciam-se sempre mais seus escritos ascéticos e sua santidade pessoal.

⁶⁰ Nicolò TOMMASEO nasceu em Sebenico, Dalmácia, em 1802. Estudou Direito em Pádua. Conheceu Rosmini e Manzoni. Estabelecendo-se em Florença, preparou o *Dizionario dei sinonimi*, publicado em 1830. Os acontecimentos políticos o obrigaram a uma vida errante até que, após a unificação da Itália, pôde voltar a Florença, onde faleceu em 1874. Distinguiu-se pela pureza de intenções, coerência de caráter e assiduidade ao estudo.

estava intimamente ligado a Sívio Pélico⁶¹. Havia conversado freqüentemente e tratou em seguida com Gioberti, Bálbo, Cavour, Rattazzi, Farini, Lanza e outros⁶². Igualmente relacionou-se com Ministros e homens políticos e foi por eles procurado em Florença e em Roma.

⁶¹ Sívio PÉLICO nasceu em Saluzzo em 1789. Estabeleceu-se em Milão, onde aderiu ao Romantismo. Aprisionado pelos austríacos, por motivos políticos, ficou preso em Spielberg de 1822 a 1830. Livre, foi morar em Turim. Dentre suas obras são famosas *Le mie prigioni* e *I doveri degli uomini*. Faleceu em 1854.

⁶² Vicente GIOBERTI nasceu em Turim em 1801. Doutor em Teologia. Padre em 1825. Viveu no exílio em Paris, até 1845. Em 48 foi Presidente do Conselho de Ministros do Piemonte. No ano seguinte voltou a Paris como embaixador. Faleceu aí em 1852.

Cesar BALBO nasceu em Turim em 1789. Por três meses foi Presidente do primeiro Ministério que se constituiu após a concessão do Estatuto por Carlos Alberto. Faleceu em Turim em 1853.

O conde Camilo Benso de CAVOUR nasceu em Turim em 1810. Engenheiro militar em 1826, demitiu-se em 1831, dedicando-se à agricultura e às ciências econômicas e sociais. Visitou várias capitais européias. Voltando a Turim, fundou com alguns amigos uma Sociedade para difundir os Asilos de Infância. Em 1847 foi diretor, redator-chefe e gerente do jornal *Risorgimento*. Em 48 era deputado. Defendeu o princípio *livre Igreja num Estado livre*. Em 1852 era Presidente do Conselho de Ministros. Graças ao seu tino e à sua firmeza, realizou-se a união da Itália. Faleceu em Turim, em 1861.

Luis Carlos FARINI nasceu em Russi, Ravena, em 1812. Formou-se em medicina em Bolonha, publicando diversos estudos de valor. Fez parte do Governo constitucional dos Estados Pontifícios, no início do Pontificado de Pio IX. Foi exilado pela República Romana. Estabelecido em Turim, foi precioso ajudante para Cavour, quer no *Risorgimento*, jornal em que sucedeu ao grande estadista, quer depois na unificação da Itália. De 62 a 63 foi Presidente do Conselho de Ministros da Itália, por três meses. Faleceu nas proximidades de Gênova, em 1866.

João LANZA nasceu em Casale Monferrato em 1810. Doutor em medicina e cirurgia, não exerceu a profissão. Ocupou diversos Ministérios de 1855 a 65. Presidente do Conselho de Ministros de 69 a 73. Faleceu em Roma, em 1882.

Vigilante, comedido e hábil como um diplomata de carreira, dissipava, ao tratar com eles, em poucas e quase ingênuas palavras a nuvem de suspeitas e de prevenção que não raramente a perseguição sectária fazia chegar até lá. Ao mesmo tempo, dava-lhes claramente a perceber — e davam-lhe crédito — que outra política não tinha senão a de um bom cristão que venera no Papa o Vigário de Cristo, e a de um bom cidadão que obedece respeitoso às autoridades constituídas, sem distinção de pessoas ou, como se dizia então, de guelfos e gibelinos. Quanto ao mais, sua política (que certas cabeças ocas fantasiavam envolvida e enredada sabe lá em que tenebrosas maquinações e tortuosos relacionamentos) reduzia-se a buscar o bem dos seus pobres meninos e a procurar qualquer um, da cúpula ou não, que quisesse dar-lhe uma mão para continuar a realizá-lo e a expandi-lo em benefício da sociedade civil.

A política da caridade supera muito a das vicissitudes civis. Quando muito ela corre para reparar as conseqüências dos passos errados que nesta se dão.

A história do *Risorgimento* italiano (quem não o sabe?) está ainda por fazer. Mas quando ela vier por inteiro e genuína, Dom Bosco não terá nada que perder nela, ganhará muito, e já se começa a ver alguma coisa à luz da história mais independente.

Porque, mesmo com esse comportamento, ele não se fechou nunca naquela atitude de despeito que é tão cômoda para os politicantes, mas amou, eu disse amou, calorosamente, como todos os santos, o seu país. Tendo saído de uma família do povo, do antigo estilo piemontês, gostava das tradições e das glórias de sua pequena pátria e, conhecendo-a com incomum competência, tinha igualmente estudado os feitos e as glórias da Casa que tornara grande o Piemonte e que ele (por

que escondê-lo?) estimava sinceramente por patriotismo e por gratidão pessoal para com dois Reis e outros príncipes dos quais recebeu mais de um benefício. Também amou a grande Pátria, a Itália, e prova disso é o sentimento vivo e moderno de italianidade que permeia sua obra-prima, *La Storia d'Italia*, escrita em 1855—56, quando a Itália estava ainda por fazer. Como católico e como sacerdote não podia deixar de sofrer com o doloroso dissídio com a Igreja. A Palavra do Papa nos recorda repetidas vezes e de forma lapidar que “a solução *desse dissídio* estava verdadeiramente no centro de seus pensamentos e dos afetos de seu coração”; que “era dos primeiros a implorar a Deus e aos homens qualquer possível remédio para tamanhos males”; e que (muitas vezes se industriou para que, reintegrados os direitos da Sé Apostólica, se resolvesse amigavelmente um dissídio pelo qual a Itália era arrancada do Paterno amplexo do Sumo Pontífice”⁶³. A *Conciliação* a que se chegou justamente no ano de sua beatificação, veio enaltecer a glória do santo italiano. Quanto ao mais, recordarei que, se em certo colóquio tido em Roma em 1867 com os ex-soberanos de Nápoles suas palavras se revestiram de forte amargor, ele foi constrangido a isso pela insistência deles, que esperavam uma sua profecia de revanche, e não pôde dizer senão aquilo que Deus e o seu sentimento profundamente cristão e católico lhe inspiraram⁶⁴.

É essa a tradição, esse é o ensinamento que deixou à sua instituição. A qual, propagando-se em tantas e tão diversas nações, prosseguiu no exemplo e com o preceito do Fundador. O Salesiano, todos o sabem, não entra em política; ensina e inculca em qualquer país o reto amor à terra natal, o respeito às leis e aos poderes civis.

⁶³ OR, Roma, 22-23 de abril de 1929, p. 1, col. 2-5.

⁶⁴ Cf. MB 8, 643-646.

O internato

Tornada sua, a casa povoou-se com outros internos mais, e assim apenas havia nela espaço para as aulas vespertinas e dominicais e para outras cuja necessidade se fazia sentir. Era preciso ampliá-la e era também necessário construir uma pequena igreja capaz de conter pelo menos setecentas pessoas. Onde encontrar os meios?

Aquela foi a primeira de nove loterias que se organizaram de 1852 a 1885 — cada uma maior que a outra — em favor das construções e das necessidades do seu Oratório. As duas últimas, em benefício da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora e da do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, duraram dois anos. Não falo do trabalho imenso que lhe deram — a que ele já estava tão ocupado — com a correspondência, com as viagens, com as visitas; e desobrigava-se dele quase sozinho⁶⁵. Mas elas lhe trouxeram relacionamento e encontros preciosos e variados e contribuíram para que ele se tornasse conhecido. Além de todos os outros dotes de natureza, Dom Bosco possuía uma memória que sem exagero se pode chamar de prodigiosa; e ele a conservou até os últimos momentos de sua vida. Jamais se esqueceu de alguém que o tivesse beneficiado, fosse mesmo com uma coisa mínima, desde aquele que um dia lhe dera um pouco de pão e umas poucas frutas para matar a fome até o rico senhor que lhe doava meio patrimônio. Sempre os tinha presentes no coração, na oração e nas afetuosas atenções. E foram milhares.

Assim, não houve um só de seus *moleques* que tivesse vindo, uma vez só que fosse, ao seu Oratório, que ele não reconhecesse e chamasse pelo nome à distância de vários decênios.

⁶⁵ Nem sempre, como se pode ver na Loteria em favor da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, o resultado material correspondia ao esforço feito.

Acrescente-se a esse fato a sua recíproca, isto é, que bem poucos daqueles que o conheceram esqueceram-se dele. Veremos então aparecer, já lá longe, aquela vasta rede de cooperação e aquele povo variado e multiforme de *cooperadores* (aquela que posteriormente ele ia chamar de sua *longa manus*). Constituíram-se depois numa das mais belas associações do mundo da caridade. Formaram uma liga universal do bem, promovido em todas as categorias sociais, em todas as nações e em todos os povos, segundo o espírito de seu primeiro iniciador. Pois que, digo-o desde já, o conceito de Dom Bosco teve da vastíssima União dos Cooperadores Salesianos foi o de algo mais que o conceito de uma liga de beneficência, embora extremamente louvável, em proveito seu. Essencialmente, traduzia-se na colaboração universal da sociedade cristã para o bem da juventude e das almas e numa transfusão de seu espírito e de seu sistema na obra de todos aqueles que honesta e cristãmente se empenham na instrução em Cristo da sociedade. Em outros termos, não um movimento de almas e de corações que tendesse para ele, mas um movimento que, partindo dele, se expande em muitos corações e, destes, no mundo inteiro. O conceito é grande e digno de um homem genial. Não creio que tenha sido prematuro enunciá-lo neste lugar. Pensem que qualquer criação daquela mente poderosa, como já se observou, por mais possante e bela que pudesse ser, sempre se desenvolveu do pouco para o muito e amadureceu através das tentativas e experiências de muitos anos, tendo-lhe sido sugerida quase sempre por circunstâncias e acontecimentos que para outros não teriam tido nenhum significado.

O ensino profissionalizante

Volto ao assunto. A casa e a igreja surgiram como que por encanto. Em fins de 1852 estavam completas. E eis que, um depois do outro, desabrocharam então dois novos ramos.

O primeiro nasceu da necessidade, e foi o das oficinas. Os meninos do Oratório aí permaneciam — como se podia — só para dormir e comer. E iam trabalhar fora de casa, com patrões escolhidos a dedo. Mamãe Margarida (que morreu em 1856) cuidava de muitas coisas, demais da conta; porém não podia remendar os sapatos descuidados daqueles moleques, que aliás corriam meia cidade, e nem lhes podia fazer roupas. No fundo de um corredor, em outubro de 1853, Dom Bosco montou uma oficina de sapateiros e alfaiates. E como falei que a necessidade e a ocasião transformavam-se para ele em instituições, eis que no ano seguinte começa uma encadernação para manter ocupados alguns jovens para os quais era demasiado duro estar correndo para cima e para baixo pelas ruas da cidade. Dois anos depois abriu uma oficina de carpinteiro. Em 1862, ampliados os edifícios e já tendo transformado por completo seu pensionato em internato, criava a oficina para ferreiros e mecânicos e a tipografia. Dois anos depois fundava a livraria.

Mas se as primeiras oficinas surgiram por razões domésticas, as outras vieram por necessidade moral: a de arrancar os juvenzinhos aos perigos da vida nem sempre edificantes nas oficinas e ruas da cidade; e as últimas duas para servirem à produção e difusão de livros sadios para uso da juventude e do povo.

Daquelas primeiras oficinas tão pobres e rudimentares surgiu a vasta e poderosa instituição das Escolas Profissionais e Agrícolas Salesianas. Agora, dotadas de todos os progressos da moderna técnica, ensinam aos jovens pobres de um e outro hemisfério o trabalho e a honestidade cristã. Não poucas vezes foram o germe do progresso industrial de nações ainda atrasadas. Nas nações da América Latina foram as escolas salesianas as primeiras a introduzir certos ramos da indústria, como a fundição de tipos. Por toda parte promoveram ainda, com o exemplo e com a intensa divulgação dos

progressos técnicos, a utilização de produtos manufaturados e metalúrgicos de tipo italiano e europeu.

É comovente pensar que àqueles primeiros meninos pobres de Dom Bosco que se curvavam sobre um banco ou usaram a plaina ou juntaram uns poucos tipos na composição de um texto, correspondem hoje, lá onde antes era barbárie ou ausência de civilização, as mãos morenas dos Onas, dos Bororos, dos Jívaros, dos Bantos. É admirável que se lhes fale ainda com a mesma linguagem simples, amável, daquele que eles reconhecem como pai, no pobre retrato pendurado na parede nua da oficina.

Mais do que qualquer outro ramo, a imprensa teve desenvolvimento maravilhoso e eficácia das mais vastas e profundas. “As obras de propaganda e de produção de livros — afirmava o Papa, cheio de admiração — foram as obras de predileção do santo. Nelas aparece a grande, altíssima luminosidade de seu pensamento que com isso encontrou sua primeira manifestação no mundo”. Pode-se afirmar, sem adulação, que, sem a contribuição e o impulso eficaz de Dom Bosco e dos seus filhos, a imprensa católica estaria ainda muito atrasada na Itália e em outros lugares. Se pensarmos depois no bem que fez no campo da religião e da escola, talvez nenhum outro empreendimento possa gloriar-se de tanto. Na Itália, todos conhecemos as *Leituras Católicas* espalhadas em milhões de cópias, as coleções didáticas dos clássicos pagãos, dos quais prudentemente não se publicou o que podia ser prejudicial aos adolescentes, e dos escritores cristãos — em tão má hora abandonados — e a *Biblioteca da Juventude Italiana* que por uma pequena quantia fornecia os clássicos “adatados para uso da juventude bem-educada”, e assim por diante.

Dom Bosco partiu de um critério econômico que teria arruinado qualquer empresário cujo interesse primeiro não fosse o bem moral da juventude e do povo. Produzia o livro a um preço mínimo e vendia-o a preço

de custo (na realidade até por menos) contanto que se tornasse fácil para qualquer um a aquisição. E também no campo da cultura obteve um verdadeiro incremento, porquanto se deixaram vencer pensando na bagatela do custo e acabavam lendo aqueles nossos pobres clássicos, postos agora da porta para fora, com aquela vantagem para a cultura e para a identidade nacional que todos conhecem. O mesmo se pode dizer dos livros de religião, de moral, de variedades, de teatro.

Não se pode falar de concorrência vantajosa. As oficinas, e mais ainda as editoras salesianas, quase sempre tiveram só prejuízos, como pode bem avaliar quem refletir que nelas trabalham não operários provecotos, mas meninos aprendizes que, se não desperdiçam o material, certamente não produzem na proporção de custo.

Dom Bosco foi mais além e deu início à fundição de tipos e a todas as indústrias da arte do livro, até ao fabrico de papel. Neste foi o primeiro na Itália a introduzir as máquinas modernas e o primeiro a adotar as de produção italiana. A Exposição Nacional de Turim de 1884 foi nisso uma revelação. Viu-se um vasto pavilhão, onde se tinha feito instalar todo o maquinário da indústria do livro (e onde se mostrava todo o ciclo de sua produção): do trapo que se transforma em papel até a encadernação simples e de luxo do livro pronto, que lá mesmo era composto e impresso com tipos fundidos sob o olhar dos visitantes.

A imprensa "salesiana", tendo-se difundido com sólidas oficinas tipográficas, algumas das quais também atingiram a perfeição da arte, na Itália, na França, na Espanha, na América, servindo poderosas editoras, que presentemente se regem também por formas científicas severas, inundou o mundo e a escola com livros bons e bem feitos e de bonitas edições. Foi e é para a Igreja um auxílio dos mais poderosos para o ressurgimento do espírito cristão e católico.

Alguém há de sugerir, talvez, que todo esse movimento não podia estar no pensamento de Dom Bosco e que o ulterior desenvolvimento de suas idéias — por mais belas que fossem — e das instituições deve-se aos tempos e aos homens que vieram depois dele. Isso não é tão verdadeiro como parece à primeira vista. Basta recordar, e eu posso dizê-lo, tudo quanto já estava realizado quando ele veio a faltar. E até aproveito a ocasião para focalizar um aspecto não só genial, mas bem próprio do grande talento que foi esse humilde padre. Aberto como foi a todas as manifestações do progresso civil, ele as procurou e as quis. Se quando ele ainda estava em vida, se tivessem revelado certas novidades só recentemente aparecidas e que são boas (e não digo só no mundo da matéria), ele as teria acolhido com ardor, como acolheu em seu tempo aquelas que aos poucos se iam produzindo. “Nestas coisas, dizia em 1883 ao Pe. Aquiles Ratti que se maravilhava, Dom Bosco quer estar sempre na vanguarda do progresso”⁶⁶.

Era, numa palavra, um homem moderno. E esse instinto de modernidade, essa antítese do fixismo que marca as mentes estreitas e os corações tacanhos, ele o transmitiu e infundiu na sua instituição. Eis por que se lhe pode atribuir o mérito até do que ele não fez e não viu. “Todo esse maravilhoso desenvolvimento, diz Pio XI, se origina diretamente, imediatamente de Dom Bosco e, propriamente, é ele quem continua a ser o Diretor de tudo, estando sempre presente, sempre operante na eficácia constante de sua orientação”.

Dom Bosco tem ainda outro mérito. Foi o primeiro que em nossos países instituiu aquelas “escolas profissionais” que constituem agora a glória de toda cidade e de todo governo que deseje corresponder aos novos postulados da vida social. Com a diferença que ele, em sua simplicidade de estilo, com a moral cristã e o sis-

⁶⁶ Cf. MB 16, 320-329. .

tema paterno, sempre formou operários honestos e com prática, enquanto as Comissões e as Inspetorias regionais, gastando milhões, com frequência habilitam gente pretensiosa que não sabe nem mesmo usar uma serra. A causa está na sábia pedagogia do Artesanato, que por primeiro ele introduziu e que, infelizmente, ainda não se conseguiu imitar — Falo do método *cíclico* do ensino profissional. Mas não só! Reside ainda, em não menor grau, no fato de que ele foi também o primeiro (e por muito tempo ficou sendo o único) que fez em prol dos aprendizes o que se faz pelos estudantes, criando o internato profissional, com aulas e oficinas internas de artes e ofícios, coisa que muitos governos e poderes públicos nem sempre fazem, ou talvez não possam fazer. Esse elemento difícil, que fora do trabalho é abandonado a si mesmo em perigosa liberdade nos anos críticos da adolescência, é ao invés recolhido numa custódia paterna e familiar e a ele se fornece completa formação profissional, cultural, moral e religiosa. Quando saem, são bons operários e bons cidadãos, uma força social para o bem e um fator de progresso. É o que nos dizem, de cá e de lá do oceano, as magníficas multidões de ex-alunos.

O Salesiano Coadjutor

O segredo, porém, dessa expansão esplêndida de caridade e de educação cristã em meio à classe trabalhadora deve-se a um outro fator que por sua vez é uma das mais belas glórias do gênio de Dom Bosco e a característica mais especial da vida salesiana. Refiro-me ao tipo completamente novo na história das ordens religiosas do *Coadjutor*, o salesiano *leigo*.

Quem entra numa oficina ou numa livraria salesiana, ou no recinto de alguma escola agrícola, vai tratar com pessoas boas, que na roupa e nas atitudes não se diversificam de qualquer bom pai de família que tra-

balhe entre seus rapazes, tome conta de uma firma ou a dirija. Alguns deles são religiosos tanto quanto os padres e os clérigos. Conhecem seu ofício e ensinam sua arte aos meninos com o mesmo sistema paterno usado por seus irmãos de hábito eclesiástico que lecionam nas classes de instrução elementar ou clássica. São mestres de arte e ao mesmo tempo, na oficina e fora dela, educadores salesianos. Diversamente dos *irmãos-leigos* de quase todas as outras ordens religiosas, eles são iguais aos outros em tudo e não raramente têm cargos, autoridade e responsabilidade em assuntos graves e delicados.

Esse laicato religioso ativo, esse assumir o homem em hábito secular para colaborar e conviver, em paridade, com o sacerdócio no estado religioso, é talvez, com a do sistema preventivo, a idéia mais genial de Dom Bosco. Deixo ao leitor a consideração de quanto seja pedagogicamente perfeita essa identidade de condição entre o educador e o menino, o qual aprende do mestre-operário cristão como poderá levar vida de cristão e de operário. Ao mesmo tempo observem como é genuinamente cristão, moderno e santamente democrático esse emparelhamento do laicato e sacerdócio no campo dos interesses e do trabalho da caridade e da religião, fazendo com que um e outro cooperem na missão de transformar cristãmente a sociedade.

De outro ponto de vista, e creio que não sou o único a pensar assim, o Coadjutor salesiano exprime uma robustez de virtude em certo sentido superior à daquele que é obrigado a fazê-lo em força de um hábito talar ou de um capuz. Sem aparecer, ele pratica os conselhos evangélicos e mostra em si um exemplo daquele tipo de homem perfeito que o Autor do Cristianismo propôs como modelo para a sociedade total, a que, por natureza e em sua generalidade, é leiga e, no conceito cristão, vive da colaboração espiritual do laicato com o sacerdócio.

O curso ginásial

O outro ramo que germinou da ampliação da primeira morada foi o das escolas. A condição de muitos meninos semelhantes a ele, isto é, dotados de boa inteligência e carentes de todo recurso, tinha já levado Dom Bosco a receber um certo número deles entre seus internos. Mandava-os fazer o curso de latinidade em casa de alguns professores particulares, assim como colocava seus aprendizes junto de bons patrões. Mas as dificuldades óbvias daquela maneira de agir e a necessidade de cultivar, caso existisse, alguma vocação eclesiástica, fizeram com que se pensasse numa escola interna.

Em outubro de 1855 começou com uma classe de terceira série ginásial (gramática) onde lecionava um clérigo seu muito preparado. Nos quatro anos seguintes instituiu série por série as demais, onde igualmente lecionavam jovens com cerca de dezoito anos que ele estava formando para a vida de educadores e sacerdotes.

Vocês pensarão, como muitos então pensavam, que nessas classes o objetivo era unicamente, como se costuma dizer, formar padres. Certamente um dos motivos e finalidade principal era esse, mas não exclusivamente. Dom Bosco não quis fundar um Seminário. Em 1852 ele redigiu de próprio punho um *primeiro plano de regulamento para a casa anexa ao Oratório de S. Francisco de Sales*. Três anos depois, colocou-lhe à guisa de introdução aquelas notas sobre o Sistema Preventivo às quais acenamos em outro lugar. O escrito ficou inédito até 1877, mas substancialmente não mudou em nada. Pois bem, ao se abrirem as classes em sua *Casa* (nunca a chamou de Colégio), ele acrescentou um *Apêndice para os estudantes*, que assim começava: “Entre os jovens internos se encontram alguns que manifestam aptidão para o estudo ou para alguma arte liberal. A casa do Oratório se empenha em ajudá-los, quer possam pagar no todo ou em parte a pensão (que era naquela época

de 15 libras por mês!) quer sejam absolutamente pobres”. E pouco abaixo, entre as condições de aceitação, dizia: “Ninguém será admitido a estudar latim se não tiver vontade de abraçar o estado eclesiástico, deixando-se, porém, que siga com liberdade sua vocação, após terminar o curso de latinidade”.

Assim surgiu o Ginásio do Oratório, que em poucos anos se transformou num modelo de escola. Por algum tempo foi molestado por rábulas que até à caridade vão pedir títulos de habilitação. Títulos e láureas vieram depois e agora é raro encontrar entre os Salesianos quem não tenha um título acadêmico ou um diploma, mesmo profissional.

Nos bancos daquelas classes floresceu uma plêiade de sacerdotes, para Dom Bosco e para as dioceses, as quais viviam então muito angustiadas com a falta de padres. Mas não foram só padres que de lá saíram. São legião aqueles que receberam de Dom Bosco a primeira ajuda de pão e saber e se encaminharam para uma carreira civil. Basta assistir ao desenrolar-se de uma reunião de ex-alunos: aí médicos, advogados, professores, militares e outros se encontram pelo menos em número igual ao de homens de comércio e do mundo do trabalho.

Os colégios

O crédito do Instituto subiu rapidamente, a tal ponto que já em 1863 quiseram confiar a Dom Bosco um Pequeno Seminário-Colégio em Mirabello, e no ano seguinte o Colégio Municipal de Lanzo. Não eram mais meninos pobres e abandonados. Era a pequena burguesia que sentia necessidade dele, e ele respondeu com seus colégios. Quis cobrassem todos muito pouco de pensão (os primeiros, vinte libras por mês!) Cobria assim uma lacuna não atendida pelas instituições religiosas que tinham surgido em tempos nos quais somente as classes

elevadas dos nobres e dos ricos se dedicavam aos estudos. Também esse foi e é um imenso benefício social. Pensava na gente humilde, aquela que está quase próxima da pobreza, não pode gastar muito e por isso veria fechado para si o caminho dos estudos. Deixamos ao leitor a tarefa de pensar nas vantagens advindas para a sociedade dessa inserção de elementos em grande número honestos e laboriosos, de talentos que certamente não abundam menos nessa classe que nas demais e que se perderiam no trabalho puramente manual, se a facilidade de meios oferecida pelo desinteresse dos filhos de Dom Bosco não lhes abrisse o caminho dos estudos e das profissões liberais.

Esses dois colégios foram os primeiros rebentos do Instituto, que conta agora com mil e quatrocentos estabelecimentos disseminados no antigo e no novo continente e que compreende oratórios festivos, internatos e casas para artes e ofícios, escolas agrícolas, escolas para menores carentes, colégios para jovens da classe média com estudos de qualquer grau ou série, igrejas, paróquias, missões entre os selvagens, missões entre os infiéis, aldeias para leprosos, patronatos para emigrantes, escolas italianas no exterior e todo e qualquer outro ramo de atividade a que se possa estender o zelo pela renovação cristã da sociedade. Acrescento que raramente uma casa contém um só tipo de obra. Pelo contrário, quase todas são centros de uma multiforme e variegada ação, porquanto um instituto de artes e ofícios tem geralmente anexo um ou mais oratórios festivos, a igreja pública, escolas populares e outros ramos de atividade que fazem dele um pequeno e jucundo supermercado de boas obras.

No início, e enquanto estavam perto, o Fundador tomava conta daqueles estabelecimentos como outras tantas seções do Oratório de Turim. Depois a expansão humanamente inesperada superou a capacidade de sua atividade direta. Mas, além do clima bem paterno de

suas origens, eles conservaram aquela marca caseira da confiança em Deus. Quero dizer que cada casa se rege com uma administração muito simples. Goza de completa autonomia, embora, como é natural, mantenha-se unida no modo mais elementar com o centro que vigia a dirige. E se, por engano, se fazem economias, elas vão ser utilizadas em benefício das outras obras, sobretudo dos jovens pobres e das Missões. É uma organização ao mesmo tempo vastíssima e da mais transparente simplicidade que, provavelmente, faria desanimar mais de um Ministro de Estado. Ocupa um número singularmente exíguo de administradores, por se basear na confiança em homens que outro escopo não têm senão o de fazer caridade.

Amor educativo

Com esses inícios, começavam a tornar-se realidade os sonhos do pequeno pastor e do jovem padre. Verdadeiramente aqueles cem ou duzentos meninos, pois a tantos subia o número dos alojados nas primeiras e modestíssimas casas de que o Oratório se compunha, levavam uma vida bem pobre, que em nada se diferenciava da do seu pai comum. Nos dias de hoje, com a mudança do teor de vida e a elevação das exigências sociais, talvez, vá lá, semelhante estado de coisas nem seria possível, nem tolerado. A título de história, diga-se que naquele tempo pretendia-se menos da caridade de quem era pobre, e todos abençoavam Dom Bosco porque fazia tanto. Recolhidos ou acolhidos apenas com a previsão da confiança em Deus, aqueles *filhos* (a palavra se vai tornando bela) muitas vezes viam que o pão atrasava porque o padeiro não mais o mandava; e era necessário o prodígio de uma inesperada beneficência para que não atrasasse por mais tempo. A beneficência nunca veio a faltar.

Em compensação, a pobreza das roupas e do alimento tinha como pano de fundo um afeto por Dom Bosco e uma tal confiança nele que nenhuma pena, mesmo do discípulo mais saudoso daqueles tempos, conseguirá descrever. Uma palavra sua, um sorriso, um olhar mexia com aquelas almas, algumas das quais tinham já conhecido o mal, enquanto outras sorriam ainda na primeira inocência. Pensar⁶⁷ em Dom Bosco era para muitos, poderia dizer para todos, como que o olhar da consciência. Ele os conhecia um por um intimamente sem que tivessem que falar, e os amava um por um paternalmente, com um afeto tal que, embora transcendesse o afeto humano, coloria-se entretanto da ternura do homem de bom coração.

Ele os enxergava em seus sonhos, do jeito que estavam por dentro. Via-os, perto ou longe que estivessem, e às vezes chegava a eles a sua palavra e até, prodigiosamente, o tapa com que os advertia.

Agia entre seus *filhos* particularmente através da confissão, onde gozava de uma confiança íntima que se tornava, para quantos se serviram — uma só vez que fosse — de seu ministério, uma necessidade à qual só ele podia satisfazer. Um menino seu, tendo adoecido em família, morreu sem se poder confessar, e chamara por ele, só por ele. Ele foi, despertou-o e o confessou, e depois fez com que se reclinasse morto e tranqüilo sobre o travesseiro.

Não contarei de onde ele hauria esse precioso segredo de se fazer amar. Cada um o sente e ninguém chegará nunca a defini-lo completamente. Algumas almas recebem da natureza esse poder de fascinar, e não é fora de propósito dizer que, em boa parte, é um verdadeiro dom de Deus. Por isso não se pode esmiuçá-lo em tantas regras, por mais que sejam pensadas e sábias.

⁶⁷ Outra possível tradução: O pensamento de Dom Bosco era...

Mas é sempre dom de Deus, e Dom Bosco o teve e o poder de comunicá-lo, seja embora só parcialmente, a outros. Isso ele obteve com o exemplo e com as palavras mais simples, como aquelas com que é anunciado o seu sistema educativo. Essa potência de amabilidade, essa correspondência de sentimentos no afeto, é a indefinível tradição salesiana. Onde estão os Salesianos, os meninos gostam de seus educadores. O mundo profano e a educação racional e laicista ignora completamente tal segredo e é por isso que colhe os frutos amargos que a escola e a educação moderna produzem.

Por isso, o sistema preventivo, posto em prática dessa maneira por Dom Bosco e por seus primeiros colaboradores no Oratório, produzia frutos de poderosas transformações morais e criava uma atmosfera na qual a santidade não podia deixar de germinar e robustecer-se.

Com efeito, aquela suave fecundidade de bem gerou um autêntico santo, Domingos Sávio, que entrou no Oratório em 1854 e veio a falecer em 1857. Dele trata-se agora em Roma a causa de beatificação, que chegou já à definição do *grau heróico* das virtudes (9 de julho de 1933)⁶⁸. “Um pequeno, antes um grande gigante do espírito, aos quinze anos de idade!” disse na ocasião o Papa⁶⁹. Dom Bosco escreveu páginas de ouro em memória dele.

Se é verdade que o calor da santidade se expande ao seu derredor, podemos acreditar que naquela geração não foram poucos os meninos santos. São daqueles anos as figuras amáveis e castas de Miguel Magone e Francisco Besucco, que Dom Bosco evocou igualmente com escritos cheios de afeto.

Para quem quiser ter uma idéia da eficácia da palavra e do fascínio que existia em Dom Bosco, basta re-

⁶⁸ Domingos Sávio foi canonizado por Pio XII em 1954.

⁶⁹ OR, Roma, 10-11 de julho de 1933, p. 1, col. 3.

cordar o episódio da pregação feita por ele em 1855 na Generala, que era, em Turim, o reformatório dos menores delinquentes. Nessa oportunidade pediu licença para conduzi-los todos consigo, por um dia inteiro, para um passeio no campo, fora de Turim. O Ministro Rattazzi, preocupado, pretendia rodeá-lo, e aos jovens, de guardas, carcereiros e carabineiros. Ele não quis nada disso. Levou-os, entreteve-os, fez com que se divertissem e, à noite, os trouxe todos de volta, ele sozinho, espontâneos e alegres, sem que o menor inconveniente viesse a perturbar a serenidade daquele dia, que foi um triunfo do seu sistema educativo.

Educação artística

Todo esse trabalho interior, porém, não seria percebido à primeira vista por quem entrasse em certas horas no seu colégio, tamanha era a vivacidade rumorosa, a alegria despreocupada e o desembaraço daqueles jovens. Desde os seus primeiros anos, Dom Bosco fez da alegria como que um preceito da maneira de viver e, como passara sua juventude a céu aberto, quis também que suas crianças tivessem “ampla liberdade de saltar, correr, gritar à vontade”. A disposição dos ambientes de seus institutos conserva a marca daquele estilo: nada de claustros ou pátios fechados; ar e luz nas almas e fora delas. A livre espontaneidade do movimento juvenil ele acrescentou (e não foi novidade pequena para seu tempo) também a ginástica sistemática e todo e qualquer outro exercício físico. Tanto que receberam de um Príncipe os aparelhos para um ginásio⁷⁰.

⁷⁰ O príncipe Amadeo, duque de Aosta, estivera presente na função do lançamento da primeira pedra da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em 1865. Fez na ocasião a doação de parte de seu próprio ginásio para os jovens de Dom Bosco.

Parecia que se recordava das acrobacias que ele, ainda adolescente, realizava diante dos olhos pasmados de seus conterrâneos.

Como não existe alegria verdadeira e plena sem o canto, como quase não existe oração onde não existe o canto, assim em seu primeiro Oratório a música vocal e instrumental teve desde os primeiros tempos parte muito relevante. É assim mesmo! Os santos tiveram quase todas as faculdades estéticas muito desenvolvidas, se é que a santidade não é ela mesma em grande parte maneira estética de viver a vida. A alma de Dom Bosco, que se abria por natureza ao amor do belo, tinha pela música uma singular inclinação. Estudara-a por um pouco de tempo, e enquanto não encontrou outra pessoa capaz de fazê-lo, ele mesmo a ensinou a seus filhos. Depois a aula de canto e de música instrumental tomou corpo e ele pôde inaugurar um coral em sua igreja e uma pequena banda para as festas do internato.

Foi naquelas primeiras aulas que Cagliero se revelou pela primeira vez; e veio a adquirir mais tarde grande e merecida fama pelas suas composições. Igualmente foi lá que se consolidou a tradição salesiana que faz da música fator indispensável de educação e um como sinal distintivo de sua vida. Certamente, se também o destino da música de igreja mudou, naqueles anos e ainda por muito tempo não foi só uma especialidade que cultivou, mas um exemplo e um grande impulso que Dom Bosco deu fazendo reviver as *Scholae cantorum*. As funções, as academias, os teatrinhos de Dom Bosco sempre deixavam comovido o coração; e em muita gente aquela sensação sobrevive ao gosto musical quando este foi superado. Quem não se terá deixado alguma vez enternecer ao ouvir vibrar na voz dos pequenos órfãos como que o choro pela mãe perdida e pelo sofrimento da pobreza?

Inserimento no meio social

De sua pequena banda de música Dom Bosco se servia para muitos fins. Entre outros, para alegrar a sua meninada e para retribuir com pequenas retretas a hospitalidade das aldeias durante as bonitas excursões feitas com seus filhos.

Também nisso nele se revelava o antigo filho dos campos. No outono, toda a sua casa ia com ele, um pouco aventurosamente, pelas colinas piemontesas. Travavam conhecimentos e tornavam-se conhecidos entre o povo, os prefeitos municipais, os párocos, numa vida errante e cheia de saúde e de ensinamentos. Não existe quase vila ou castelo no Monferrato onde aquelas alegres comitivas não tenham passado num daqueles históricos passeios. Edificavam a todos com o bom comportamento e a piedade cristã. A todos alegravam com a música, na praça e na igreja, com o teatro improvisado, com todo entretenimento lícito. Um belo dia chegou de fora o escotismo... Dom Bosco já o tinha praticado há muito tempo, à moda da casa!

Assim a popularidade de Dom Bosco cresceu e se estendeu bastante entre a população do Piemonte. Eu disse cresceu, porque já existia em Turim. Desde o momento em que começou a reunir meninos e levá-los atrás de si pela cidade, ou para parar num campo e lhes explicar o catecismo ou levá-los a uma igreja e cantar loas e participar das funções, ele se fizera conhecido dos turinenses. Mais ainda quando seu quartel-general se transferiu para a zona norte da cidade, lá em baixo, além do mercado, na baixada do Rio Dora. Não havia então quitandeira, ou carregador, ou carroceiro, ou pequeno comerciante que não se julgasse amigo de Dom Bosco. E ele se servia dessa auréola de simpatia para fazer o bem aos humildes e conduzi-los a Deus. A quantos não confessou na beirada dos campos ou na boléia das carruagens! Quantos deles atraiu à sua pobre casa! Aju-

dava-o nisso o domínio do dialeto e aquele jeito bonachão e característico da gente do povo no Piemonte. A liberdade de espírito, que marca a santidade autêntica, permitia-lhe certa condescendência e certas maneiras de aproximar-se dos outros que, se não agradavam a certos colegas seus do clero, muito comedidos, não desagradavam ao Pe. Cafasso, e certamente agradavam a Deus.

Naturalmente, onde há popularidade, existe também uma minoria cheia de inveja e de ódio, tanto mais maliciosa quanto mais o bem que se faz lhes prejudica os interesses ou lhes serve de empecilho. Mesmo sem querer pensar nas hostilidades das seitas, é preciso pensar que os planos de Dom Bosco inúmeras vezes estragava os planos dos marginais aninhados então na região, que, por mérito seu, tornava-se sadia e se ia povoando de forasteiros. E a fama que lhe tinham criado de ser um homem endinheirado (sabia-o muito bem o padeiro que de tanto em tanto renovava seus protestos por falta de pagamento!) era também um estímulo para os malfeitores. O fato é que não foram raros os atentados à sua vida, feitos de variadas formas.

O Grígio

Aparece aqui em cena um ser misterioso, inexplicável, mas indiscutivelmente histórico. É um mastim grande e feio, o *Grígio*, vindo não se sabe de onde, que se retira não se sabe para onde, que não come o que lhe põem diante, que não sente as pancadas, que olha para Dom Bosco com toda a expressão de afeto que um cão possa ter. Aparece quando, humanamente falando, não há mais escapatória. Desaparece por diversos anos. Aparece uma última vez longe de Turim. Depois, não se sabe mais nada dele.

Os fatos. Entre 1852 e 54, tornando-se mais frequentes as agressões criminosas à pessoa do pobre padre de

Valdocco, no momento em que os malfeitores estavam para levar vantagem sobre ele, eis que aparece esse ser benéfico, dotado de força e de coragem formidáveis. Os facinoras levam a pior e têm de se esconder novamente no mato. Por três vezes salvou-lhe a vida dessa maneira e sempre desapareceu, apenas cessado o perigo. Uma outra vez surgiu para impedi-lo de sair de casa, e foi só nessa ocasião que ele entrou junto com o homem protegido, e foi visto e tocado por todos. Doze anos depois, em 1866, encontrando-se Dom Bosco perdido no meio do campo, numa noite escura, lá nas colinas que o viram nascer, suspirou pela presença do seu *Grígio*. Este apareceu e o guiou até a casa de uns amigos, onde lhe acariciou as mãos e desapareceu. Ainda em janeiro de 1883, numa noite horrível, reapareceu em Bordighera, para mostrar o caminho ao seu amigo, e desapareceu para sempre.

Também de alguns santos do Antigo e do Novo Testamento conta a História que tiveram companhia e foram servidos por animais domésticos ou selvagens quais seres tutelares de sua existência. Todos ouviram falar do corvo que levava pão para o profeta⁷¹ ou para S. Paulo Eremita, e do cão de S. Roque.

Também certos homens da história tiveram junto de si um ser misterioso qualquer que só eles percebiam; desaparecido, era como se a boa estrela deles declinasse. Dom Bosco esteve sob a tutela dessa espécie de gênio durante o decênio heróico de sua vida, como foi chamado aquele que é também o primeiro decênio do acontecer de sua obra. Porém, como não agia para seu proveito pessoal nem por fins meramente humanos, o desaparecimento do *Grígio* não marcou o declínio de sua boa estrela, mas o surgimento da aurora de dias ainda mais esplêndidos.

⁷¹ Cf. 1Rs 17,6.

Interação Oratório — Sociedade

Aquele decênio de Dom Bosco não foi heróico apenas pela singularidade das peripécias por que passou e por ser o período em que suas obras se originaram na história. Foi tal também pela quase incrível operosidade na qual prodigalizou o dispêndio de suas energias.

Grande trabalhador que era, podemos imaginá-lo absorvido no ônus nada leve que lhe é imposto pelas condições de seu nascente instituto, povoado por órfãos que vivem do dia-a-dia. Deve providenciar-lhes o sustento, sem ter outra fonte de renda senão a caridade que solicita vez por vez a pessoas determinadas. Por outro lado empenha-se em obter de cada um deles aqueles frutos de bem que nem sempre chegam com as primeiras brisas que sopram. Temos de pensar que ele está quase sozinho ou auxiliado apenas em parte por um pequeno número de discípulos muito jovens; cabe-lhe muitas vezes fazer pessoalmente o que os outros não conseguem ainda fazer. Além disso deve cuidar da correspondência, sempre mais abrangente e numerosa, e de uma série de relacionamentos pessoais indispensáveis para a existência e a defesa do colégio.

Não obstante isso, vamos encontrá-lo um pouco por toda a parte, nos hospitais, nas casas de reeducação, nos cárceres, à cabeceira dos doentes, onde quer que sua palavra de santo e de homem de coração seja necessária.

Em 1854 surgiu a cólera. Dom Bosco, com todos os seus primeiros clérigos, e não poucos de seus jovens mais crescidos, lançou-se heroicamente em meio aos doentes pobres da mais pobre periferia. Viram-no levar os doentes no colo para o Lazareto. Ele próprio ficou doente. Da mesma forma procedeu em 1865 e em 66. Nessa ocasião recebeu com grande incômodo seus muitos meninos de Ancona, que a doença deixara órfãos e abandonados.

E como não bastava mais seu trabalho pessoal, recorreu à cooperação. Para assistir os jovens operários que não podiam ser recolhidos no internato, instalou, ainda em 1854, a Conferência de S. Vicente de Paulo, com novidades geniais de programa. Quis que se unissem ao grupo de senhores e de nobres turinenses os melhores de seus alunos, que ele treinava para uma busca sagaz da necessidade reinante nos tugúrios e nas oficinas da cidade. Durante quase vinte anos perseverou nessa maneira de agir.

Quem estuda a vida desse homem encontra nela sincronismos quase inverossímeis. Ele se desdobra em quatro e chega a todos os lugares e dá conta de tudo, sempre sereno e sempre presente a si mesmo.

Dom Bosco escritor popular

Quem teria ainda pensado na sua obra de escritor? No entanto a maior quantidade de seus escritos e os melhores deles são desse tempo. Pensamos, então, não só na têmpera adamantina desse homem que nunca pára, mas também no engenho dele, que se demonstra de vigor e de lucidez muito especiais.

Dom Bosco foi escritor popular no pleno sentido da palavra: pelo tipo de escritos e pela difusão que eles conseguiram. Propositadamente, e não sem ter renunciado a coisas mais elevadas, ele foi um admirável divulgador da cultura cristã popular.

Sua mente, nutrida no silêncio e no recolhimento dos anos juvenis de intensos estudos e socorrida por uma memória que já dissemos, era extraordinária, abria-se por sua índole a tudo quanto de útil e de belo estivesse florescendo no espírito moderno. Por esse lado, ele se distinguia da acrimônia hostil e cheia de suspeitas que muitas pessoas piedosas do velho estilo nutriam pelo tão louvado *progresso*. Percebia igualmente

que a cultura do sacerdote devia ser sólida e ampla, sem restringir-se aos estudos estritamente ligados ao seu ministério. Essa é também uma das trilhas e tradições que ele deixou aos seus, os quais, sem pretender ser doutos (mas existem também desse tipo), mostram ainda hoje uma versatilidade e uma cultura que os distinguem de boa parte das pessoas que se lhes assemelham; e por esse caminho conseguem muitas vezes a simpatia dos que, menos facilmente, aceitariam a austera ciência teológica.

Para citar um exemplo, em seu estilo ele não foi nem imitador dos clássicos, nem purista da língua. Sua intenção foi tornar-se claro e sempre acessível a todo o povo simples, sem no entanto descer a vulgaridades e incorreções. Desejava usar o idioma comum em sua pátria de forma tal que, embora não condizente com a aula ou com a Academia, pudesse e devesse ser entendido por qualquer um dos cidadãos. Não lhe custou pouca fadiga tornar-se escritor desse tipo. Teve que lutar contra o vizo das formas dialetais⁷² e contra o descuido que imperava no uso do italiano, especialmente no Piemonte daqueles tempos, quando a gente culta preferia ainda o francês e usava a língua de Dante, vamos dizer assim, em dias de festa. Teve que superar não leves dificuldades para dominar o vocabulário mais corrente e mais correto. Teve também que combater a falsa orientação que ao modo de redigir pudessem ter dado as poucas escolas que freqüentou. E escrevia, e refazia, e corrigia. Depois fazia sua boa mamãe, santa e analfabeta, escutar tudo; e onde ela não compreendia logo o sentido, punha-se a retocar. Amigo de Pélico e de Manzoni, revelava-se adepto da escola deles. E consolou-se, o santo homem, quando foi visitar em Lesa o autor do *Promessi Sposi*, e este lhe mostrou o próprio manuscrito todo cheio de correções, como o sabemos.

⁷² Por muito tempo ainda ele escreveu *filhos* e *filhinhos* (em piemontês *fièui*) em lugar de *crianças*, *meninos* e *jovens*.

Dom Bosco não teve pretensões literárias. Bastavam-lhe a correção e a clareza do que escrevia, unidas àquela “ordem esclarecida”, origem de grande parte da eficácia de seus escritos e uma de suas melhores qualidades.

Nasceu daí um estilo todo feito de simplicidade, que agradou por seu ritmo fácil e suave, adaptado a qualquer leitor, qualquer que fosse a região de proveniência, desde que soubesse um pouco mais que fazer contas. Por isso teve-o em apreço aquele homem de gostos tão difíceis que foi Tommaseo.

A vida literária de Dom Bosco começa em 1844, com a biografia de seu santo amigo Luís Comollo⁷³, e encerra-se lá por 1870. Nesse tempo publicou cerca de uma centena de escritos, a maioria deles opúsculos, mas às vezes também livros de uma certa mole. Todos de caráter francamente popular, muitos endereçados à juventude. Neles encontramos de tudo: religião, devoções, moral civil, economia doméstica, história sagrada, história eclesiástica, história civil, hagiografia, biografia, controvérsia, contos educativos, dramas, amenidades, tudo enfim que a necessidade do momento pudesse indicar como oportuno, tudo quanto ele podia julgar útil para a formação cristã do povo. É o apostolado da pena. Mas não são escritos meramente ocasionais. Também presentemente são úteis e agradáveis. Debaixo da roupagem da linguagem popular, muitos deles revelam conhecimento seguro do assunto e cultura vasta e profunda, que habilmente se dissimula. Se o espaço consentisse, eu bem que desejaria fazer o elenco das obras que ele leu e estudou. Veríamos desfilar uma biblioteca inteira de obras sólidas e volumosas (os *Bollandistas!*) que ele lembrava sempre, assim como já com setenta

⁷³ Luis COMOLLO nasceu em Apra, Cinzano, Turim, em 1817. Foi colega de Dom Bosco no curso de segundo grau (retórica) e no Seminário. Faleceu, ainda seminarista, em Chieri, em 1839.

anos de idade comprazia-se em recitar de cor qualquer um dos cantos de Dante!

A *História Eclesiástica*, por exemplo, é de 1845. De 1847 a *História Sagrada*, nova no gênero quanto ao método e à solidez (Dom Bosco conhecia bem a geografia bíblica). Ainda de 1847, a primeira edição, e de 1850, a forma definitiva do *Jovem Instruído*, que teve algumas centenas de edições. De 1850 é o *Católico Instruído*, um manual de religião que se opõe aos erros dos protestantes. De 1856, a *História da Itália*, julgada a melhor que até então se escrevera para uso do povo italiano (lembrem-se de que a Itália, como surgiu depois, era ainda um desejo, e não de todos!); foi premiada pelo ministro Lanza e elogiada com uma bela recensão de Tommaseo. De 57 a 65, em fascículos separados, saem as *Vidas dos Papas*, que se apóiam nos Bollandistas e em outras obras fundamentais. A *Vida de S. Pedro*, que deu início à série e desde sua publicação foi muito elogiada em Roma, foi republicada em 1867 com um apêndice, para o *Centenário de S. Pedro*. Nessa ocasião Dom Bosco teve alguma contrariedade gratuita por parte de Roma, por causa de algumas picuinhas de gente hostil a ele. A nuvem foi dissipada, mas ele ficou tão aborrecido que, depois daquele ano, escreveu muito pouca coisa, contentando-se de rever as obras já publicadas.

Mas é com prazer que chamo a atenção do leitor para dois opúsculos singularíssimos pelo conteúdo e pelo tempo em que saíram. Um é *O Enólogo italiano*, um manual pequeno e denso de conteúdo, com 150 páginas, destinado aos pequenos produtores de vinho e aos camponeses do Piemonte. Saiu justamente em 1846, quando o aumento excessivo das taxas impostas pela Áustria sobre os vinhos do Piemonte azedou as relações entre ela e o rei Carlos Alberto. O livrinho não deixa de ter relação com esse fato.

O outro é o tratadinho em forma de diálogo sobre *o Sistema Métrico Decimal*, publicado pela primeira vez

em 1852, por ocasião do decreto real que tornava obrigatório tal sistema nos estados sardos. Posteriormente foi ampliado com noções de aritmética e tabelas para a conversão, em novas, das antigas medidas vigentes em 1849, às vésperas da entrada em vigor do sobredito decreto. Para ajudar o povo a aceitar as novas medidas e a servir-se delas, escreveu diálogos e outras composições amenas, que seus meninos recitavam naqueles anos em entretenimentos públicos e privados.

Dom Bosco, como os santos de qualquer tempo, não se ocupava só do céu; era também levado pelo amor ao povo e à terra natal a ocupar-se do bem-estar temporal de seus concidadãos.

Dom Bosco editor

Mas seu empreendimento maior e mais glorioso no campo da editoria foi a criação e a condução das *Leituras Católicas*: uma publicação periódica, com fascículos mensais, destinada a fornecer ao povo instrução moral e religiosa e um antídoto contra os libelos que heréticos e sectários de todos os matizes espalhavam entre o povo.

A idéia da boa imprensa popular já lhe viera à cabeça em 1841, quando entrou no Colégio Eclesiástico. Tinha-a acariciado nos anos seguintes até que, em 1852, tratou do assunto com D. Fransoni ⁷⁴ e com D. Moreno ⁷⁵,

⁷⁴ D. Luís, dos Marqueses FRANSONI, nasceu em Gênova, em 1789. Padre em 1814. Entrou na Congregação dos Missionários Urbanos. Bispo de Fossano em 1821. Administrador apostólico de Turim, em 1831. Arcebispo de Turim no ano seguinte. Cuidou da formação do clero. Tendo-se oposto ao processo político então em ato no Piemonte, foi preso e condenado e finalmente exilado. Fixou-se em Lion, na França, onde faleceu em 1862.

⁷⁵ D. Luís MORENO nasceu em Mallere, Cúneo, em 1800. Apenas ordenado padre, foi secretário de D. Carlos Arnósio,

insigne Bispo de Ivrea, e com outros. Finalmente, em março de 1853 saía o primeiro fascículo dessa coleção, que logo contou com 9 mil associados. Os volumes que foram assim espalhados pelo mundo hoje ultrapassam os milhões. A maior parte do trabalho pesou sobre seus ombros; entre os que saíram com seu nome e os anônimos, são perto de setenta os fascículos que se devem à sua pena até 1867.

Dom Bosco demonstra-se neles um verdadeiro publicista. Se pensarmos que muitas e muitas coleções posteriores semelhantes devem sua origem a tal exemplo, não se pode deixar de exaltar a intuição finíssima que ele teve de seus tempos, porquanto a imprensa católica existente em nossas partes carecia (quase) completamente daquele gênero de coisas.

Naquele ano de 1853, começou a publicação do famoso *Brinde* para os assinantes, que chamou de *II Galantuomo (O Homem de Bem)*; pela variedade, o desembaraço, a comicidade bonacheirona, o uso freqüente do dialeto, às vezes com uma pontinha de ironia, ele tornou-se em suas mãos, ano por ano, uma pequena obra-prima. Às vezes, sem demonstrá-lo, anunciou os prováveis acontecimentos que viriam no novo ano e adivinhou a origem deles. Teve alguns aborrecimentos por causa disso, mas continuou na mesma linha até que, por fim, deixaram-no em paz. Tinha assim criado o primeiro *Almanaque* cristão.

Mais falaria eu de seus escritos se os limites deste meu trabalho não me impedissem. Aos poucos eles vêm

arcebispo de Sássari, na Sardenha. Em 1830 volta ao continente, sendo Penitenciário e depois cônego na catedral de Alba, bispo de Ivrea em 1838. Desde 1840, membro da Comissão Real para os estudos de história pátria. Desde 1848 dedicou-se ao apostolado da imprensa. Faleceu em Ivrea, em 1878.

sendo publicados novamente em edição crítica, juntamente com o que permanece inédito, munidos de adequados estudos e notas que ilustram o texto, trabalho esse entregue aos cuidados do modesto autor destas páginas. Permita-me o leitor remetê-lo àqueles livros, certo de que o emprego do método crítico mais rigoroso redundará em maior louvor, antes, permite mais freqüentemente que se patenteie o insuspeito merecimento do Santo Autor.

O leitor há de perguntar-se onde é que ele encontrava tempo para escrever tanto e com tal regularidade. Diz-nos o biógrafo que das sete noites da semana ele não dormia nenhuma por inteiro, e várias delas, regularmente, despediam-se dele, ao alvorecer, com a lamparina acesa e a pena na mão.

Questões para compreensão e aplicação do texto:

31. *Mostre como sonho e realidade interferem no acontecer da obra de Dom Bosco.*

32. *Qual o objetivo de Dom Bosco ao fundar a Congregação Salesiana?*

33. *Quais as razões que levaram Dom Bosco a não dar logo à Congregação personalidade jurídica diante do Estado italiano?*

34. *Dom Bosco e a política:*

34.1. *Normalmente, qual foi a atitude de Dom Bosco ante o Risorgimento?*

34.2. *Qual a atitude de Dom Bosco ante a criação do Reino da Itália? (veja também adiante a questão dos Bispos).*

34.3. *A fórmula de Dom Bosco: formar bons cristãos e honestos cidadãos é um simples objetivo pedagógico ou implica uma verdadeira opção política de Dom Bosco dentro da época em que viveu? (Além do que foi*

apresentado ver adiante o que diz a esse respeito Leão XIII).

35. Em que a fundação da Associação dos Cooperadores Salesianos veio antecipar nossos conceitos atuais de Comunidade Educativa e de Comunidade Social Educadora?

36. Ensino profissionalizante:

36.1. Apresente três motivos que levaram Dom Bosco a criar em Valdocco o ensino profissionalizante.

36.2. Em que as Escolas Profissionais Salesianas favoreceram a difusão da tecnologia moderna?

36.3. Qual foi o ramo profissionalizante da predileção de Dom Bosco? Apresente duas razões dessa predileção.

37. Cite duas razões pelas quais a figura do Salesiano Coadjutor revela-se indispensável na aplicação do Sistema Educativo de Dom Bosco.

38. Indique três características dos colégios salesianos voltados para a classe média.

39. O amor educativo em Dom Bosco:

39.1. Até que ponto Dom Bosco conhecia cada aluno e influenciava em sua vida?

39.2. Os meninos gostavam de Dom Bosco? Por qual motivo?

39.3. Cite alguns frutos da educação baseada no amor educativo, no Oratório.

40. Indique duas atividades de educação artística que caracterizaram a educação salesiana.

41. Como Dom Bosco fazia para integrar seu Oratório na vida social de Turim e dos pequenos centros do interior do Piemonte?

42. Cite três iniciativas de Dom Bosco escritor, em favor da escola.

6. OS GRANDES EMPREENDIMENTOS

O sonho da roda

Em 1856 Dom Bosco sonhou um dos seus tantos sonhos. Um homem misterioso fazia girar uma roda semelhante à roda da fortuna. A primeira rodada foi tão suave, que só ele escutou-lhe o ruído. Uma segunda, bem mais forte, deve ter sido ouvida em toda a cidade e até fora dela. Uma terceira, em toda a Itália. Uma quarta, na Europa. Uma última, ouvida no mundo inteiro... Cada rodada correspondia a um decênio. "Esse será o destino do teu Oratório", concluiu o personagem ⁷⁶.

Apóio-me nessa lenda (que homem extraordinário há na história cujo nome não esteja rodeado de lendas?) para recordar ainda uma vez o fato de que, no desenrolar-se de sua existência, primeiro se sonham as idéias; depois ficam lá por longo tempo em repouso e parecem até esquecidas; depois, num belo dia, brotam e se expandem na vida. Agora chegou o momento e, após o decênio heróico, vêm os grandes empreendimentos.

Ele os vira em seus sonhos, desejava-os ardentemente em seu coração, esperava por anos e anos que se realizassem, com a serenidade confiante do homem genial e do santo que sabem, eles somente, a virtude de quanto lhes ocupa o pensamento. Há poesia neste passar

⁷⁶ Cf. MB 5, 457.

do nada para o tudo que é imaginado e previsto: poesia do homem e poesia das coisas. Neste mundo tão prosaico aconteceu, porventura, algo de novo e de grandioso sem que intervissem a poesia e o ideal? Os santos foram, todos eles, cada um em sua maneira própria de ser, idealistas, e sem isso não se teriam feito santos. Entre a poesia de Dante ou de Miguelângelo e a de Francisco de Assis e de Catarina de Sena vejo existir diferença de matéria, não de potência criadora⁷⁷.

A Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora

O primeiro dos grandes empreendimentos foi a construção da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Foi um milagre de fé que se cumpriu na fé dos milagres. Somente a ousadia de um homem — que queria porque acreditava mais do que é crível ao homem — podia naquelas circunstâncias meter ombros a uma obra que superava tanto os cálculos humanos. E a levou a termo.

⁷⁷ Dante ALIGHIERI nasceu em Florença em 1265 e faleceu em Ravena em 1321. Homem político florentino, é no entanto universalmente conhecido por suas obras literárias, principalmente pela *Divina Comédia*, concluída pouco antes de falecer.

Miguelângelo BUONARROTTI nasceu em Caprese Michelângelo, na Toscana, Itália, em 1475 e faleceu em Roma, em 1564. Escultor, poeta e arquiteto de indiscutível renome. Entre suas obras lembramos as pinturas da Capela Sistina, em Roma.

S. Francisco de Assis nasceu nessa cidade em 1181 e aí morreu em 1226. Fundador dos Frades Menores, das Irmãs Clarissas e da Ordem Terceira de S. Francisco. Canonizado em 1228 por Gregório IX. Além de seu extraordinário exemplo de pobreza e de amor por todas as criaturas, hoje está cada vez mais sua figura no centro dos movimentos pela paz e pela ecologia.

S. Catarina de Sena nasceu nessa cidade em 1347 e faleceu em Roma em 1380. Irmã dominicana, muito lutou pelo bem da Igreja. Canonizada em 1461 por Pio II. Juntamente com S. Teresa de Ávila, declarada Doutora da Igreja em 1970.

Muitos anos se tinham já passado desde que ele vira o lugar, a forma e o tamanho daquela igreja. Para ela dirigia o olhar da alma como para o centro donde se haveria de irradiar a força da caridade em prol dos meninos pobres e a eficácia renovadora de sua palavra. Com mente devota percebia a beleza de atrair àquele piedoso culto a Cristandade. Ao mesmo tempo sentia a proteção invencível que daria às suas obras aquela cujo nome ele dava ao templo.

Em 1862 pareceu-lhe chegado o momento oportuno. Foi então que em primeiro lugar manifestou aos seus a intenção de construir uma igreja grande; oh, sim, bastante grande, e anunciou o nome: igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.

Era um nome de batalha. Dom Bosco operava a caridade para opor-se ao mal e lutar contra ele. E seu grito de guerra não encontrou expressão melhor que esse título: *Auxiliadora dos Cristãos*. Nele contempla em Maria o auxílio do povo cristão inteiro — complexo social dos que crêem — e como tal a invoca. De batalhas cruentas e incruentas surgira tal título e, por primeiro na Itália, Dom Bosco o retomava para encarnar nele a luta da Igreja e pela Igreja nos novos tempos. Deu-se por satisfeito por ter feito representar no grande quadro de Lorenzone⁷⁸ a Virgem Maria que, empunhando o cetro, estende-o para defesa da Igreja, representada nos doze apóstolos. Mas três anos depois de sua morte, quando se puseram a descoberto as pinturas da majestosa cúpula, Maria apareceu sentada no trono, no meio do céu, tendo à sua volta as vitórias da Cristandade e da Igreja sobre as potências que lhe eram contrárias. E apareceu também, aí representada, a obra caritativa de Dom Bosco. Tal conceito era seu. Tão seu que, quando comunicou às autoridades civis o título da nova igreja e elas trataram o pedido de construção

⁷⁸ O pintor Tomas Lorenzone, de Turim.

com desconfiança e lentidão e enfim o aconselharam a trocar o título, ele não mudou. Desde aquele tempo, os dois nomes de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco andam juntos pelo mundo, e *Nossa Senhora de Dom Bosco* é a sua síntese eloqüente.

Não é este o lugar de mostrar ao leitor a carta geográfica da propagação pelo mundo afora do culto de Maria sob esse título. Contudo, mesmo sem querer engrandecer, por mania de fazer panegírico, as coisas que tiveram êxito feliz, pode-se afirmar que sem o trabalho pessoal e o nome de Dom Bosco e da sua instituição, tal culto ter-se-ia estendido a territórios bem limitados e não teria conseguido tamanha propagação e nem teria lançado raízes tão profundas e fecundas em tão pouco tempo.

Aquele intuito nobre e grandioso manifestava-se, todavia, quando em suas mãos não estava nem sequer o terreno sobre o qual deveria surgir o templo. Porém o lugar era aquele. E o “campo dos sonhos”, como ele o chamava, foi adquirido junto com outros adjacentes. Lançou ao mundo o anúncio da obra e recorreu à generosidade de todos. Todos concorreram: do Rei da Itália e do Papa até a humilde viúva, cada categoria de pessoas, cada corporação de autoridades, cada província da Itália, deu sua ajuda. Invocada, Nossa Senhora de Dom Bosco respondia às súplicas dos devotos oferentes, e o milagre cimentava as paredes dum templo que agora recebe veneração de todas as partes do mundo.

Em 1864 iniciou os alicerces. No primeiro dia de trabalho, Dom Bosco chamou o mestre-de-obras: Tome, quero dar logo um adiantamento para os grandes trabalhos. É tudo quanto tenho. E tirou do bolso o portaníqueis, abriu-o e, virando-o, deitou seu conteúdo nas mãos do homem. Eram oito pobres soldos! Fique sossegado, acrescentou, Nossa Senhora há de providenciar o dinheiro necessário para a sua igreja. Eu não vou ser

senão o seu caixa! Em abril do ano seguinte os alicerces estavam à flor da terra e colocava-se a pedra fundamental, sendo padrinho um príncipe real⁷⁹. Naquele mesmo ano a Igreja estava coberta.

Tal fato fez com que a fama de Dom Bosco se espalhasse de modo maravilhoso. Lançou, então, a sua grande loteria. Durou dois anos e exigiu um trabalho que não se consegue descrever. Ao mesmo tempo incrementou prodigiosamente sua fama e rendeu os meios necessários para que os trabalhos fossem levados adiante de forma tal que, em novembro de 1867, colocava-se sobre a cúpula — já pronta — a linda e grande estátua de bronze dourado; em junho de 1868, a igreja era consagrada ao culto. Não faltavam nem altares nem ornamentos, vindos de todo lado e enviados por mãos assaz frequentemente ignoradas ou de mãos que o mundo não acreditaria capazes desse gesto.

Daquele dia em diante o nome de Maria Auxiliadora fez afluir a Dom Bosco e aos seus os canais benéficos que alimentaram os mil e tantos jovens abrigados à sombra daquele templo e fez encontrar — a ele e aos seus — o pão que eles distribuíram aos meninos pobres de tantas partes do mundo e as vestes com que cobriram a nudez dos selvagens.

Especulação, dirá o cético. Exploração da superstição. Deixemos de lado a superstição, pois que, para quem não tem fé, é superstição até o amor de sua mãe. Mas... aqui o acusado de ser especulador e explorador vive pobremente, e o lucro sacia a fome de quem não tem pão. Realiza muitas outras coisas belas nas quais os descrentes da caridade nem ousam pensar, ou então as desejam platonicamente, na parte mais agnóstica de seu coração. Oh! quem terá coragem de criticar tal forma de “especulação”? Em tempos mais recentes, vimos surgir em Pompéia uma obra e um santuário de Nossa

⁷⁹ O príncipe Amadeo de Savoia.

Senhora que são celebrados em todo o mundo e que surgiram em nome e por ocasião da caridade em favor dos filhos de pais desnaturados e delinquentes. É sinal de que, no final das contas, seja leigo ou seja padre, quem irmana a caridade com a oração encontra nas almas bem formadas o eco da voz que pede ajuda.

A Sociedade Salesiana

A expansão do nome de Dom Bosco ou, como ele dizia, do seu Oratório, produziu no entanto um efeito bem significativo para a sua Congregação que nascia. Também ela se consolidou, e cresceu muito o número dos sócios. Ao mesmo tempo começaram a afluir os pedidos de fundações salesianas, e foi possível satisfazer a muitos deles. A Sociedade salesiana encontra seus novos membros principalmente entre os mesmos juvenzinhos que ela educa, como tinha acontecido desde os inícios ao Fundador. Contudo, mesmo nos anos em que ele era tudo e a ele só os jovens eram devedores do pão e da instrução, nunca forcara ninguém a ficar com ele, e a maior parte dos que abraçavam o estado eclesiástico passavam ao clero diocesano. Agora começava a aumentar o número dos que permaneciam em casa, e assim formou-se a tradição dessa constante renovação da vida da Sociedade. Como se compreende, a vantagem é enorme para o tirocínio da vida espiritual. O jovem que solicita a admissão na Sociedade é levado a isso pelo afeto ao sistema de vida que ele já experimentou como agradável e salutar para si mesmo. Por assim dizer, na prática não terá de fazer pelos outros senão o que foi feito em relação a ele. Há também outra grande vantagem: crescendo desde a infância até a vida juvenil e o estado de homem feito sem demasiados contatos com o mundo, ele conserva certa simplicidade de costumes — o que é necessário para não se encontrar muito diferente das crianças em meio às quais vai viver — e certa pureza

de vida que, apenas com o exemplo habitual, instintivamente se inculca em quem se está educando e a quem se transmite.

E seja-me permitida aqui uma digressão. Ao colocar em prática o seu sistema educativo, Dom Bosco eliminou, e por uma razão profunda, a figura do prefeito ou "vigilante estranho" à sua família religiosa. Quis que se ocupassem da assistência aos meninos o diretor e os mesmos mestres, ou pessoas que não se diferenciavam deles quanto ao espírito, à fraternidade e à autoridade. O tipo de assistente contratado a pagamento, comandado e mantido a distância pelo superior, exposto a assumir todas e somente as partes odiosas e sem autoridade diante do menino que ele deve vigiar unicamente em campo disciplinar e do qual apenas consegue, se é que consegue, uma obediência passiva, sem amor nem respeito, este ser que está, conforme os casos, entre o antigo servo pedagogo e o moderno bedel, Dom Bosco o excluiu completamente do regime de suas casas. Surgiu daí uma diferença tão grande em relação a qualquer outra instituição, que marca inteiramente o aspecto e a vida de seu sistema. Quem não compreende o valor substancial desse pormenor jamais haverá de entender o porquê da eficácia da educação ministrada com o sistema de Dom Bosco. Na consideração superficial das formas e do método não haverá de encontrar quanto nele existe de substancial genuinidade.

Justamente nos anos em que mais intensamente trabalhava para a sua Nossa Senhora, Dom Bosco insistia em Roma para obter a aprovação definitiva de sua Congregação.

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora

Entrementes, junto desta vinha-se formando uma outra instituição. Em verdade, não foi ele quem por pri-

meiro a iniciou, mas foi quem lhe deu impulso e forma, e em suma a fez sua. Tanto que todos o consideram o seu fundador. Trata-se da Congregação das *Filhas de Maria Auxiliadora* (o nome foi dado um pouco mais tarde). É, por assim dizer, a seção feminina da obra de Dom Bosco. Sozinho, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora compreende já tantas casas quantas têm a sociedade salesiana, sem contar as inumeráveis dependências parciais.

Encontrou Dom Bosco em Mornese, no alto Monferrato, uma *Companhia das Filhas da Imaculada*, erigida em 1855 por um grupo de moças de valor. Associações desse tipo se tinham espalhado por muitas dioceses da Itália. Era seu inspirador e chefe o Pe. Domingos Pestarino⁸⁰, santo sacerdote que colaborava com o Pároco do lugar e que foi digno de gozar da íntima amizade dos homens mais preclaros do clero da Ligúria, entre eles o cardeal Alimonda⁸¹. Essas moças viviam como freiras em suas casas, enquanto faziam também obra de caridade, reunindo as meninas pobres da redondeza para trabalhar em comum.

Por outro lado, desde 1862 Dom Bosco tinha ideado a fundação de uma sociedade feminina que fizesse pelas meninas o que ele e os seus faziam pelos jovens pobres e abandonados. Num daqueles históricos passeios de

⁸⁰ Pe. Domingos PESTARINO nasceu em Mornese em 1817 e aí faleceu em 1874. Padre em 1839, foi professor no Seminário de Gênova. Depois foi para Mornese. Salesiano em 1863, foi o primeiro diretor espiritual do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

⁸¹ O cardeal Caetano ALIMONDA nasceu em Gênova em 1818 e aí faleceu em 1891. Padre em 1843, permaneceu no Seminário, onde ocupou diversos cargos inclusive o de Reitor a partir de 1854. Conferencista e apologista brilhante. Bispo de Albenga em 1877. Leão XIII o fez cardeal com o título de S. Maria em Traspontina. Arcebispo de Turim em 1883. Exerceu grande apostolado e cuidou do clero. Foi grande amigo de Dom Bosco, a quem sempre apoiou.

que já falamos, ele tivera conhecimento da instituição de Mornese e até a acolhera como família espiritual, entre as suas coisas. Assim, pouco depois, se não erro, em 1866, tendo esclarecido as próprias idéias e conversado com o Pe. Pestarino, começou a dar ao Instituto uma forma de vida e recebeu entre os Salesianos aquele mesmo que o iniciara. Mais tarde, em 1872, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora teve forma definitiva, o hábito e a primeira superiora, Ir. Maria Mazzarello, que morreu também ela em fama de santidade⁸².

Não foi só para completar a exposição dos fatos que eu quis acenar a essa Instituição. Também nesse outro campo, da educação feminina, que não tão poucas exigências próprias e peculiaridades todas suas, experimentou-se o sistema educativo de Dom Bosco, e verificou-se que não é menos adequado do que o é para os jovens. Certo, a mulher educadora é naturalmente propensa ao sistema materno e por isso a um dos princípios fundamentais do método preventivo: a persuasão amorosa. Mas nem todos estão de acordo quanto a pormenores que caracterizam a prática salesiana e, por falta de forma, às vezes a mesma substância deixa de ser eficaz.

Aprovação da Sociedade Salesiana

A Congregação salesiana recebia, por essa época, sua sanção definitiva. Fora hostilizada anos e anos por desconfianças e preconceitos que aliás se explicam, se considerarmos que Roma sempre procedeu com circunspeção em fato de coisas novas. E novidade havia na estrutura descrita por Dom Bosco: “era um segredo importante, que tantos séculos e tantas Congregações ti-

⁸² Nascida em Mornese em 1837, e falecida em Nizza Monferrato em 1881, Madre Maria Domingas Mazzarello foi inscrita no álbum dos Santos por Pio XII, em 1951.

nham ignorado”. São palavras de Pio IX que explicava que tal Congregação “é nova na Igreja, porque pertence a um novo gênero, porque apareceu nestes tempos, de modo que possa ser ordem religiosa e secular, que tenha voto de pobreza e ao mesmo tempo possua, que participe do mundo e do claustro; seus membros sejam religiosos e seculares, gente do claustro e livres cidadãos. . . . Foi instituída para que se veja e para que exista o modo pelo qual se dê a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. . . .”⁸³. A aprovação que reconhecia finalmente a sociedade salesiana como corpo jurídico e autônomo, foi concedida em 1.º de março de 1869.

E o bom teólogo Borel, o mais fiel e confiante amigo de Dom Bosco, tendo recebido a notícia esperada com ansiedade, exclamava: “Agora morro contente!” E morreu naqueles dias. Talvez ninguém como ele conhecesse as preocupações e as penas secretas de seu grande amigo. Depois do Pe. Cafasso (que morreu em 1860), talvez ninguém lhe votou amizade tão preciosa e o seguiu tão fraternalmente na áspera e incessante subida para uma vida sempre mais nobre, quanto esse piedoso e modesto sacerdote. Empregou parte tão boa de si para o feliz êxito do empreendimento de Dom Bosco e contudo ficou fora da instituição que nascia. Talvez para não dar demonstração de querer partilhar-lhe o merecimento.

Dom Bosco (e é também esse um traço das pessoas verdadeiramente grandes e verdadeiramente santas a começar do primeiro de todos, que é o Homem-Deus) possuía a virtude da amizade e a sentiu fortemente. Não pequeno mérito seu é ter tido em qualquer período de sua vida — juntamente com os admiradores, os benfeitores, os veneradores, com os reconhecidos ou filialmente afeiçoados —, ter tido também amigos seus, pessoais e não de passagem ou da última hora. Podiam os primeiros ser muitos ou poucos ou até vir a faltar de

⁸³ Cf. MB 13, 82.

todo, caso ele não tivesse feito o que fez ou caso tivesse agido de maneira diferente. Estes últimos nunca o teriam abandonado.

Infelizmente, o mesmo acontecimento que fazia o amigo Borel exultar, devia dar ocasião a que um outro amigo, que aliás devia muito a Dom Bosco, tratasse-o com aspereza. Por pretensão sem fundamento ou mais por fruto de insinuações malignas, virou-se contra ele e deu-lhe tais e tantos aborrecimentos durante um decênio, que Leão XIII chegou a dizer que somente "porque é um santo", Dom Bosco podia tê-los heroicamente suportado, até disfarçado o dissídio, por amor da Santa Igreja. Mas o capítulo das contrariedades não está no índice deste opúsculo: é postulado da vida de todo homem que se põe a fazer o bem, é fator indispensável da santidade, a qual não pode existir sem a Cruz e, justamente, tanto maior é quanto mais pesada é esta.

"Espontaneidade" na unidade

Já que falamos aqui da Congregação, não desejaria que alguém pensasse nela como na criação de uma Ordem penitente ou contemplativa; ou a imaginasse de estrutura tão rígida a ponto de absorver completamente e quase anular a personalidade da pessoa que nela se inscrevesse. Cada instituição tem as suas tradições e um espírito próprio, também no tocante à convivência íntima e religiosa. É claro que eles provêm do caráter e das intenções do Fundador não menos que do escopo que o Instituto se prefigurou. Dom Bosco concebeu, sim, uma verdadeira congregação religiosa com os três votos simples. Mas quis que ela fosse composta e, por assim dizer, se materializasse de homens vivos e capazes de pensar e de se mover espontaneamente. A quantidade e a índole do trabalho realizado e ainda por realizar na sua Instituição são tais que não se pode conceber sua existência sem livre movimento individual. Não é con-

ciliável com formas de viver que, se em outras condições são meritórias diante de Deus, nesta tornar-se-iam uma sujeição e um empecilho no agir.

Desde S. Felipe Neri ⁸⁴ até os nossos dias, talvez não tenha havido fundador de Ordem ou Congregação religiosa que por hábito e por sistema tenha, como Dom Bosco, depositado tanta expectativa na iniciativa pessoal. Parece-me que isso é uma prova não superficial da larga abertura de mente e de coração desse homem e da modernidade de seu espírito e de suas concepções. E sei que posso afirmar que, exigindo embora uma amável disciplina como cristão e como religioso, ele respeitou no máximo grau — compatível com aquela — a vontade dos seus filhos e suas idéias, deixando, diria, muito e muito espaço livre ao redor de cada pessoa. Antes, para quem o compreende, tal respeito caracteriza até o regime de seu sistema educativo. Deve-se a isso, não menos que a outros fatores com os quais viemos tomando contato aos poucos, o fato de que as pessoas que ele destinou para iniciar novas fundações, atendo-se sempre ao espírito da instituição, puderam dar a cada uma delas a orientação que as peculiaridades das condições do lugar requeriam, e apareceram, o que não é de pequeno merecimento, como outros tantos fundadores de obras muito vigorosas e variadas em sua eficácia.

Quem conhece a vida e sabe história, compreende quanta verdadeira genialidade e quanta sabedoria estão contidas na concepção e realização de um princípio como esse.

Tendo os pés apoiados sobre fundamento sólido, Dom Bosco e os seus podiam enfrentar qualquer em-

⁸⁴ S. Felipe Neri nasceu em Florença em 1515 e faleceu em Roma em 1595. Amigo dos grandes e dos pequenos, dos ricos e dos pobres, fundou a Congregação dos Padres do Oratório, à qual pertencia o nosso Pe. Manuel Bernardes. S. Felipe Neri foi canonizado por Gregório XV em 1622.

preendimento compatível com o seu número. Não digo com as forças, porquanto um bom Salesiano não costuma fazer seus cálculos baseado nelas, mas deixa as contas por conta de Deus e as emprega e doa alegremente. Em 1876 já eram dez as fundações salesianas, e uns trinta pedidos dormiam sobre a pobre e carunchada escrivãinha de Dom Bosco. Doze anos depois, quando o Fundador morreu, atingiam já, se não erro, o número de cem. Seu sucessor, nos primeiros anos de governo, abriu de vinte a trinta por ano. Eu, porém, não escrevo a história da congregação salesiana e não insisto muito nesse assunto. Tanto mais que, sendo obra de Dom Bosco, como se disse, uma só coisa com a sua pessoa, seu desenvolvimento e crescimento dependem dos princípios e dos inícios por ele colocados e dos órgãos a que ele deu vida.

Os Cooperadores Salesianos

De fato, quase que no mesmo ano tiveram princípio e forma várias criações novas e se iniciaram novos empreendimentos. O período de 1875-76 tem para a história salesiana importância capital. Teve então sua forma definitiva e ficou formalmente constituída a *Pia União dos Cooperadores Salesianos*, uma das principais iniciativas que Dom Bosco deixou como herança ao mundo católico.

Talvez a idéia lhe tenha vindo à mente já nos primeiros anos de apostolado. Tinha naquela época sacerdotes e leigos como colaboradores e benfeitores de sua obra e pedia a Roma favores especiais para eles. Em 1850 pensara numa *Pia União* provisória. Foi então que pela primeira vez se orientou para a idéia mãe de tal instituição. Com prevalência, antes, por princípio, deveria ser uma união laical. Não obstante, daria vez também a eclesiásticos que a ela quisessem aderir. Tal conceito foi, em seguida, tornando-se mais claro e completo quando, ao redigir as primeiras Regras de sua Congre-

gação, introduzia nelas um parágrafo singularíssimo: *dos Externos*. Em poucas palavras, ele imaginava uma categoria de leigos externos à Congregação e sem votos, mas que seriam parte integrante dela. Tal categoria viveria sem votos e propagaria o seu espírito em meio ao século, trabalhando no mesmo sentido em prol da educação cristã “da juventude e do povo humilde”, colaborando com a Congregação de todas as maneiras e sustentando-a com meios morais e materiais.

Portanto, não uma ordem terceira, nem uma simples liga de beneficência; mas um verdadeiro e próprio ramo da instituição salesiana, tendo em comum com ela o trabalho e os objetivos e participando de seus méritos. Dom Bosco tinha chamado os leigos para coadjuvar o trabalho dos sacerdotes e clérigos dentro da Congregação, sem diferenciar os homens de batina dos trabalhadores em hábito secular. Assim chamava agora o laicato secular para cooperar com a Congregação inteira na obra de promoção das classes humildes e de reedificação cristã da sociedade, atribuindo-lhes parte equiparada na divisão do trabalho. Dessa forma, em seu plano, a sua instituição tinha quatro ramos: padres, clérigos, coadjutores, cooperadores.

Esse parágrafo foi supresso do corpo das Regras em 1869, por sugestão de Roma. O conceito, porém, permaneceu e deu vida ao Regulamento especial de uma associação que entre 1874 e 76 teve vários nomes, até o de *Pia União dos Cooperadores Salesianos*. A ela, Pio IX quis também que se unissem e se agregassem as cooperadoras. Um ano depois começava a ser publicado o órgão dos cooperadores, o *Boletim Salesiano* que atualmente é impresso mensalmente em nove línguas com uma tiragem global de 500 mil cópias ⁸⁵.

⁸⁵ Em 1986, com trinta e nove edições em dezenove línguas diversas, a tiragem anual do Boletim Salesiano chegava a quase dez milhões de exemplares.

Assim se apresentou na Igreja a terceira família salesiana. Essa singular criação reúne o espírito cristão na atividade religiosa no século e o moderno espírito de cooperação e de associação colaboradora do laicato com o sacerdócio, que é o princípio vital da ação católica. Forma como que uma grande sociedade anônima, ou para dizer melhor, uma cooperativa, na qual os acionistas são os mesmos operários que trabalham para proveito comum e para o acréscimo do capital, isto é, da caridade para com as almas e para com os pobres. Não está longe o dia que o título de cooperador salesiano será uma coisa só com o de católico militante. Se unirmos a esta associação toda a multidão imensa dos *Ex-alunos de Dom Bosco* — isto é, dos que freqüentaram institutos salesianos —, que agora estão reunidos em tantas associações que formam uma Federação geral, ver-se-á que uma boa parte — e muito significativa — do povo novo e jovem que trabalha no campo católico é de formação salesiana e de um modo ou de outro, adere a ela.

O leitor achará que me demorei demais neste assunto. A razão é clara e a exponho sem nenhuma intenção interesseira. Sem os cooperadores salesianos — que o clarividente autor “costumava chamar a *longa manus* de Dom Bosco, em força da qual ele tinha mãos tão compridas que podiam bastar a tudo e as sabia estender para tudo abraçar, para penetrar em todo o mundo”⁸⁶, sem os cooperadores, digo, a obra e o espírito de Dom Bosco ou não existiriam mais, ou então estariam agora confinados em poucos institutos ignorados pela maioria dos homens. Ora, o que ele quis foi que seu espírito de iniciativa espiritual e caritativa saísse dos ambientes fechados e se espalhasse pelo mundo, também

⁸⁶ Pio XI, in OR, Roma, 20-21 de novembro de 1933, p. 1, col. 4.

lá onde seus institutos não pudessem chegar. Numa palavra, a União dos Cooperadores não deve ser considerada apenas como obra de assistência às casas salesianas; muito mais ampla e justamente, deve considerar-se como obra social cristã. Ao menos foi assim que a entendeu seu iniciador.

Vocações adultas

Outra instituição, que não aparece tanto mas nem por isso é menos eficaz, surge também nessa data memorável. É a *Obra de Maria Auxiliadora* para as vocações eclesiásticas dos adultos, ou vocações tardias.

Dom Bosco observou, com tristeza, como de tantos meninos que começam os estudos, mesmo com o intuito de chegarem a ser padres, muito poucos (dez por cento!) efetivamente chegam lá. Ao passo que quem começa como adulto, tendo já superado tantas peripécias capazes de desviá-lo do primeiro propósito, mais facilmente chega ao termo desejado. Concebeu, pois, a idéia de uma obra de assistência para jovens e adultos dos dezesseis aos trinta anos, com tendência à carreira eclesiástica, que os encaminharia nos estudos em institutos especiais e com cursos acelerados, até o ponto de poderem vestir o hábito clerical e começarem os estudos específicos da carreira sacerdotal.

O ano escolar de 1875-76 foi o ano da primeira experiência. Deu acolhida a mais de cem alunos. Logo um bom número desses candidatos — bons, já provados pela vida e às vezes assim meio a seu jeito, mas dotados de vocação convicta e forte — entraram nos Seminários ou na sociedade salesiana (porquanto, não obstante a caridade de todo o tipo que recebiam, ficavam livres de seguir o caminho que lhes parecesse melhor). A congre-

gação salesiana viu aumentar o número dos padres — digamo-lo assim, aptos para o trabalho prático — formados para estarem junto do povo e das pessoas simples. As dioceses ganharam muito mais. A elas a instituição enviou mais de seis mil padres!

Com as exigências atuais pode ser que aqui e ali não precisem mais dessa obra, embora entre os padres sempre haja necessidade de gente de bem, sem muitas pretensões. Mas é muito provável que a necessidade premente se reapresente. Diria que notamos os sinais disso. Então os bons filhos do campo e da oficina, com suas mãos cheias de calos voltarão a virar as páginas da pequena gramática e a quebrar a cabeça para fazer entrar nela alguma coisa que lhes dê o meio de retornar com a auréola do sacerdócio em meio ao povo de onde provêm e que eles serão capazes de entender melhor que qualquer outro. E quando o chamarem de *irmão*, o povo sentirá toda a força e a beleza dessa palavra, como nos primeiros tempos da Igreja ⁸⁷.

Não sei quem entre os modernistas augurava que um dia o sacerdote, alternando com o rude trabalho da oficina o atendimento a seus irmãos, ministrasse as coisas sagradas com as mãos ainda cheirando a resina ou piche e, uma vez mudadas as roupas, tornasse a regar, com as santas gotas nascidas do trabalho, a plácida frente. Convenhamos em que Dom Bosco, talvez com intenção mais correta, e certamente com visão mais justa das coisas, era mais moderno que eles, e trinta anos antes.

⁸⁷ A intuição de Dom Bosco de um currículo apropriado às necessidades desse tipo de alunos mereceria um estudo mais detalhado que talvez fosse de grande serventia para a organização das escolas que mantêm cursos noturnos. Ainda ultimamente vimos reduzir-se a discussão do problema a horas-aula e calendário escolar, sem descer por nada a um aprofundamento da questão do currículo.

As Missões no exterior — Os emigrantes

E ei-nos diante do empreendimento mais brilhante, que é atraente até para os profanos, e do qual não poderá deixar de ocupar-se a história da civilização. Atualmente, os filhos de Dom Bosco se encontram em todas as Repúblicas da América Latina, do México ao Cabo Horn, e na América Anglo-saxã. Acham-se presentes na África do Sul, no Zaire, na Tunísia, na Algéria, no Egito⁸⁸. Estão na Palestina, na Anatólia, na Índia, na China, no Japão, nas Filipinas, na Austrália. Dom Bosco, sem hipérbole, vê seus filhos trabalharem num território no qual o sol nunca se põe. As missões estrangeiras, seja entre povos bárbaros e selvagens, seja em países infiéis, seja em terras de não-católicos, ocupam uma boa metade da família salesiana.

Quem me seguiu até aqui espera pelo sonho, pela visão ou pela previsão de Dom Bosco. Pois bem, é assim mesmo. Também isso fora previsto. Antes, porém, no início de sua vida de sacerdote, tinha-o desejado para si mesmo. Pe. Cafasso o persuadira a tornar-se missionário de sua terra natal. Mas não abandonou aquele desejo. Em 1848 comovia-se todo considerando o abandono da Patagônia e da Terra do Fogo, aonde ninguém levava a luz do Evangelho. Vinte anos depois, recolhido nos pensamentos do silêncio de uma de suas noites, ele viu. Pela planura imensa, turmas em desordem de bárbaros e selvagens redemoinhavam em montaria ou em batalha, até lá onde, para o ocidente, se desenhavam no horizonte elevadas montanhas. Acompanhando um grupo de meninos que cantavam ladainhas, eis que os missioná-

⁸⁸ Atualmente, os salesianos se encontram em vinte e sete nações da África, com um total de cento e nove comunidades e quinhentos e setenta e dois sócios. Encontram-se também em cinco nações da Oceania, com trinta comunidades e quatrocentos e sessenta salesianos. Na Ásia, cento cinqüenta e seis comunidades e dois mil e dez sócios.

rios avançavam em direção deles. Dom Bosco, aguçando o olhar, os reconhece: são os seus. E a planura a fremir, repousava. Parava a caçada, desarticulava-se o combate, calava-se o grito, o riso sardônico do selvagem se extinguiu, a turba se reunia aos poucos em torno do lugar onde estavam os homens de Deus e dobravam humildes e submissos as rudes fronteiras. . . O homem de Deus pensou. A ciência fez-lhe passar ante os olhos os mais variados, os mais coloridos, os mais bizarros povos e países entre os quais não esplendia a luz de Cristo. Não eram aqueles⁸⁹.

Em fins de 1874, eis que lhe chega da Argentina um duplo pedido, insistente e prático, e apoiado calorosamente por aquele que talvez por primeiro dera tal sugestão: Gazzolo, cônsul argentino em Savona.

Naquele ano tinham sido recebidos cinquenta pedidos de novas fundações salesianas, vindos de todas as partes do mundo. Mas este fez Dom Bosco dirigir o olhar na direção certa e distinguir e reconhecer a terra que sonhara: a Patagônia, a Terra do Fogo.

Exultou de alegria ao aceitá-lo. A 11 de novembro de 1875 partiam de Turim, conduzidos pelo Pe. João Cagliero, o futuro cardeal, os primeiros dez missionários de Dom Bosco. No sonho estava traçado o plano organizado de penetração e progresso da missão: abrir casas para os meninos, e destas, e talvez com eles, avançar em direção à barbárie. Era a sua concepção missionária.

Em 1876, num outro *sonho*, pareceu-lhe estar em um rochedo bem alto junto do mar e ver ao seu redor, vindos dos quatro ventos da terra, as turbas de seus salesianos presentes e futuros que traziam em direção a ele as intermináveis multidões de convertidos à fé. E notava: “era singular que em toda a parte eu via sa-

⁸⁹ Cf. MB 10, 54-55.

lesianos e irmãs que conduziam grupos de meninos e de meninas, e com eles um povo imenso”⁹⁰. E deixava para os pósteros: “Ocupemo-nos sempre dos meninos: através dos filhos teremos a estrada aberta para converter os pais”. E foi o que se começou a fazer na América e se continua também hoje, na mais recente das missões.

Contudo, os dez salesianos não partiam só para aquilo e, num primeiro tempo, nem se ocuparam disso. Um outro povo, não bárbaro nem diverso quanto ao sangue os esperava. Na despedida, ao desenhar em grandes traços o caminho daquele empreendimento, Dom Bosco antes de tudo lhes dizia: “Recomendo-lhes com insistência particular a situação dolorosa de tantas famílias italianas... Vocês vão encontrar um número muito grande de crianças e também de adultos que vivem na mais deplorável ignorância, sem saber ler nem escrever, e desconhecendo qualquer princípio religioso. Vão, procurem esses nossos irmãos a quem a miséria ou a desventura obrigou a partir para terra estrangeira...”⁹¹.

Dia 14 de dezembro, no porto de Buenos Aires, estavam duzentos italianos que receberam os missionários de Dom Bosco e logo quiseram algum deles para si, para aquela que na cidade foi chamada a *igreja dos Italianos*. Quer dizer, desde aquele primeiro início, as missões salesianas da América se desdobraram, se é que basta dizer assim, e uma parte delas, ainda hoje, atende aos *irmãos* transportados para terra estrangeira.

Mais, a preocupação de Dom Bosco pela gente de sua terra não se limitou a isso. Apresentou naquele mesmo ano, e tornava a apresentar no ano seguinte com mais abundantes pormenores, uma *Nota* ao Ministro do Exterior, Melegari, propondo a implantação de uma co-

⁹⁰ Cf. MB 12, 280, 466, 587.

⁹¹ MB 11, 385.

lônia italiana na Patagônia. A consideração das indiscutíveis vantagens econômicas que daí adviriam também para a Mãe Pátria, as quais compensariam as não enormes despesas e as preocupações do Governo, ele acrescentava a idéia de que não devia ser “uma colônia para degredados, mas destinada a reunir a incontável multidão de italianos que atualmente levam vida bem penosa”. E demonstrava-se persuadido de que com a notícia de uma colônia onde os emigrados conservariam língua e costumes próprios, eles a ela se dirigiriam de muito boa vontade, quer para cultivar os campos, quer para cuidar da criação de gado. E oferecia o trabalho dos salesianos para as escolas, os internatos, as oficinas, o culto. Entrementes estudariam os patagões e “com a maior cautela e prudência difundir-se-iam em meio às tribos selvagens”⁹².

O problema da imigração! Se quem me lê está a par, por pouco que seja, desse argumento tão escabroso da vida e da política italiana, não poderá deixar de exclamar: Se o tivessem escutado! Dom Bosco, porém, não vivia na política e nem se dava ares de homem de ciência nebulosa. Modestamente encerrava sua *Nota* dizendo: “Talvez estes meus pensamentos outra coisa não sejam senão um pouco de poesia”.

As expedições missionárias se repetiram nos anos seguintes, sempre mais numerosas. Houve até um momento em que foi preciso atrasar a aceitação de novos pedidos de fundação na Itália e na Europa, porque “a Patagônia pedia pessoal”, e não se podia negá-lo.

Naqueles países os suores e os heroísmos dos salesianos fizeram o empreendimento progredir muito mais do que o previam os mais lisonjeiros cálculos. A

⁹² Cf. J. BORREGO. *Primer proyecto patagónico de Don Bosco*, in *Ricerche storiche salesiane*, Roma, 5, n. 8, janeiro-junho 1986, pp. 21-72.

expansão foi rápida, também nas Repúblicas circunvizinhas e no Brasil. A penetração antecipou seu avanço mais que o previsto. Já em 1884 impôs-se a necessidade de um bispo, e Dom Bosco beijou a fronte mitrada do primeiro bispo salesiano, D. Cagliero. Não muito mais tarde, Pe. Fagnano levava a missão para a Terra do Fogo e desembarcava nas Malvinas.

Vinte e cinco anos depois daquela primeira partida, a Patagônia era evangelizada e ao mesmo tempo conhecida, descrita, encaminhada para a civilização. As missões salesianas tornaram-se centros de povoamento e deram origem a vilas e cidades. Lá onde ninguém teria ousado aventurar-se senão em expedição armada, reinava a paz e o trabalho, e os governadores ocupavam o lugar dos caciques.

Como aconteceu no extremo do continente, assim se fez e se faz ainda no Brasil, subindo a corrente dos rios imensos e desconhecidos, através das florestas virgens e no planalto do Mato Grosso, até as nascentes do Amazonas e do Rio Negro, em busca dos Bororos e de seus semelhantes. Assim acontece no Napo e no Pastaza entre os jívaros. Assim por toda a parte, onde quer que vivam indolentemente, ferozes e ignorantes, as tribos dispersas, afastadas da luz da fé e da civilização.

Há outros infelizes aos quais somente o generoso impulso que Dom Bosco infundiu nos seus filhos pôde levar o alívio da palavra e dos cuidados fraternos que a caridade inspira. Onde há gente enlanguescendo e morrendo de febre amarela⁹³; onde — coisa tremenda! — se cadaverizam e se desfazem os corpos vivos dos lepro-

⁹³ O autor refere-se ao caso do cruzador LOMBARDIA que, em 1896, chegou ao Rio de Janeiro com casos de febre amarela a bordo. A tripulação foi assistida pelo Pe. Antonio Varchi, salesiano. Sobre os leprosos, ver Pe. Ūnia, nota 44.

sos, e a civilização tem apenas a sugestão do abandono do isolamento, aí chega e aí mora, mártir sorridente e voluntário, e quase suicida por amor de Deus, o missionário salesiano.

Vinte bispos contava já a sociedade salesiana nestes últimos anos, crescidos assim na vida heróica do missionário, dois arcebispos, um cardeal, agora falecido⁹⁴.

Mas o filho de Dom Bosco, cheio de coragem, enquanto levanta o pensamento a Deus na presença das estrelas e da natureza virgem, não esquece nem descuida a terra onde pousa os pés, nem fecha os ouvidos ao desgracioso silabar de suas tribos. Por mérito deles, o *Boletim Salesiano* se torna mina riquíssima de notícias geográficas, etnográficas, lingüísticas, científicas, como não se encontra nem nos mais massudos estudos dos especialistas.

Não estou aqui a falar mais amplamente da expansão que a obra de Dom Bosco tem na América civilizada, onde realmente está “na vanguarda do progresso”, porquanto não é minha tarefa levantar estatísticas. Mas assim de passagem, quero que se pense ainda no que acenei mais acima: no trabalho de assistência que nos centros mais populosos, da mesma forma que nos campos mais remotos, realizou-se em prol dos emigrados italianos. Há institutos destinados exclusivamente a eles e há províncias e regiões onde quem é italiano não tem outro ponto de referência senão o missionário, o qual é um seu compatriota ou, pertencendo a uma instituição de origem e de índole italiana, conhece um pouco de italiano. A mesma coisa podem dizer os emigrados de outras nações que encontram, na variedade cosmopo-

⁹⁴ O Elenco da Sociedade salesiana de 1986 enumera setenta e seis bispos e prelados, dos quais quatro são cardeais, todos vivos na época da publicação do Elenco.

lita que compõe agora o contingente de missionários salesianos, o compatriota que os entende e os apóia⁹⁵.

Expansão da Congregação na França

Um outro fato ainda se prende àquela data capital de 1875. É o início das obras salesianas na França, com a inauguração do Instituto de Nice, à qual o mesmo Dom Bosco quis estar presente. A abertura de uma nova casa, em meio a tantas que vão surgir depois, não pareceria uma coisa cuja importância se pudesse comparar às de que já falei. Mas na época o fato teve grandíssimo valor e significado não menos notável para a história que vamos delineando. Não era, por parte de Dom Bosco, somente uma aceitação a mais, depois de muitas e muitas insistências. Era a França que dava acolhida à sua obra.

Une chose qui manque à la France, disse naqueles dias o prefeito municipal de Nice, o qual, embora protestante, promovia a proteção da obra por parte do Governo e sua difusão.

Era também o começo das fundações no exterior, nas nações da Europa. Uma prova de fogo, pois não se tratava só de ambientar o sistema de Dom Bosco em outro clima político e, ao menos no início, de suportar os inconvenientes que cabem às coisas que vêm do estrangeiro. Para isso enviava bem preparados os seus filhos recebidos, aliás, com simpatia. Mas, em presença de gente de outra índole e de diversas tradições nacionais e hábitos de pensar e de viver, devia o sistema demonstrar sua capacidade de se adaptar universalmente,

⁹⁵ Não podemos deixar de lembrar aqui a obra de pacificação realizada pelos missionários salesianos em meio às colônias de imigrantes de diversas proveniências, como aconteceu em Santa Catarina, no Sul do Brasil a partir da primeira guerra mundial. Dentre os missionários que aí trabalharam, citamos o Servo de Deus Pe. Rodolfo Komórek.

sua eficácia intrínseca e substancial, independentemente de tantos elementos que variam de país para país.

E a prova deu certo. Deu certo na educação dos meninos porque estava fundada na psicologia do menino e nos princípios cristãos que são, ambas as coisas, universais. Deu certo (e não foi coisa de pouca monta) no âmbito da vida religiosa, que se revelou adequada também para os franceses, os ibéricos, os anglo-saxões, os alemães, os eslavos, os de todas as nacionalidades. Muitos estrangeiros entraram na Congregação, facilitando reciprocamente e com progressão geométrica as fundações no estrangeiro.

E há mais. Se, por excesso de sorte, estas páginas caírem nas mãos de algum francês, peço-lhe que seu orgulho nacional não se ofenda por ter eu esperado até este ponto para falar da França. É que ela merece uma consideração à parte e não deve ser confundida com outros. Não falo do fato de que, após a Casa de Nice, tendo-se fundado em Marselha um novo instituto, grande e com seções de aprendizes e estudantes, começou a formar-se aí algum salesiano francês. Não falo do fato que, passados poucos anos, graças ao impulso original e à obra daquele que foi depois o segundo sucessor de Dom Bosco, o Pe. Paulo Albera⁹⁶, a França, sem contar as colônias, teve uns vinte estabelecimentos salesianos, e destes originou-se ainda a expansão na vizinha Bélgica.

⁹⁶ Pe. Paulo ALBERA nasceu em None, Turim, em 1845. Salesiano em 1862. Padre em 68. Foi diretor em Gênova e, em 1881, foi nomeado inspetor das casas da França, onde esteve dez anos. Aumentou o número de casas. Promoveu entre os salesianos o conhecimento da literatura ascética francesa. Mereceu o título de *petit Don Bosco*.

Diretor espiritual da sociedade salesiana, visitou vários países, inclusive o Brasil. Em 1910 foi eleito Reitor-Mor, governando a congregação durante os difíceis anos da primeira guerra mundial. Faleceu em Turim, em 1921.

Importância da França para a obra de Dom Bosco

É que a França tem na história de Dom Bosco e de suas obras uma parte preponderante, sobretudo porque uma vez ligada a ele, digamos assim, por amizade, transformou-se em seu principal apoio financeiro e não mais o abandonou por mais que mudassem as circunstâncias e os homens. E não foi só em benefício das obras salesianas na França, porquanto podemos dizer que certas casas e certas igrejas na Itália, e fora, nas missões, não teriam surgido sem o donativo francês. A generosidade dessa nobre nação, que alimentou todos os órfãos aos quais, exclusivamente, estavam destinados os colégios salesianos na França, encontrou sempre, ou na caridade individual ou no impulso coletivo, meios para socorrer Dom Bosco e os seus, assim, sem particularismos ou ingerências, visando só à obra, qualquer que fosse e onde quer que estivesse.

Em princípios de 1884, Dom Bosco, gravemente prostrado pelas fadigas que ele — um ser que sobrevivia a si mesmo — já não tinha forças para agüentar, é informado dos grandes apertos financeiros por que passam algumas de suas casas e o mesmo Oratório de Turim. Além disso, por falta de recursos, dependem-se os trabalhos de construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma. Vou voltar à França! exclama o enfermo. Em redor dele todos sentiram-se desorientados por um momento. O cardeal Alimonda, o médico, seus filhos de maior confiança buscaram dissuadi-lo dessa idéia. E como fazer então? respondia a Cagliero. Não vê que me faltam os meios para tocar as coisas para a frente? Se eu não for, não sei como é que vou fazer para dar pão aos nossos jovens. Somente da França posso esperar socorros. E partiu do jeito que estava. No caminho, em Toulon, encontrou o conde

Colle⁹⁷, seu grande amigo, que lhe deu uma oferta principesca, e encontrou muitos outros que o socorreram. E voltou! Os trabalhos em Roma recomeçaram, e seus filhos tiveram o que comer.

Este episódio, um dentre os muitíssimos, da caridade que cerrou fileiras em torno de Dom Bosco, leva-me a refletir um pouco e me dá azo para contar outra série de fatos de que é tecida a estupenda riqueza de sua biografia.

Dom Bosco administrador da caridade pública

A caridade é uma só. Os modos de fazê-la são muitos. Na história há toda uma plêiade de santos da caridade os quais, ou mendigando na vida, pedacinho por pedacinho, ou esperando calados e confiantes a mão da Providência divina, realizaram grandes coisas para o bem do próximo. Quase limitam com o Oratório de Valdocco as casas do Cottolengo, que nunca pediu nada e teve tudo⁹⁸.

• Dom Bosco, pelo contrário, para fazer o bem recorreu aos meios humanos mais variados e à publicidade. Pediu a todos, em todas as partes, com as palavras, com os escritos, de longe e pessoalmente, com a persuasão e com o milagre. Na santa industriiosidade que lhe inspirava o amor dos pobres e das almas, encontrou todos

⁹⁷ O conde José Luís Henrique COLLE, que faleceu em 1.º de janeiro de 1888. Era pai do jovem Luís Fleury António Colle de quem Dom Bosco escreveu a biografia.

⁹⁸ S. José Bento COTTOLENGO nasceu em Bra, Cúneo, em 1786. Padre em 1811. Após uma primeira experiência começada em 1827 com dois quartos em uma casa alugada, abriu em 1831, em Valdocco, a *Pequena Casa da Divina Providência*, onde encontram abrigo todos os que foram rejeitados por Hospitais e Instituições de Caridade. Faleceu em Chieri, Turim, em 1842. Sua obra prosperou, chegando a abrigar perto de dez mil pessoas. S. José Bento Cottolengo foi canonizado por Pio XI em 1933.

os modos — mesmo não religiosos — de solicitar a caridade de um mundo alheado ou indiferente ou irreligioso. Desde a cartinha bem-educada duma criança que ele tinha acolhido e que rogava em nome de Deus ao próprio benfeitor que ajudasse Dom Bosco, até as grandiosas loterias para as igrejas de Maria Auxiliadora e do Sagrado Coração, ele percorreu toda a gama de meios não ilícitos para pedir. O singular é que julgava beneficiar também os doadores obrigando-os a doar; e estes, por sua vez, lhe ficavam agradecidos por lhes ter ele solicitado a beneficência. Movia-se em favor de empreendimentos grandiosos da mesma forma com que se movimentava para arranjar com que vestir um orfãozinho. Era assim, de fato. Ele mesmo ia procurar quem se encarregasse de não deixar faltar o necessário a cada um de seus meninos e conseguia uma freguesia de amigos que, para agradar a ele, assumiam a manutenção de um dos filhos de seu coração. E dessa forma mendigou muitas vezes.

Ato heróico esse — para a altivez de seu caráter — de esmolar. À sua índole cheia de dignidade muito custaram os primeiros passos, a que o tinha induzido o amigo Borel, e sempre custaram os outros. Sinal de seu sacrifício era o rubor que lhe subia ao rosto.

Ao mesmo tempo, porém, recorreu à "publicidade", o que é coisa nova, tratando-se de santos. Especialmente por isso, pois foi obrigado a fazer barulho, a falar de si e das próprias obras a fim de interessar o público pelas suas coisas, isto é, pelas coisas que dele provinham e a ele se referiam. Muito natural! dizemos nós agora, acostumados a ver — e talvez a suportar — tantos e tantos relatórios de comissões de beneficência ou coisa que o valha e a imaginar o público como uma espécie de assembléia que pede contas aos seus administradores. Ora, Dom Bosco, que fez do mundo inteiro uma vasta cooperativa da caridade cristã, achou bom prestar contas aos sócios, que eram o público em geral,

de quanto se vinha fazendo, pouco ou muito que fosse, e isso para manter compacto e contínuo o esforço da beneficência coletiva e também — por que não? — para dar satisfação a seus benfeitores ou protetores e torná-los conhecidos. Tal maneira de agir ensinou-a aos seus, que a continuam com vantagem dos pobres e das almas.

Disse que foi obrigado a falar de si. Talvez, depois de S. Paulo, nenhum outro santo canonizado ou em vias de canonização tenha falado tanto de si mesmo. Humilde como era, considerando-se a si mesmo apenas um instrumento mais ou menos apto nas mãos do Grande Artífice, ele falava de *Dom Bosco*, na terceira pessoa, e contava tudo, até mesmo os milagres, se fosse o caso, como se se tratasse de outra pessoa. Aquele nome era um nome-símbolo da obra de Deus no tempo e naquele lugar. Saber fazer é uma grande coisa. Fazer saber é uma necessidade quando de outra forma não fosse possível conseguir os meios para praticar o bem.

Algum espírito carrancudo, ou quem sabe fechado numa tipologia abstrata da santidade, não o compreendeu então, como hoje não compreende os seguidores dele. Não faltou quem, no fundo no fundo, o julgasse pouco humilde e murmurasse contra um santo fingido que, em pleno século XIX, não se assemelhava aos anacoretas do século IV ou aos monges anônimos da Idade Média.

Pois é! Em literatura e em arte, ensinaram-me que as frases retóricas e o homem-norma não são nem verdade nem beleza. Em matéria de santidade, a história e alguma ciência a mais me dizem que os apriorismos e as abstrações não são nenhum santo. Pelo contrário, estes são figuras vivas e não se assemelham um ao outro; cada um forma como que uma categoria à parte, pois na verdade santidade é movimento de almas, e as almas são pessoas.

Viagens de Dom Bosco

Passo aos fatos aos quais o mencionado episódio dá acesso. Na vida deste homem — tão uno e tão variado — as viagens ocupam notável espaço. Tornam-se tanto mais freqüentes quanto mais se afirma a sua obra e se estende o seu nome e — o que tem incomum importância em nosso caso — quanto mais fáceis vão ficando as comunicações, pois sua vida se desenrola contemporaneamente com o surgimento e a expansão do tráfego ferroviário. É claro que alguma viagem teria sido feita mesmo sem a comodidade da ferrovia, mas é inegável que, em seu contexto, teriam sido bem menos freqüentes e, como é natural, teriam assumido outro aspecto. Pode-se até dizer que cada uma delas — particularmente nos últimos dois decênios, quando se foram multiplicando e tornando-se cada vez mais compridas — cada uma delas significou, na história, quer do homem, quer de sua obra, um passo e um sinal. Em cada uma delas cumpriu-se algum ato de suma importância, e em algumas tal importância transcende a pessoa e os interesses dela para referir-se a destinos bem mais elevados.

Principalmente, porém, devem considerar-se debaixo de um aspecto que, apresentado em síntese, se destaca melhor do que uma narração seguida. Essas viagens transformam-se pouco a pouco numa sementeira, ou se preferirem, numa colheita de renome, simpatia, afeto, caridade, milagres. Depois delas, vê-se crescer vez por vez a estima pela pessoa e estender-se a vasta e densíssima rede de suas relações. Como consequência, aumentam as possibilidades e se multiplicam os aspectos de seu agir.

Na verdade, os homens de ação influenciam tanto mais amplamente quanto maior o número dos que eles conseguem atrair para as próprias idéias. É também verdade que raramente sua presença fica sem produzir

algum efeito. Não só, mas é verdade, por fim, que a eficácia sobrenatural dos santos tem, também ela, necessidade de ocasiões para poder atuar. Isso foi muito mais real para Dom Bosco. Não concebia a própria obra como trabalho individual, mas como fruto de uma cooperação coletiva de todos os que amam o bem. Como condição fundamental da busca de meios para realizá-la, colocava a difusão do conhecimento das necessidades do tempo e da índole da obra a que se dedicava. Por outro lado, a santidade que havia nele sentia necessidade de empenhar-se em promover sempre mais intensa e visivelmente a ação divina para obter a eficácia da persuasão e encontrar cooperadores para o empreendimento.

Seria, contudo, pouco exato acreditar que o único motivo e o fruto exclusivo de tantas fadigas (deve-se admitir que para tais homens as viagens são um trabalho) fosse somente a busca de auxiliós morais ou financeiros. Às vezes o escopo é bem diverso. Se aqueles aparecem, ou é por acaso, ou são acessórios. Ou ainda — como acontece sempre —, enquanto ele se move para atingir uma finalidade, cumpre a tarefa suprema da existência dos santos, que é a difusão da santidade. Cumprir o mote bíblico *Da mihi animas, cetera tolle* torna-se empreendimento dos salesianos, depois de ter sido efetivamente o programa de seu fundador.

Sem falar das pequenas viagens feitas a pé ou em diligência pelas aldeias e pequenos centros do Piemonte, ou para visitar as primeiras fundações fora de Turim, recordarei que ele esteve em muitas das maiores cidades da Alta Itália e da Itália Central e até em Nápoles. Raramente um percurso de certa duração foi realizado de uma só vez, mas subdividido em etapas, com paradas mais ou menos demoradas, até mesmo se afastando do itinerário previsto, de acordo com a necessidade e, às vezes, conforme sugeria a inspiração. Essa, que em outros casos seria uma notícia supérflua, tem para nós claríssimo significado. Pois que ainda presentemente

vocês encontrarão pelas cidades da Itália quem conserva religiosamente a memória da passagem do homem de Deus e dos colóquios com ele tidos, ou sem mais mostrarão a vocês o aposento onde ele ficou e os objetos dos quais se serviu.

Em Roma

Esteve dezesseis vezes em Roma e, de 1869 a 1887, quase anualmente. Quatro vezes para lá viajou entre 1867 e 1871, não só para coisas de seu interesse, mas para os interesses da Igreja, encarregado que fora, oficialmente, de resolver árduos conflitos entre o Papado e o governo italiano. Algo é já de domínio público. Com o tempo, será conhecido outro material⁹⁹. A verdade é que Vitório Emanuel II e seu governo tinham confiança em que os conselhos de Dom Bosco poderiam trazer-lhes luz sobre certas questões escabrosas e que sua palavra, juntamente com o afeto que Pio IX lhe dedicava, haveriam de ajudar a resolvê-las.

De fato, em 1867 ele obteve um acordo pelo qual bem 34 bispos puderam tomar posse de suas dioceses. Em 1870 concluiu-se a aprovação de outros 66, e naquele momento as dificuldades não eram nada pequenas de um e de outro lado. Palavras fortes ele disse em Florença e palavras santas em Roma. Nem o ver-se chamado pelo rei e pelos ministros diminuiu nele a franqueza de católico e de sacerdote¹⁰⁰; e nem o fato de ser um humilde padre lhe tirou vigor para lembrar aos mem-

⁹⁹ O Instituto Histórico Salesiano de Roma acaba de recolher, após minuciosa pesquisa feita por um de seus membros, abundante documentação relativa às tratativas entre a Santa Sé e a Itália, por intermédio de Dom Bosco. Tal documentação será oportunamente levada a conhecimento do público.

¹⁰⁰ "Dom Bosco é padre em qualquer lugar..." assim começou ele sua conversa com Ricásoli em 1867 (MB 8, 534).

bro da Cúria as altíssimas razões da missão apostólica, tal qual o próprio Vigário de Cristo desejava. E em 1878, naquele momento tão incerto das relações entre a Igreja e o Governo da Itália, foi um colóquio de Dom Bosco com Crispi (isso é do conhecimento público) que levou o Governo à decisão de não criar obstáculos, antes, de proteger com todos os meios a liberdade e a tranqüilidade do Conclave do qual saiu eleito Leão XIII ¹⁰¹.

Os estreitos limites deste trabalho impedem-me de me alongar sobre os pormenores da estadia de Dom Bosco em Roma, o que seria desejável e bonito. Seria preciso descrever o entusiasmo, a veneração que por ele tiveram cardeais e prelados, os nobres da antiga aristocracia romana e o povo de Roma que alguém pensou que, estando por demais acostumado a coisas tão nobres e sublimes, seria incapaz de comover-se. Junto com eles, apareceria mais de um dos soberanos depositos dos antigos estados italianos, aos quais o homem de Deus falou às vezes com a força da voz admoestadora de Deus.

Pio IX compreendeu Dom Bosco desde a primeira vez que o viu (1858). Gostou dele como de um dos amigos mais íntimos e teve nele confiança sem limites. Disse dele e a ele palavras inspiradas, que permanecem como monumento de sua bondade e de sua profunda inteligência, que são para os salesianos um testamento perene. Quando estava para morrer, e Dom Bosco estava em Roma, queria tê-lo junto de si e se angustiava por não consegui-lo.

Leão XIII, a quem o humilde padre piemontês disse que seria Papa, teve por ele, aliás já velho e enfraquecido, toda espécie da mais delicada bondade. Em 1884, numa audiência memorável, pronunciou a respeito dele e de sua obra palavras jamais ditas a um fundador

¹⁰¹ Cf. MB 13, 481-483.

de ordem religiosa nem a respeito da Congregação por ele fundada. Dom Bosco estava então em péssimas condições de saúde. “Poupe-se, dizia-lhe entre outras coisas, evite desgastar-se ainda mais... sua vida não pertence ao senhor; pertence à Igreja, pertence à Congregação que o senhor fundou. Ó Dom Bosco, o senhor é necessário... Tome, portanto, todos os cuidados, procure todos os meios necessários para a sua conservação. Eu o quero, o senhor entende? Eu o mando! É o Santo Padre que o quer, é o Papa que ordena isso ao senhor: a Igreja tem necessidade de sua vida...”

“Eu lhe tenho estima, eu lhe quero bem, eu o amo. Estou totalmente do lado dos salesianos. Sou o primeiro dentre os cooperadores. Quem é seu inimigo é inimigo de Deus! Eu teria medo de agir contra o senhor! Com efeito, com meios tão exíguos o senhor realiza obras colossais. O senhor, nem o senhor conhece a extensão da missão que lhe toca e o bem que ela deve trazer à Igreja toda! O senhor tem a missão de fazer ver ao mundo que se pode ser bom católico e ao mesmo tempo um bom e honesto cidadão; que se pode fazer um grande bem à juventude pobre e abandonada em todos os tempos, sem entrar em choque com o andamento da política, mas conservando-se sempre bons católicos. O Papa, a Igreja, o mundo inteiro pensa no senhor, na sua Congregação e o admira. E o mundo gosta do senhor e ao mesmo tempo tem medo. Não é o senhor, mas é Deus quem age na sua Congregação. Seu admirável incremento, o bem que se faz, não se explicam por causas humanas: Deus mesmo guia o senhor, sustenta, leva adiante a sua Congregação. Diga-o, escreva-o, pague isso! É esse o segredo que fez com que o senhor vencesse todo obstáculo e todo inimigo!”¹⁰²

¹⁰² MB 17, 98-100. Para entender melhor quanto diz o Papa Leão XIII, convém lembrar que em Roma Dom Bosco estava levando adiante, com grande sacrifício, a construção da igreja

O triunfo de Paris

Em 1876 começou a série das viagens para a França, que se repetiriam anualmente até 1886. Foram todas *viagens de caridade*, destinadas como eram a difundir o conhecimento da obra salesiana e a buscar auxílios para prosseguir-la no novo e grande estilo. Afinal, a obra pudera começar com a colaboração extremamente válida daquela gente maravilhosa. Mesmo nos dias difíceis de 1879-80, Dom Bosco esteve lá e, na expulsão dos religiosos, suas instituições foram salvas. A cada viagem, ampliava-se o âmbito de seu peregrinar e aumentava a veneração, o impulso da caridade, o número das preciosas amizades, entre as quais foram preciosíssimas as do conde de Villeneuve¹⁰³ e do conde Colle.

Marselha está de pernas para o ar, diziam naqueles dias os homens mais insignes da França meridional. Era a multidão, o povo, o povo inteiro que se postava à cunha na estação, pelas ruas, diante da casa onde ele se hospedara. Eram centenas e centenas de pessoas de todo nome e de toda categoria social, crentes e incrédulos que esperavam da manhã à tarde, num pátio, a própria vez para uma audiência de poucos minutos com o homem de Deus. Eram enfermos e infelizes que obtinham a caridade da precedência para conseguir dele uma bênção que os sarasse. As cenas de Ars e de

do Sagrado Coração de Jesus, empresa em que a nobreza e o clero romano não tinham sido bem sucedidos. Em Turim, Dom Bosco tinha cumprido as condições duríssimas, e a ele desfavoráveis, do acordo com o qual a Santa Sé solucionou os contrastes com o arcebispo D. Lourenço Gastaldi, falecido um ano antes dessa audiência. O Papa manifesta a Dom Bosco sua gratidão e procura consolar aquele padre ancião e doente, ali assentado diante dele, que dele viera despedir-se para sempre.

¹⁰³ O Marquês Leôncio de VILLENEUVE-TRANS que encontrara Dom Bosco em Hyères, em 1879 e que trabalhava nos círculos católicos e nos sindicatos agrícolas do Sul da França.

Lourdes se repetiam em torno do humilde padre de Turim.

A viagem de 1883 foi mais longa, e Dom Bosco, em meio a um verdadeiro cortejo de frenéticas ovações populares, passou por Marselha, Avinhão, Lião, Moulins, até Paris. O *triumfo de Paris* é indescritível. Pensem que a cidade inteira se levantou como um só homem para dar a perceber àquele século como o mundo, mesmo o mais afastado da vida sobrenatural, admira a caridade. E o fez com o mesmo ímpeto com que a *Metrópole fatal* costuma rebelar-se nos seus momentos históricos. Mesmo que não se aceitasse nenhum milagre de Dom Bosco, ficaria sempre de pé o de ter ele, sem publicidade, sem organização, sem preparação, suscitado em Paris um movimento de almas que pareceria coisa própria das lendas, se todos os jornais parisienses daquela época, qualquer que fosse seu partido, não tivessem ficado para dar testemunho do fato. Como o sabem fazer talvez só os escritores franceses, ao traçar a figura de Dom Bosco, eles não falaram tanto do santo e do taumaturgo, quanto do humilde pastorzinho piemontês que se tinha tornado o criador de uma empresa mundial de caridade. A fama de taumaturgo poderia ter excitado uma curiosidade malsã, à qual Deus não responde. O conceito de santo podia movimentar os crentes, que são também muitos em Paris. Mas o que atraiu então os dois milhões de cidadãos foi a idéia de que o extraordinário, o maravilhoso daquele homem era a ressurreição da bondade e da caridade cristã. Tenho razão quando digo que podem existir pessoas profanas quanto à religião, mas que não existem profanos quanto ao bom coração.

Todos os discursos de Dom Bosco, modestos, lúcidos, muito simples, num francês correto — sim — mas sempre de um forasteiro, todos os discursos que fez em Nossa Senhora das Vitórias, em Madalena, em S. Sulpício e em outros lugares, foram todos *sermões de caridade*, como os de S. Vicente de Paulo e igualmente elo-

qüentes naquela virtude que vem de Deus e sai do coração, para encontrar o caminho dos corações.

Com esse meio e a irresistível sugestão da bondade, ele recolheu uma larga messe de socorros para seus órfãos e para suas obras. Porém, maior ainda e mais preciosa foi a conquista das almas. De 16 de abril a 25 de maio, pela casa De Combaud, onde se alojava, ou pela casa de De Sénislhac, onde passava o dia concedendo audiências sem interrupções, desfilaram homens de mais alta condição social e de vasto renome na ciência, na política, na filosofia e na poesia. E saíram daquela sala radiantes com a luz de uma fé que talvez nunca estivera neles ou que se apagara. Por lá passou Paul Bert¹⁰⁴ e lhe levou um livro seu, condenado pelo Índice, para que o corrigisse de acordo com a maneira de pensar católica. Por lá passou Victor Hugo, já velho, com oitenta e um anos¹⁰⁵.

Sim, também Victor Hugo quis conhecer aquele Homem. E por quê? A resposta no-la dá a mais profunda página de Manzoni, quando o Inominado resolve apresentar-se ao Cardeal Frederico. É aquele “Por que não vou também eu?” que a misericórdia divina faz prorromper do lábio de quem ela quer reconduzir ao bem.

Foi às onze da noite, incógnito. Dom Bosco o envolveu num daqueles olhares em que resplandecia a bondade de Deus. As palavras simples e mansas do pa-

¹⁰⁴ Paul BERT nasceu em Auxerre em 1833 e faleceu em Hanoi, Vietnam, em 1886. Doutor em Medicina e em Ciências Naturais, lecionava Fisiologia na Sorbone. Foi Ministro da Instrução Pública. O livro em questão era um manual de instrução cívica para uso das escolas, talvez *De l'éducation civique* editado em 1883. Sem modificar as posições republicanas e anticlericais do livro, Paul Bert fez editar uma segunda vez o manual, modificando seus pontos de vista relativos a Deus e à religião.

¹⁰⁵ Victor-Marie HUGO nasceu em Besançon em 1802 e faleceu em Paris em 1885. Foi um dos maiores expoentes do Romantismo na França. Ao falecer, deixou em seu testamento a expressão de sua fé em Deus.

dre bom fizeram abaixar a frente do homem de gênio. O pensamento da eternidade, da imortalidade da alma, perturbou-o profundamente. Pediu tempo para refletir e deixou seu cartão de visitas.

Mas voltou na tarde seguinte. “Eu não sou aquele personagem que talvez o senhor tenha pensado... fiz um esforço para representar a parte de incrédulo. Eu sou Victor Hugo, e peço-lhe que queira ser meu bom amigo. Creio no sobrenatural, creio em Deus e espero morrer nas mãos de um padre católico que recomende minha alma ao Criador”.

O primeiro fruto desses colóquios, o sinal de uma mudança que se operara em seus sentimentos, foi o discurso que pronunciou pouco depois no Senado, defendendo o ensino religioso.

Dom Bosco não se refizera ainda das indescritíveis fadigas dessa viagem e já as mais conspícuas pessoas da alta aristocracia pediam sua presença em Frohsdorf, na Áustria, à cabeceira de Henrique, Conde de Chambord, único herdeiro dos direitos do ramo legitimista dos Reis de França. O filho do Duque de Berry estava passando mal (todos os jornais diziam que estava moribundo), e queria a ele, Dom Bosco, para uma última prova de fé na vontade de Deus de que ele haveria de sarar ¹⁰⁶.

O homem de Deus foi até o castelo. *Essa doença não é para a morte!* disse com o Evangelho ¹⁰⁷. Abençoou o enfermo e o fez invocar Nossa Senhora Auxiliadora.

¹⁰⁶ Henrique Carlos Fernando Adeodato de Artois, duque de Bordéus e conde CHAMBORD nasceu em Paris em 1820 e faleceu em Frohsdorf, Áustria, em 1883. Último do ramo primogênito dos Bourbons. Por motivo do tom político que poderia ser atribuído à sua visita, Dom Bosco relutou muito antes de acorrer ao chamado do doente.

¹⁰⁷ Cf. Jo 11,4.

Era o dia de Santo Henrique, onomástico do Príncipe. E enquanto tomavam uma parca refeição, eis que o enfermo apareceu na sala para brindar com champanha.

A melhora ou antes, a cura, pôs estupefatos os médicos mais célebres da Europa que o tinham visitado. A notícia de que o *moribundo* descia agora ao parque do castelo e participava de uma caçada, veio confirmar o fato. Todavia não está bem esclarecido como é que veio a falecer no dia 24 de agosto. Não é minha tarefa procurar sabê-lo.

Em Barcelona

Três anos depois do de Paris, foi a vez do triunfo de Barcelona. Quem ler uma biografia qualquer do homem de Deus achará junto com a repetição do entusiasmo e da férvida veneração, algo a mais no campo das maravilhas.

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma

A brevidade que me impus me proíbe de insistir nos pormenores, e, não só por causa dela, de demorar-me alguma vez nos fatos. Mas não me impede, agora que acenei à última viagem ao exterior, de fazer uma observação da mais alta importância. O último decênio da vida de Dom Bosco é marcado por um crescente multiplicar-se de fatos em que predomina o sobrenatural, e se passa de uma maravilha para outra. Quanto mais se aproxima do ocaso, mais o astro de bondade refulge com esplendores mais lindos e mais luminosos. O místico encontrará o porquê disso. O psicólogo quebrará a cabeça buscando-lhe uma explicação. Nós, que escrevemos história, atemo-nos ao fato e contentamo-nos com isso.

Os dez últimos anos foram também uma série ininterrupta de doenças que naquele homem, já tão alquebrado por um trabalho ímpar é indefeso, teriam bastado, cada uma delas, para abater-lhe a tenacíssima fibra herdada da natureza. Em 1884 o Professor Combal, de Montpellier, não tinha dúvidas em definir como milagroso e sem explicação o fato de Dom Bosco sobreviver a si mesmo. Nesse ano o Papa Leão XIII lhe impunha em nome de Deus e da Igreja a obrigação de cuidar de si e repousar. O homem de Deus obedeceu até um certo ponto, que era nada menos que o trabalho ordinário de um homem laborioso. Caminhar tinha-se tornando um esforço para ele. Um olho (oh! os belos olhos que tinha quando criança!) podia-se considerar perdido. A voz respondia somente à imperiosa vontade de dizer ainda uma palavra de vida. "Todos os órgãos vitais mais importantes estavam comprometidos", escreve o seu médico. O quadro clínico por ele descrito é a demonstração evidente da impossibilidade de Dom Bosco continuar com vida. E no entanto, vivia. Quando lhe examinaram o corpo morto, encontraram sua carne atormentada por uma áspera aflição que durava havia trinta anos, contraída atendendo aos doentes.

E no entanto, era necessário que ele estivesse presente, era preciso que ele agisse. Porque justamente no último decênio, aos demais empreendimentos grandiosos que se foram sobrepondo um ao outro na expansão de sua obra, acrescentou-se o encargo pesado e a opriamente preocupação quotidiana da igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Roma. Era a terceira que ele edificava, tendo concluído em 1882 a de S. João Evangelista, em Turim.

Em 1880, numa audiência de 5 de abril, Leão XIII lhe confiava a ereção daquela igreja no Castro Pretório. Iniciada ainda por Pio IX, e retomada pelo seu sucessor, por anos e anos se viera arrastando sem esperança de chegar a bom termo, embora se houvesse lançado um

apelo aos bispos de toda a Cristandade e tivesse sido empregada, e até exaurida, toda a boa vontade do laicato católico de Roma e a do mesmo Colégio cardinalício. É uma lembrança um pouco triste, mormente quando se pensa que isso acontecia naquela Roma que é monumentalmente grande por obra dos Papas! O cardeal Alimonda, numa reunião dos cardeais com a presença do Pontífice, indicara Dom Bosco como o único homem capaz de levar aquela empresa a bom termo.

Se é lícito um pouco de humorismo em meio a coisas tão grandes e tão graves, direi que Dom Bosco nem sonhava com essa!

Dedicou-se à obra com todo o fervor, com o mais ardente amor, porque era o Vigário de Cristo que o queria, porque a idéia era bela, porque, enfim, amava a Jesus invocado daquela maneira. Mas o empreendimento pesou-lhe nos ombros mais que qualquer outro. Num último esforço, recolheu suas já gastas energias, concentrou a mente já tão sobrecarregada, em novas indústrias geniais, pôs todo o mundo de seus colaboradores a trabalhar, lançou loterias, percorreu a França pedindo ajuda.

E conseguiu. A construção engoliu de quatro a cinco milhões: os alicerces, como foi demonstrado, chegam até 25 metros de profundidade. Os milhões foram encontrados. Mas foi incrível o trabalho para conseguir o dinheiro. E se Deus tinha em seus destinos que um esforço sobre-humano deveria quebrar a cadeia de milagres que mantinha em vida aquele trabalhador indomável, este certamente o fez.

E no dia 14 de maio de 1887 Dom Bosco estava em Roma e assistia, entre lágrimas de ternura, a consagração da Igreja. Seus filhos do Oratório de Turim cantavam naquele dia naquela igreja nova de Roma. Chorou quando celebrou a missa. Pensava no sonho dos nove anos...

Essa foi a última de suas viagens. Anunciou a Leão XIII que agora seu fim estava próximo. Por essa única vez, não quis acreditar na palavra do Sumo Pontífice, que amavelmente queria distraí-lo dessa idéia. O Papa, porém, acreditou na sua palavra. A 23 de maio, dez dias depois desse último colóquio, a voz do Pai de todos os fiéis fazia ouvir um primeiro convite à *concliação* com a Itália. A última palavra de Dom Bosco tinha sido para reconciliar com Deus a sua Pátria.

Os últimos dias

Voltou a Turim. Aqui o esperava ainda uma consolação. Um padre chileno, venerando e muito douto, e um príncipe polaco, Augusto Czartoryski¹⁰⁸, aparentado com as mais augustas casas reais da Europa (como está registrado no Almanaque de Gotha), pediam ao Papa para serem admitidos na Congregação — tão humilde, com um jeito de vida tão à moda do povo e tão popular — dos filhos de Dom Bosco.

Com eles se iniciava toda uma série de vocações do novo mundo e daquela Polônia que foi tão generosa em seu contributo ao trabalho salesiano, a primeira a che-

¹⁰⁸ Pe. Augusto CZARTORYSKI nasceu em Paris em 1858 e faleceu em Alássio em 1893. Herdeiro do trono da Polônia, o Servo de Deus renunciou a tudo para seguir sua vocação. Dom Bosco, porém, só o aceitou após ter o Papa Leão XIII recomendado que o fizesse. Salesiano em 1888. Padre em 1892. Pe. Czartoryski santificou-se na doença, na oração e na simplicidade de vida.

O sacerdote chileno era o Pe. Camilo ORTUZAR, nascido em Santiago do Chile em 1848 e falecido em Nice em 1895. Padre em 1871, ocupou cargos de importância na diocese. Deixou a Pátria, os parentes e os amigos para fazer-se salesiano em 1888. Professor em Valsállice, confessor do príncipe Czartoryski, dirigiu o *Boletim Salesiano* em castelhano.

gar, das nações eslavas. E agora o Primaz da Polônia é um salesiano, o cardeal Augusto Hlond ¹⁰⁹.

Finalmente, em 21 de dezembro, caiu de cama. O trabalho, as austeridades, as provações, as vigílias, as preocupações, as dores, as ansiedades, as comoções, as enfermidades passadas, desta vez conseguiram superar sua resistência prodigiosa.

Poucos dias antes tinha visto partir um grupo de missionários para o Equador. Logo depois D. Cagliero chegara inesperadamente da América, chamado pela voz do coração. Durante a doença, que não dava esperanças, à sua cabeceira vieram o cardeal Alimonda, o duque de Norfolk, diversos dos bispos mais ilustres da França, o arcebispo de Paris, D. Richard ¹¹⁰.

¹⁰⁹ O cardeal D. Augusto HLOND nasceu em Brzeckowice, Polônia, em 1881 e faleceu em Varsóvia em 1948. Salesiano em 1897. Doutor em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma. Redator do *Boletim Salesiano* em polonês, que teve início em 1898. Padre em 1905. Distinguiu-se como Diretor em Viena. Inspetor da Inspetoria Austríaca, de 1919 a 1922. Administrador Apostólico da Silésia polonesa de 22 a 25. Primeiro Bispo de Katowice em 1925. Arcebispo de Gniezno e Poznam e Primaz da Polônia em 1926. Cardeal em 1927. Arcebispo de Varsóvia. Perseguido durante a segunda guerra mundial, organizou a resistência dos poloneses da diáspora. Preso no fim da guerra pelos nazistas e libertado pelos aliados, voltou à Polônia, onde organizou a Igreja nos novos territórios do oeste da nação. Defendeu a dignidade da pessoa e a liberdade de religião.

¹¹⁰ O duque Enrique Fitzalan-Howard, de NORFOLK, nasceu em 1847 e faleceu em 1917. Um dos mais influentes membros da comunidade católica da Grã-Bretanha. Na ocasião estava em Turim, de passagem para Roma onde representaria a Rainha Vitória nos festejos jubilares de Leão XIII.

O cardeal D. Francisco-Maria Benjamim RICHARD nasceu em Nantes, em 1819 e faleceu em Paris em 1908. Padre em 1844. Foi vigário-geral da diocese de Nantes. Em 1871 foi eleito Bispo de Belley. Em 1875 é feito arcebispo titular de Larissa, na Grécia, e coadjutor de Paris. Sucedeu ao arcebispo de Paris em 1886. Cardeal do título de S. Maria in Via, em 1889.

Mas isso não lhe bastava. Queria ver seus filhos. Todos os oitocentos jovens do seu Oratório desfilaram junto de seu leito, beijando chorosos, pela última vez, a mão que já não conseguia levantar-se para apertá-los um a um ao coração...

Faleceu na manhãzinha de 31 de janeiro de 1888, às 4h45.

O mundo inteiro se comoveu. Os pobres choraram. Em menos de dois dias quarenta mil turinenses passaram para venerar seu corpo. O povo de Turim compareceu ao funeral, honrado pela presença de prelados, de autoridades da cidade e do Governo, com um cortejo de vinte mil pessoas. Mais de cem mil vieram manifestar ao grande, ao santo, o reconhecimento de uma cidade que ele tinha beneficiado e tornado gloriosa no mundo.

Seu primeiro repouso foi lá nas colinas, donde a cada dia surge o primeiro raio de sol para Turim; lá de onde ele descera, pobre e ignorado, para fazer resplandecer as obras da caridade de Deus. Lá, em Valsállice, onde, por elegante disposição da Divina Providência, nos últimos meses de sua vida tinha instituído o Seminário para as missões estrangeiras. "Sombream-no os salgueiros do vale e ao lado murmurava o regato". Da quietude ridente da verde colina, chegava até ele o chamado dos não longínquos pagãos.

Lá, por quarenta e um anos esteve a sua tumba. Foi adornada com reverente e sóbrio decoro mediante uma subscrição internacional. Ao redor dela se alternaram devotas peregrinações. Figueiros e chineses, bantos e árabes, indianos e negros, intelectuais e trabalhadores do campo, órfãos de guerra e menores carentes das metrópoles; quem o conhecia só pelo nome e quem se tinha aproximado pessoalmente dele, quem tinha uma fé e quem dela buscava o raiar. Parecia que combinavam encontrar-se lá para confiar-lhe seus segredos e dizer-lhe de sua confiança. E começou a Glória.

A glorificação de Dom Bosco

Os Bollandistas, que ele possuía na mente e no coração, chamam *Glória póstuma* as páginas das hagiografias onde se recolhem as notícias do culto e da glorificação que cada santo teve através dos séculos.

Poderíamos também nós fazer o mesmo em relação a Dom Bosco. Não é demais afirmar que os anos passados do fim de sua vida até hoje valem por séculos. Não apenas pelo afeto crescente que lhe dedicou o seu mundo e o mundo que lhe foi estranho e em que o povo já o proclamava santo como em outros tempos e achava demasiada a demora de sua canonização. Mas porque, depois dele, sua glória se foi multiplicando entre as pessoas e em todos os países, como se idades inteiras estivessem trabalhando para construí-la. Falo dos fatos que, de lá até hoje, intervieram para documentar com a assinatura de Deus a sua santidade: as graças sem número que foram obtidas com a invocação de seu nome. E falo da indiscutível fama de santidade gerada em cada um que por pouco tenha ouvido falar dele.

Mas a Igreja vai escrupulosamente em busca não só da verdade, mas também das provas da verdade. Submete, por isso, a vida de seus santos e a mesma glória póstuma deles à pesquisa mais minuciosa e às provas jurídicas mais rigorosas, até chegar à certeza jurídica plena dos fatos e das provas.

Para um *Servo de Deus* que viveu como ele uma vida longa, na qual cada hora deixou sua palavra para a história, e todas se passaram numa multiplicidade prodigiosa, multiplicando ações e obras, para uma vida como esta, que não se consegue jamais compendiar sem o desgosto de não poder relatar tudo quanto ela contém de belo e de grande, os poucos menos de quarenta anos passados em tal exame são, impõe-se que o digamos, muito poucos. Ninguém, além dos prelados e dos oficiais adidos do processo, poderá ter uma idéa

do volume de papéis que foram necessários e do trabalho que requereram.

Lembro umas poucas datas. Começou em junho de 1890 o processo informativo do ordinário. Em 24 de junho de 1907, Pio X decretava a introdução da causa, com o que se dava ao *Servo de Deus*, segundo o direito antigo, o título de *Venerável*. Em junho de 1909 tinha início o processo apostólico que, com várias outras formalidades interpostas, prolongou-se até 1927. Então, em 20 de fevereiro, o Papa Pio XI declarava que o Venerável tinha praticado as virtudes *em grau heróico*. Em 1929, no dia 19 de março, reconhecia os dois milagres escolhidos e aceitos como prova. Dia 21 de abril pronunciava o *Tuto procedi posse*, isto é, que se podia, com segurança, proceder à beatificação.

Naquelas sagradas reuniões, elevou-se vez por vez a voz do Pontífice amigo de Dom Bosco para esculpir no pensamento e na alma de todos os crentes os traços da grandeza não humana do homem que subia às honras dos altares.

Era o primeiro que o Vigário de Cristo glorificava naquele ano. Quase naquelas horas em que se realizara, com a conciliação da Itália com a Igreja, o desejo ardente de Dom Bosco, que por tantos anos a “implorara de Deus e dos homens”, “a figura do grande Servo de Deus se projetou no horizonte, não só de seu país mas também do mundo inteiro”.

Foi no dia 2 de junho daquele ano a proclamação solene e ritual na Basílica Vaticana. O Papa para lá desceu a fim de venerar a imagem daquele que, quarenta e seis anos antes, ele tinha visto no campo do trabalho como um humilde padre a sorrir em meio às maravilhas de Deus.

Glorificação inaudita aquela de Roma. Impossível, para quem viveu aquele dia, descrever a multidão em S. Pedro, e as vinte mil cabeças de meninos e meninas

diante do Papa no pátio de S. Dâmaso e a participação espontânea de gente de toda a parte da Itália e da Europa.

Em 9 de junho, em Turim, Dom Bosco retorna à sua casa, à sua Nossa Senhora. Um cortejo que se estende por cinco quilômetros em meio à onda de meio milhão de pessoas, com todas as autoridades, com cinquenta bispos e arcebispos e seis cardeais, sob os olhos do príncipe do Piemonte e de outros príncipes de Sabóia, acompanha de Valsalice à Basílica de Maria Auxiliadora, numa comovida exaltação de afeto e de veneração popular, a urna com seus despojos mortais.

Daquele dia em diante, o cortejo não se interrompeu mais, e o povo continua sempre a desfilar em torno daquela urna. Vão até Dom Bosco, como um tempo se ia, e eu ia, aos seus pobres aposentos; e ele acolhe e responde com seus benefícios, como fazia então.

Não é imagem poética. Aos corações aflitos, às almas angustiadas, às orações do pranto, Dom Bosco responde, como outrora, com os milagres de sua bondade que, desta vez, são os portentos da onipotência de Deus. Dois destes foram “escolhidos entre muitos” para o rigoroso exame da Congregação dos Ritos e serviram para provar a conveniência de ser a santidade de Dom Bosco definida com o título mais alto e completo de *santo*.

Em 19 de novembro de 1933 foi lido o decreto que os aprovava. Dia 3 de dezembro pronunciou-se o *Tuto* para a canonização, e o Sumo Pontífice fixou a data de sua celebração para o dia da próxima Páscoa, 1.º de abril de 1934, juntamente com o encerramento do Ano Santo do XIX Centenário da Redenção.

É uma concorrência que quase nos deixa desorientados. Nenhum santo teve antes sanção tão solene e extraordinária. Mas tratando-se de Dom Bosco, disse o Papa, o extraordinário quase que se tornou natural e

ordinário. A grandeza de Mistério da Páscoa e da recordação secular da Redenção não oculta a luz do santo. O próprio Pontífice iluminou suas ligações e correlações em seu discurso por ocasião do decreto sobre os milagres, dizendo que “pelo contrário, é exatamente isso que o explica: ele teve de Deus o mandato específico, a missão particular de continuar a obra da Redenção, de difundir e aplicar sempre mais larga e copiosamente seus frutos às almas”. E seu pensamento se voltava para “as almas por Dom Bosco chamadas à Redenção durante sua vida” e àquelas que ainda são chamadas por obra de seus continuadores, querendo que permanecesse esta tão grande palavra do amor às almas, que ao Divino Redentor “tanto aproximou seu fiel, valoroso e eficaz operário, Dom Bosco”. Após tais palavras, a coincidência das duas celebrações se torna quase natural.

Eu desejaria trazer ainda muitas outras palavras desse admirável Pontífice que imprimem indelevelmente na história a glória de Dom Bosco, e a forma e as razões profundas dessa glória, que é luz de santidade e esplendor de grandeza. Cinco vezes expressamente, no estilo e solene do Magistério supremo da Igreja, muitas outras em celebrações e ocasiões diversas, Pio XI falou de Dom Bosco. Ele o compreendeu tão profundamente e o amou como talvez nenhum Pontífice tenha jamais amado um santo.

É grato para mim recordá-lo nestas últimas páginas, justamente porque a palavra do Papa recolhe e sintetiza o pensamento e o sentimento com que vem sendo conduzido este desenho que fui rabiscando com os traços sumários de uma história maravilhosa e verdadeira, que se conclui com a verdade do que é maravilhoso.

Justamente assim, e é a visão do mesmo Pontífice. “Quando se pensa, direi citando e resumindo palavras suas, na roça solitária, na pobre morada dos Becchi, onde o menino pobre apascentava o rebanho paterno, e nos primeiros, pequenos inícios de sua obra que não

encontra seu lugar de pousada e nas horas sérias e preocupadas de Valdocco; quando se pensa nas grandes obras a que ele dá a vida do nada mesmo... e depois se olha para o desenvolvimento maravilhoso de seus empreendimentos, surgidos um do outro como a árvore gigantesca de uma pequena semente, e para a magnífica fecundidade e viço da vida que as permeia e as anima do seu espírito: quando se dirige o olhar para o exército dos filhos e das filhas do Bem-aventurado, que sobem a dezenove mil: para as mil e quatrocentas casas, em oitenta províncias, espalhadas pelo mundo, para os milhares e milhares de igrejas, capelas, internatos, colégios, oficinas, para as centenas de milhares de alunos, para os vários milhões de Ex-alunos, para o crescente milhão de cooperadores, para os dezessete vastos territórios de missão e para as quarenta missões auxiliares: quando se reflete sobre tudo isso, não se pode senão ficar verdadeiramente atônito como diante de um dos mais extraordinários milagres”.

É uma estatística de glória que se traduz num colosso de benéfica grandeza. Construídas com o gênio da bondade, grandezas como essa passam através do mundo suscitando admiração cheia de simpatia, de reconhecimento, de bênção; e seu nome será abençoado pelos séculos. Assim, ficará como uma bênção através dos séculos o nome de Dom Bosco.

A auréola que coroa sua figura de *santo* confirma e sela para sempre a sua glória, que “é glória da Itália (tenho prazer em dizê-lo com a augusta palavra) e, coisa imensamente maior, glória de toda a Igreja Católica”. “É glória de toda a humanidade, porquanto glórias como essa não pertencem a um único povo, mas são fruto de todo o gênero humano e pertencem a toda a humanidade redimida!”

Diante de tais santos inclina-se também o mundo que não reza, porque sua santidade é grandeza de bon-

dade. Uma grandeza indefectível, porque fundada no reconhecimento e na gratidão de todos os seres que, em todos os tempos, sempre precisarão da bondade.

Questões para compreensão e aplicação do texto:

43. *O que significou a Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora para a obra educacional de Dom Bosco?*

44. *Apresente duas diferenças fundamentais entre o assistente salesiano e o inspetor de alunos, ou equivalente, das escolas de Estado.*

45. *Como surgiu o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora?*

46. *Qual o motivo pelo qual a obra salesiana criou formas tão variadas de vida e ação nas diversas partes do mundo?*

47. *Indique três aspectos da obra de Maria Auxiliadora que fazem dela um exemplo típico de orientação e encaminhamento vocacional.*

48. *Quais os dois objetivos principais das missões no exterior?*

49. *Conhece algum livro de grande valor científico publicado por missionários salesianos e que descreve língua, usos e costumes de índios brasileiros?*

50. *Como Dom Bosco encontrava meios para sustentar suas múltiplas iniciativas?*

51. *Qual a relação entre o Sistema Educativo de Dom Bosco e o Mistério da Páscoa da Ressurreição?*

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
01051 — SÃO PAULO — SP



Editora Salesiana
DOM BOSCO